

**JANICE ESTARLINO VIDAL**

**TEMPO DE FOLIA: UM ESTUDO DO CARNAVAL EM PONTE NOVA- MG NA  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

**VIÇOSA - MINAS GERAIS  
2019**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

V648t  
2019 Vidal, Janice Estarlino, 1992-  
Tempo de folia : um estudo do carnaval em Ponte Nova-  
MG na primeira metade do século XX / Janice Estarlino Vidal. –  
Viçosa, MG, 2019.

181 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Inclui apêndice.

Orientador: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 136-140.

1. Carnaval - Ponte Nova (MG). 2. Paisagens culturais.  
3. Cultura popular. I. Universidade Federal de Viçosa.  
Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em  
Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 394.25098151

**JANICE ESTARLINO VIDAL**

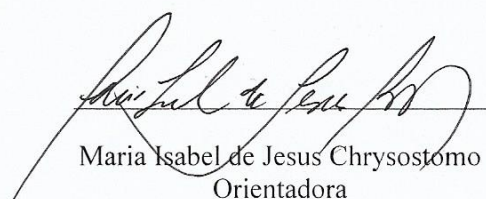
**TEMPO DE FOLIA: UM ESTUDO DO CARNAVAL EM PONTE NOVA- MG NA  
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 20 de setembro de 2019

Assentimento:

  
Janice Estarlineno Vidal  
Autora

  
Maria Isabel de Jesus Chrysostomo  
Orientadora

Dedico este trabalho:

Aos meus pais: João Evangelista Vidal e Marilda Aparecida Estarlino Vidal que sempre me impulsionaram e deram suporte às minhas conquistas.

Aos ancestrais negros, por toda coragem de resistir.

Agradeço à:

Todos os meus professores, por contribuírem na minha formação;

Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, por partilhar comigo seus conhecimentos e pela paciência em me orientar de forma sempre muito humana;

Universidade Federal de Viçosa pelas excelentes experiências pessoais e acadêmicas que me proporcionou ao longo dos anos;

Meus colegas do Mestrado, por tornarem mais divertidos os momentos de aula e pesquisa;

Vinícius, Larissa e meus irmãos, pelo estímulo e companheirismo;

Deus, pela vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## RESUMO

Vidal, Janice Estarlino, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2019. **Tempo de folia: Um estudo do Carnaval em Ponte Nova-MG na primeira metade do século XX.** Orientadora: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

O presente trabalho aborda o Carnaval em Ponte Nova- MG, na primeira metade do século XX. Durante as pesquisas sobre as manifestações carnavalescas no município, percebemos que ele apresentou similaridades com as formas momescas de diferentes localidades do Brasil, tendo apresentado, por exemplo, Ranchos, Blocos, Cordões, Bailes e Escolas de Samba. A pesquisa teve o intuito de compreender como era brincado o Carnaval pelos segmentos mais pobres desse período, especialmente pelo fato da configuração populacional do município relacionar-se fortemente com a diáspora negra e pela proximidade do recorte temporal com a abolição da escravidão. Utilizamos conceitos como Paisagem, Território e Festa em nossa análise sobre o Carnaval, assim como problematizamos as relações sociais engendradas através dele. Por meio das pesquisas identificamos que o Carnaval, enquanto produto social é capaz de revelar características da sociedade que o produz, tais como cultura, identidade, preconceito e segregação. Abordamos a importância dessa prática cultural, que possui entre suas funções: a diversão, que ameniza o cotidiano e ao mesmo tempo, é um suporte para que ele se perpetue; a criação ou intensificação de vínculos sociais, que são impulsionados pelas relações de amizade, solidariedade e cooperação que emergem no fazer a festa; a propagação cultural que auxilia a manutenção das identidades; a visibilidade de grupos sociais oprimidos ou marginalizados e a função de valorizar, bem como desenvolver a autovalorização das pessoas que são constantemente inferiorizadas. Além disso, como resultado da pesquisa foi desenvolvido um livreto paradidático que vincula a festa carnavalesca com a Geografia. O objetivo é que tal material seja um apoio que possa ser incorporado no processo de ensino-aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Paisagem Cultural. Carnaval. Cultura Popular.

## ABSTRACT

Vidal, Janice Estarlino, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, September, 2019. **Time of revelry: A Carnival study in Ponte Nova-MG in the first half of the twentieth century.** Advisor: Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.

A present work addressing the carnival in Ponte Nova-MG in the first half of the twentieth century. During the research on carnival manifestations in the municipality, it was noticed the presence of forms like the different localities of Brazil, having presented, for example, Ranchos, Blocks, Cords, Balls and Samba Schools. The research aimed to understand what was the love of carnivals longer than the naughty, especially because the life of the municipality was difficult with the black diaspora, and the proximity to the temporal with the abolition of slavery. We use concepts such as Landscape, Territory and Party in our analysis of Carnival, as well as discussions about social issues through it. We start from the assumption and through the endeavors confirm that carnival as a social product is able to reveal characteristics of the society they produce, such as culture, identity, prejudice and segregation. It encompasses a practice of this cultural practice, which enters into its functions: a fun, which softens the daily life and at the same time, is a support for it to be perpetually; a creation or intensification of social bonds, which are driven by the relations of friendship, solidarity and cooperation that emerge in having a party; a cultural spread that aids the maintenance of identities; The visibility of social or marginalized groups and a valuing function, as well as the development of a self-valorization of people who are inferiorly generated. In addition, as a result of the research, a paradigmatic book linking a carnival celebration with Geography. Is the material that is being supported in the teaching-learning process.

**Keywords:** Cultural Landscape. Carnival. Popular Culture

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Casarão de 1926- Avenida Caetano Marinho, Ponte Nova- MG. ....	19
Figura 2- Casarão de 1912 - Avenida Caetano Marinho, Ponte Nova- MG.- .....	19
Figura 3- Cena de carnaval.....	44
Figura 4-Cucumbis .....	47
Figura 5- Mapa de Localização de Ponte Nova.....	63
Figura 6-Ruínas da Fazenda Quebra-Canoas. ....	65
Figura 7-Certidão de Autodefinição- Fundação Cultural Palmares .....	67
Figura 8- Nota de Jornal: Vagabundagem, cangerê...com a polícia.....	68
Figura 9-Bairro Nossa Senhora de Fátima- Ponte Nova. ....	69
Figura 10- Trecho da estrada de acesso à Nogueira. ....	70
Figura 11-Comunidade Nogueira .....	71
Figura 12-Grupo de Zé-Pereira: Amor tem fogo.....	74
Figura 13-Poema: Está chegando a hora de “nóis espaiá” .....	77
Figura 14 -Samba Escolar.....	78
Figura 15- Eu sò quero é beliscá .....	79
Figura 16-Trecho da Avenida Caetano Marinho- Ponte Nova.....	81
Figura 17-Letra de música do Clube Democrata.....	82
Figura 18-Avenida Caetano Marinho, com destaque para o cinema Brasil, onde se encontra o anúncio de filme. ....	84
Figura 19-Letra de Música Carnavalesca .....	85
Figura 20-Letra de música carnavalesca .....	85
Figura 21-Homenagem do Clube Democrata ao político Antônio Carlos Andrada.....	86
Figura 22- Nota de descontentamento aos carregadores .....	95
Figura 23-Descrição de uma festa: Baile de orgia e seu “maxixe diabólico” .....	97
Figura 24- Notícia: Vestido de mulher .....	98
Figura 25-Nota de falecimento .....	99
Figura 26- Mapa dos Principais locais de preparação e de realização da festa de Carnaval em Ponte Nova- MG na primeira metade do século XX.....	107

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1-População dos municípios da Zona da Mata de Minas Gerais em 1872.....	64
Tabela 2-Escolas de Samba de Ponte Nova.....	107

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>PARTE I.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: PAISAGEM E ESPAÇO NO TEMPO FESTIVO.....</b>	<b>14</b>
1.1 PAISAGEM, FESTA E IDENTIDADE.....	15
1.2 PAISAGEM E CULTURA .....	23
1.3 MEMÓRIAS, ESPAÇO PÚBLICO E FESTAS .....	29
<b>CAPÍTULO 2: É CARNAVAL: NUANCES DA FESTA.....</b>	<b>38</b>
2.1 ENTRUDO: PRIMÓRDIOS DO CARNAVAL .....	40
2.2 CUCUMBIS: A INFLUÊNCIA NEGRA NO CARNAVAL.....	45
2.3 GRANDE CARNAVAL, CORDÕES, RANCHOS, ZÉ-PEREIRAS E ESCOLAS DE SAMBA: NUANCES DA FESTA.....	47
2.4 O SAMBA NO CARNAVAL, A IDENTIDADE NEGRA NA FESTA. ....	54
<b>CAPÍTULO 3: O FESTEJAR EM PONTE NOVA .....</b>	<b>61</b>
3.1 MATRIZES DO CARNAVAL E DO SAMBA: A POPULAÇÃO NEGRA EM PONTE NOVA .....	62
3.2 AS DIFERENTES FORMAS DE FESTEJAR EM PONTE NOVA .....	72
3.3 FORMAS DE SE DIVERTIR, FORMAS DE REPRIMIR.....	89
<b>CAPÍTULO 4: A POPULAÇÃO NEGRA NO CARNAVAL PONTE-NOVENSE.....</b>	<b>93</b>
4.1- DISCURSO HIGIENISTA COMO FORMA DE REPRODUZIR PRÁTICAS RACISTAS EM PONTE NOVA.....	94
4.2- 60 ANOS APÓS A ABOLIÇÃO: DESCENDESTES DE ESCRAVIZADOS NA CENTRALIDADE DA FESTA.....	100
4.3- CARNAVAL E VISIBILIDADE .....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>PARTE II .....</b>	<b>113</b>
<b>CAPÍTULO 5: O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL .....</b>	<b>114</b>
5.1-ABORDAGENS DE ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL .....	115
5.2- TEMAS VÍNCULADOS AO LIVRETO .....	121
5.3- PÚBLICO ALVO.....	122
5.4- OBJETIVO.....	123
5.5- METODOLOGIA E JUSTIFICATIVA .....	124
5.6- O LIVRETO PARADIDÁTICO E O ENSINO .....	126
5.7- CONEXÕES: DISSERTAÇÃO E O LIVRETO PARADIDÁTICO.....	130
5.8- ALÉM DA UNIVERSIDADE: A DISSERTAÇÃO E A SOCIEDADE.....	130
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>132</b>

<b>FONTES:</b> .....	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</b> .....	<b>136</b>
<b>ANEXO 1- Entrevistas</b> .....	<b>141</b>
<b>ANEXO 2- Jornais Pesquisados</b> .....	<b>150</b>
<b>ANEXO 3- Livreto Paradidático</b> .....	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se dedica a estudar as festividades de Carnaval em Ponte Nova-MG, ocorridas ao longo da primeira metade do século XX, com o intuito de compreender a participação da população negra nesta festa carnavalesca. O interesse pelo estudo dos aspectos culturais relacionados à população negra surgiu nos primeiros anos da graduação desta pesquisadora no curso de Geografia e foi estimulado pelos projetos de extensão desenvolvidos no Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, tais como o PROEXT<sup>1</sup> intitulado “Grafias Negras na Zona da Mata Mineira” e o PIBEX designado “Educação para diversidade e resistência Étnico Racial”.

Nos projetos de extensão, realizaram-se pesquisas sobre diferentes manifestações culturais de origem afro-brasileira, bem como promoveu-se a abordagem da cultura negra em escolas. Acredita-se que o debate sobre a cultura de matriz africana e suas influências é um ponto positivo, pois valoriza os costumes de um povo que ainda hoje sente as adversidades provindas da escravidão.

Esse trabalho também se relaciona à monografia *O território do samba em Ponte Nova- MG: marca da resistência de um passado escravocrata*<sup>2</sup>, cujo objeto de estudo consistiu em estudar uma tradicional Escola de Samba de Ponte Nova: a Academia de Samba do Bairro de Fátima. A partir da observação dessa Escola, tal pesquisa apresentou discussões sobre o samba no Carnaval do referido município, tendo como recorte temporal os anos que se estendem de 1950 a 2015. Identificou-se, ainda, que a presença da festa é de longa data na localidade, sendo encontrados relatos dessa manifestação no início do século XX.

A descoberta dessas informações me motivou a aprofundar pesquisas sobre as manifestações carnavalescas de Ponte Nova que antecederam e influenciaram as Escolas de Samba, com a preocupação de evidenciar a participação ou até mesmo de problematizar a falta da participação da população negra na festa de Carnaval.

---

<sup>1</sup> PROEXT e PIBEX são projetos de extensão realizados no âmbito das políticas governamentais brasileiras que visam aproximar o saber popular e os conhecimentos científicos. Os projetos que participei durante o período de 2012 a 2015 foram coordenados pelas professoras Maria Isabel de Jesus Chrysostomo e Janete Regina de Oliveira. A partir das pesquisas realizadas, organizamos oficinas nas escolas públicas de Ponte Nova e Coimbra com temas como: diáspora negra, culinária, religiosidade e musicalidade de matriz africana. As intervenções com alunos da educação básica atingiu a proposta dos projetos de extensão, que é de estender as pesquisas além da Universidade e ainda contribuíram para colocar em prática a Lei 10.639/2003 que tornava obrigatório o ensino de história da África e africanos em todas as escolas brasileiras.

<sup>2</sup> Trabalho de monografia *O Território Do Samba Em Ponte Nova MG: Marca Da Resistência De Um Passado Escravocrata*, de minha autoria e sob orientação da professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo, apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, em 2016.

Este recorte temporal foi estabelecido em função de diversos eventos festivos noticiados na imprensa de Ponte Nova nos quais era possível observar, a princípio, características que categorizavam a festa como elitista, fechada em clubes e ao som de orquestras. Entretanto, isso não significa que as camadas populares não vivenciavam o Carnaval. Provavelmente o festejavam, porém, sem receber destaque em jornais. Ao longo dessa pesquisa, discutimos as manifestações carnavalescas “fechadas” e realizamos uma comparação analítica com o Carnaval popular. A festa de Carnaval é o elemento central da análise, através dela foram problematizadas temáticas como: cultura, identidade, Território, Territorialidade, Paisagem e relações sociais.

Dentre os conteúdos que foram pesquisados e discutidos, está a alteração da Territorialidade do espaço público, uma vez que, em determinado momento, durante o Carnaval de rua, as avenidas adquirem outro fim. São ocupadas por sujeitos que cotidianamente são apenas passantes do espaço. Há também uma mudança do poder pelo Espaço, uma vez que locais nobres da cidade, geralmente ocupados por pessoas com melhores condições financeiras, tornam-se o Território popular no decorrer das festas. Além disso, faz-se necessário ressaltar a criação de uma Paisagem efêmera, produzida no momento festivo, com demarcação de início e fim, formada pelas características físicas e acrescentadas a elas, os elementos invisíveis, como sons, cheiros característicos e as relações sociais estabelecidas no espaço festivo, como de amizade e solidariedade na preparação da festa.

Discutimos a participação popular na festa, quando esta ganha as ruas e o posicionamento da elite ponte-novense em relação às manifestações com a presença de pobres e negros. Partimos do pressuposto da existência de divergências entre a elite e a camada popular (formada por ex-escravizados e seus descendentes), haja vista que se trata de um município onde se formou uma parcela populacional de elevado nível econômico em função especialmente de atividades agrícolas e que fez uso por séculos de mão-de-obra escravizada.

Como metodologia de desenvolvimento da pesquisa, realizamos entrevistas com ponte-novenses que possuíam relação estreita com as Escolas de Samba e que têm entendimento sobre o Carnaval na localidade. Foram realizadas duas entrevistas com moradores do Bairro Nossa Senhora de Fátima, que participaram do Carnaval local através de Escolas de Samba. Uma dessas entrevistas foi realizada com Carlos Pinto da Paixão, filho de “Totinho” um incentivador da Escola de Samba Vila Cruzeiro (bairro de Fátima) no início do século XX e a outra com Rivalino Antônio da Silva um senhor de 93 anos, que foi membro e organizador da mesma Escola de Samba. A terceira entrevista foi feita com Olegário Lopes, atual funcionário da Secretaria de Cultura de Ponte Nova, personalidade atuante no festejo,

tendo sido Rei Momo por 13 anos. A quarta entrevista foi desenvolvida com Paulo Gali, ex-presidente da Escola de Samba “Academia de Samba do Bairro de Fátima”.

Ao discorrer sobre o Carnaval de Ponte Nova, fez-se necessário tecer sobre a formação populacional do local, para isso, dentre as informações que apresentamos, evidenciamos o quantitativo de escravizados na localidade, pois a cultura negra se fez presente no Carnaval ponte-novense no recorte temporal definido.

Para compreender as diferentes formas de festejar o Carnaval em Ponte Nova, também fizemos uso de informações contidas na mídia impressa. Sendo assim, analisamos reportagens de jornais da primeira metade do século XX, em conformidade com o recorte temporal estabelecido. Os periódicos são parte do acervo do Arquivo Público de Ponte Nova, localizado no prédio da Prefeitura.

Os principais jornais usados no desenvolvimento desse trabalho são: *A Notícia*, *Correio da Semana*, *Correio da Mata*, *Jornal do Povo*, *O Município*, *O Piranga* e *Gazeta da Mata*. No entanto, vale ressaltar que esses periódicos não correspondem à totalidade, uma vez que, conforme aponta Sheikk, “no final do século XIX, começaram a circular os primeiros jornais em Ponte Nova, e até a década de 50 do século XX, tem-se conhecimento aproximado de 33 periódicos”<sup>3</sup>.

Como resultado da pesquisa desenvolvida, elaboramos um livreto com temas geográficos sob a perspectiva do Carnaval, contendo neste, além de conceitos, abordagens e problematizações, sugestões metodológicas para que o assunto seja trabalhado nas escolas. O material descrito é uma alternativa para impulsionar o despertar de interesse dos alunos em relação à cultura local. O material paradidático proposto poderá também auxiliar a abordagem sobre a população brasileira e as contribuições africanas no processo de miscigenação do Brasil.

---

<sup>3</sup> SHEIKK, Luciano. **A História da Literatura em Ponte Nova**. Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova- ALEPON, 1ª edição, 2013, p. 48.

## **PARTE I**

## CAPÍTULO 1:

### PAISAGEM E ESPAÇO NO TEMPO FESTIVO

Para dar início a nossa discussão sobre a festa de Carnaval e como essa se engendra no Espaço, analisaremos os conceitos geográficos Paisagem e Território. O arcabouço teórico sobre ambos é amplo, no entanto, serão problematizados mediante a perspectiva cultural, ou seja, considerando os elementos subjetivos que os constituem e que se mostram presentes no tempo e espaço das festividades.

O momento festivo tem a capacidade de alterar as Paisagens, deixando-as completamente distintas do tempo cotidiano. De maneira simples, compreendemos as Paisagens como tudo o que podemos observar, sentir, ouvir e perceber em uma porção do Espaço Geográfico. Dizemos que as festas proporcionam outra modulação às Paisagens, pois, em sua duração, há a intensificação das emoções, seja em sua preparação ou no seu ápice, que é o momento do festejar, de forma que o que ordinariamente é calmo se efervesce: são vozes, cantos, contatos, afetos e ornamentação que se sobressaem gerando uma nova configuração da Paisagem.

A Paisagem que se forma em função das festas tem a característica da efemeridade, pois emergem apenas no tempo festivo, haja vista que ocorre uma refuncionalização de ruas, praças e avenidas, alteração material e simbólica dos Espaços nos quais forjam relações de cooperação, solidariedade e amizade, criadas ou fortalecidas pelo evento e se desfazem ou se enfraquecem quando esse acaba. No entanto, ressurgem quando há uma nova preparação da festividade, como acontece no caso do Carnaval, que ocorre anualmente.

A festa também altera as relações de poder sobre o Espaço, uma vez que esse é apropriado pelos festeiros, que no período cotidiano não desenvolvem a mesma relação de posse por ele. Sendo assim, o que antes era apenas local de passagem, torna-se um local ocupado por determinado grupo, mesmo que seja por um período previamente estabelecido.

Assim, determinada população apossa e faz desse Espaço seu Território, conseqüentemente, atribui a ele suas características, seu modo de festejar, seu corpo, seus movimentos e sua música. A constituição dos Territórios e sua territorialização, nunca são totalmente aprovadas, sempre há pessoas que se opõem a eles, acarretando em disputas, mesmo que simbólicas, pelo controle do Espaço.

Os conceitos Paisagem e Território se apresentam relevantes para a compreensão dos acontecimentos que emergem no tempo e espaço festivo, já que, a festa é realizada em um

Território e nesse, é constituída uma Paisagem. Tanto a formação dos Territórios quanto das Paisagens tem como palco o Espaço Geográfico e são desenvolvidas em um tempo findável, marcado no calendário. A festividade detém características únicas, que a distingue do cotidiano. Até mesmo uma festa carnavalesca, a qual se repete anualmente, é formadora, a cada ano, de uma Paisagem única, pois as Paisagens festivas nunca se repetem de forma idêntica.

As festas populares transmitem características identitárias e de valores relacionados aos seus criadores. O estudo do Carnaval e de tantas outras manifestações sociais não é possível apenas com métodos de mensuração, pois os simbolismos presentes não se reduzem a números, precisam também ser sentidos e interpretados levando em consideração os valores do grupo, suas indagações, sua posição na sociedade, sua história etc.

No estudo das festas, as pensaremos como tempo de divertimento e momento de efervescência social, no sentido de encontros, conflitos, união, demarcação de Território (físico e simbólico), simbolismos e identidades.

## **1.1 Paisagem, festa e identidade**

Pretendemos, neste item, realizar discussões referentes às Paisagens efêmeras que emergem nos contextos das festas. Essas Paisagens surgem da participação popular e se produzem quando os sujeitos imprimem suas características identitárias no Espaço.

A abordagem sobre festas populares nos permite desenvolver análises sobre um momento de vivência social relacionado essencialmente ao divertimento, porém, aliado a ele, surgem outras questões, como cultura, Paisagem, controle do Espaço, coesão social e identidade.

Nesta dissertação, empregamos o conceito de festa para ilustrar uma de suas modalidades mais conhecidas no Brasil: o Carnaval. Também utilizamos o conceito de Paisagem, pois a festa carnavalesca imprime características que nos fazem perceber o Espaço de forma distinta da que o percebemos cotidianamente.

Todos nós já participamos de uma festa, mas nem sempre refletimos sobre ela. Pensar em festas é refletir sobre alegria, sobre o extraordinário, comemoração, diversão e sociedade. Não há uma festa contendo apenas um indivíduo, ela precisa de um grupo com intenções similares para acontecer. Da mesma forma que uma festa sem alegria ou diversão é uma festa

incompleta. As festas podem ser consideradas acontecimentos que criam uma ruptura, pois, se desdobram num tempo extraordinário, que difere do dia-a-dia.

Rita Amaral<sup>4</sup>, em texto sob o título *A festa como objeto e como conceito*, introdução de seu livro, descreve que, segundo Durkheim<sup>5</sup>, durante o divertimento propiciado por uma festa, o indivíduo passa a ser dominado pelo coletivo, ou seja, as características individuais desaparecem, sobressaindo-se a identidade grupal. Amaral<sup>6</sup> considera também a ponderação de Maffesoli, o qual compreende que as festas e o êxtase vinculado a elas agem em oposição à individualização, pois atuam justamente fortalecendo as relações comunitárias.

As festas são vivenciadas de modo coletivo, atuam de forma a reforçar as características que fazem indivíduos serem considerados um grupo. Sendo assim, nas festividades, toca-se uma música que agrada ao grupo; quando há escolha de vestimentas para as festas, escolhe-se roupas aceitáveis pelo grupo; as danças realizadas são aquelas com as quais o grupo se identifica. Como exemplo do exposto, podemos citar os carnavais de bailes promovidos pelos clubes ponte-novenses na primeira metade do século XX, nos quais tinha-se um requinte que era vislumbrado pela elite, músicas, roupas e danças que a elite de Ponte Nova se identificava ou pelo menos tentava construir a identificação. Outro caso consiste nos Zé-Pereiras, do mesmo período, que era uma manifestação carnavalesca com a qual a massa populacional se identificava, seja por seu caráter mais acessível ou pela musicalidade nada discreta advinda de instrumentos de percussão.

Rita Amaral problematiza ainda as formas de festejar no Brasil questionando se há uma decadência das festas, haja vista, que a reprodução das festas poderia gerar um desinteresse por elas, para essa pergunta, a resposta da autora é uma negativa, pois segundo Rita Amaral, as festas no Brasil “crescem em todos os sentidos e as elites voltam a elas, sendo comum vê-las nos carnavais e forrós”<sup>7</sup>. Portanto, não há um esvaziamento das festas. O que ocorre é que estas são constantemente reinventadas para se adaptarem às transformações econômicas, sociais e culturais.

Embora as festas sejam algo comum na sociedade, Rita Amaral aponta a escassez de discussões teóricas sobre as dimensões delas. Apesar de apresentar autores que teceram sobre o assunto e as suas indagações<sup>8</sup>, a autora discute que ainda existe um percurso a seguir, propondo que se busquem as especificidades da festa. Para ela, fala-se muito sobre festa,

<sup>4</sup> AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira: Significados do festejar no país que “não é sério”**. São Paulo: Editora da USP. 1998.

<sup>5</sup> DURKHEIM, 1969 *apud* AMARAL, 1998. **Ibidem.**

<sup>6</sup> MAFFESOLI, 1985 *apud* AMARAL, 1998. **Ibidem.**

<sup>7</sup> AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Op. Cit.** p.34.

<sup>8</sup> AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Op. Cit.** p.34.

inclusive no senso comum, mas pouco se teoriza, sendo que sua contribuição é ampla para diferentes campos. Notoriamente, há relação com a cultura e a preservação dos valores culturais.

Thiago Silva<sup>9</sup> possui visões semelhantes à de Rita Amaral. O autor apresenta dois problemas que foram identificados da bibliografia sobre festas: 1) existe um imenso número de trabalhos, geralmente descritivos, muitos deles fazendo uso de conceitos já abandonados; 2) há pequena proporção de reflexões teóricas sobre as festas.

Quando os autores problematizam as teorizações referentes às festas, eles propõem que busquemos suas especificidades. Amaral e Silva sugerem a pesquisa sobre as várias festas existentes, lembrando que mesmo aquelas que se repetem no calendário, cada vez que são (re) produzidas, surgem particularidades que as distinguem de suas configurações anteriores. Nas festas, são impressas características dos pensamentos da sociedade que as cria naquele momento.

Tiago Silva discute também o fato de que, comumente, a festa é vinculada ao divertimento, mas em sua abordagem outros aspectos devem ser levantados, até mesmo pelo fato, de que não se trata de um momento de diversão para todos, alguns grupos encaram esse momento com muita seriedade, utilizando-o inclusive como forma de adquirir o sustento familiar, ou fazendo da diversão uma estratégia para adquirirem visibilidade e ainda realizarem denúncias sociais. Dessa forma, a festa possui uma função social e política que emerge no seu interior. Segundo o autor, as festividades também são mecanismos de impedimento do rompimento social<sup>10</sup>, um modo de preservação da unidade grupal.

Por meio da festa há afirmação de laços de pertencimento e identidade, especialmente daqueles que se encontram à margem da sociedade. Isso porque tais grupos alcançam no momento festivo uma visibilidade que em outros momentos dificilmente lhe é atribuída, como é mencionado na análise feita da festa da população negra no período do Brasil Colônia.

As festas, contudo, não têm sido utilizadas somente para afirmar a coesão dos habitantes nas cidades e, portanto, das relações hegemônicas, mas também foram e são utilizadas para construir uma unidade e (re)significar a identidade de grupos subalternizados historicamente, a exemplo da população negra no período colonial no Brasil<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. **Eu quero é botar meu bloco na rua: A construção de uma cidadania da festa no Carnaval de rua do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2013, p 12-43.

<sup>10</sup> **Ibidem**, p.17.

<sup>11</sup> BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, Janeiro/ Junho de 2008, n. 23, p.7-18. p.9.

Outro aspecto importante a ser apreciado é a capacidade de um evento festivo de se apoderar de qualquer espaço e transformá-lo de acordo com características dos grupos sociais que os territorializam e intensificar nesses as relações emocionais e os contatos afetivos. Com relação à discussão sobre formas de empoderamento, cabe ressaltar que as festas são promovidas em locais onde as relações de poder muitas vezes acontecem no campo simbólico.

Mesmo que um conflito pelo Espaço durante um evento festivo não seja perceptível, ele é sempre disputado por diferentes grupos. Essa disputa acontece, por exemplo, quando um grupo desqualifica as práticas culturais de outro. Nesse sentido, a concretização da festa evidencia êxito de determinados atores sociais, revelando, conseqüentemente, qual coletividade terá seus simbolismos em destaque, portanto...

A festa se define, deste modo, como uma tensão e, portanto, não pode existir sem que esta tensão esteja presente. Festejar é disputar o poder vinculado ao espaço. Um poder que não se manifesta e nem se sacia com a conquista territorial, mas sim através da definição da posse simbólica do espaço definido como festivo. Um poder que precisa ser desafiado constantemente na medida em que ter o poder simbólico sobre o espaço pressupõe uma constante luta pela posse de seus limites (também estes simbólicos).<sup>12</sup>

No que diz respeito a uma das principais festas do Brasil, Rita Amaral dialoga com as reflexões de Roberto da Matta, que compreende o Carnaval como um “ritual de inversão, onde as hierarquias em alguns momentos se apagam: o pobre fantasia-se de príncipe, o homem de mulher, etc<sup>13</sup>”, no Carnaval a ordem cotidiana é alterada, assim como a normalidade. Essa inversão também pode ser notada através da ocupação dos locais, quando a periferia se desloca para festejar no centro da cidade ou em outras áreas nobres, localidades que geralmente são frequentados pela elite.

No caso de Ponte Nova, muitos carnavais do século XX eram festejados na Avenida Caetano Marinho, centro da cidade, o qual era em tempos “normais” ocupado pela elite pontenovense, até porque o centro era local de moradia dessa parcela da população que possuía melhores condições financeiras. A “Avenida” apresenta até hoje, por meio dos seus casarões, traços dessa ocupação elitizada, conforme pode ser observado pelas fotografias a seguir:

---

<sup>12</sup> FERREIRA, Luiz Felipe. **O lugar festivo**: a festa como essência espaço-temporal do lugar. UERJ- Rio de Janeiro, 2003. p.6-7.

<sup>13</sup> DA MATTA, 1978, p.93. *apud* AMARAL, 1998, **Op. cit.** p.53-54.



Figura 1- Casarão de 1926- Avenida Caetano Marinho, Ponte Nova- MG.  
Fonte: Arquivo pessoal. Maio de 2019.



Figura 2- Casarão de 1912 - Avenida Caetano Marinho, Ponte Nova- MG.-  
Fonte: Arquivo Pessoal, maio de 2019.

As festas possuem dimensões distintas, podendo ser familiares, locais ou nacionais. Roberto Da Matta<sup>14</sup> classifica o Carnaval como um ritual nacional, isso porque toda a sociedade direciona sua atenção para esse evento, além disso, esse ritual tem seus dias como feriados, ou seja, há uma mudança da normalidade, inclusive para os sujeitos que não usam o feriado de Carnaval como um divertimento. A mudança na rotina evidencia o caráter de inversão da ordem defendido pelo autor, uma vez que inverte o comum.

Sobre os eventos que não fazem parte do dia-a-dia, como as festas, o autor diz que “pode ser chamado de extraordinário construído pela e para a sociedade, em oposição aos acontecimentos que igualmente suspendem a rotina do cotidiano, mas são marcados pela imprevisibilidade, ou seja, são acontecimentos não controlados pela sociedade<sup>15</sup>”, antes de serem vividas concretamente, as festas são esperadas, imaginadas e, sobre elas, criam-se expectativas de diversão, de encontros e de relaxamento perante a rotina estressante.

Os eventos extraordinários construídos são divididos entre dois grupos: os eventos muito ordenados, como é o caso das reuniões ou funerais; e os eventos dominados pela diversão, nos quais rompe-se temporariamente as regras, que engloba o Carnaval. Ainda segundo Da Matta, “as festas então, são momentos extraordinários, marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. A rotina da vida diária que é vista como negativa”<sup>16</sup>. Dessa forma, o cotidiano, compreendido como árduo e composto de hierarquias de poder, é requalificado durante uma festa, que se torna importante porque, mesmo que momentaneamente, funciona como uma “válvula de escape” perante os problemas diários.

Sendo assim, não podemos compreender o divertimento como algo banal. Ele funciona como um acalento diante do modo de vida atarefado da sociedade e como um mecanismo que assegura a manutenção desse modo de viver árduo, no qual se faz necessário “tomar fôlego” e voltar à rotina. Assim, ao mesmo tempo em que a festa acalenta, também serve como uma estratégia de manutenção da rotina.

Diferentemente de Da Matta que, como discutimos, compreende as festas como um momento de inversão da normalidade, Duvignaud argumenta que o momento festivo é um período de ruptura à ordem vigente. Para o autor é neste contexto que a classe popular se manifesta, ele diz que “aquilo que se denomina festa, corresponde, sem dúvida a esta

---

<sup>14</sup> MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 45-46.

<sup>15</sup> **Ibidem**. p. 47.

<sup>16</sup> **Ibidem**. p. 52.

subversão exaltante”<sup>17</sup>, sendo assim, discute que as festas rompem com as regras. Com base no seu entendimento, podemos dizer que as festas assumem um caráter político, já que um sujeito periférico se tornar o rei de uma festa não é uma inversão, mas sim uma manifestação de ruptura com o sistema socioeconômico que, durante as relações cotidianas vivenciadas no mundo capitalista, dá pouca importância a esse cidadão, que se encontra à margem da sociedade e é alvo de inferiorização devido à sua condição social.

Ainda à luz de Duvignaud, compreendemos que a festa contraria os elementos da cultura dominante e passa a ser um símbolo das culturas marginalizadas, de forma a se tornar um meio de oposição às normas, uma vez que, aqueles que geralmente são invisibilizados, tornam-se protagonistas. Essa reflexão nos permite associar o papel que os grupos de Cucumbis carnavalescos tiveram, conforme será apresentado mais adiante. Apesar dessa manifestação não ser o objeto dessa pesquisa, merece uma reflexão por ser a matriz do Carnaval afro-brasileiro que se desenvolveu no século XX.

Os Cucumbis, formados por homens e mulheres negras, vestidos com trajes que remetiam à África, com cantos em línguas africanas e instrumentos de percussão, desfilaram nas ruas do Rio de Janeiro antes da abolição da escravidão. Esse ato rompeu com o dito “bons costumes” da época (final do século XIX), quando esses negros, ora invisíveis, ora inferiorizados, tiveram toda atenção do momento voltada para si – inclusive o olhar da elite, mesmo que em tom de crítica – tornando-os protagonistas.

Reafirmamos, assim, a importância das festas especialmente no que tange sua capacidade social de fortalecer a identidade de grupos que possuem sua cultura marginalizada e/ou oprimida. Sobre o fortalecimento das identidades proporcionadas pelas festas, consideramos a ideia de sujeito sociológico proposta por Stuart Hall<sup>18</sup>, que mostra que os indivíduos são também constituídos pelas conexões com outras pessoas, as quais atribuem ao sujeito aspectos de uma cultura (valores, sentidos e símbolos). Dessa forma, o autor compreende que a construção da identidade é resultado da interação entre diferentes sujeitos.

Os sujeitos criam identidade e essa por sua vez, promove a conexão entre as pessoas, mas também gera a identificação dos indivíduos com símbolos e lugares que passam a ter significado. As festas auxiliam a construção da identidade, pois é produtora/fortalecedora de vínculos. Ao promoverem encontros entre pessoas com intenções semelhantes, as festas agregam, em um mesmo lar, sujeitos com características culturais similares, gerando interação

---

<sup>17</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Tradução de L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. p. 31.

<sup>18</sup> HALL, Stuart. A identidade em questão. In: **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006. p. 11-13

e a manutenção de alguns aspectos culturais, como música e dança. O contato entre pessoas culturalmente semelhantes, que se identificam com mesmos símbolos, acarretam o sentimento de pertencimento a um grupo.

Sobre a relação das identidades com a formação do coletivo, Canclini<sup>19</sup> nos mostra a importância da criação imaginária de símbolos identitários comuns para produzir a sensação de pertencimento e transformar os indivíduos em membros de uma nação. O mesmo sentimento de vínculo é produzido localmente na sociedade quando esta é dividida em grupos que possuem semelhanças entre si, que podem ser linguísticas, religiosas, históricas etc. Diante disso, a identidade cria conexões que podem ser fortalecidas no momento festivo, quando os membros de uma mesma coletividade têm a oportunidade de se relacionar com maior intensidade, de construir uma mesma festa e desfrutá-la com seus semelhantes.

Como formador das identidades, temos a cultura que, segundo Renato Ortiz, “é a consciência coletiva, que vincula os indivíduos uns aos outros”<sup>20</sup>. Sobre tal questão, de acordo com Stuart Hall<sup>21</sup>, as sociedades são geralmente multiculturais. Isso significa que são étnicas e culturalmente mistas. Essas sociedades multiculturais são formadas pelo encontro de culturas distintas em um mesmo Espaço. Sabe-se que o Brasil é um país que se formou pelo encontro de culturas, tendo como sua base os europeus, especialmente representados pelos portugueses; os africanos, trazidos pelo processo de diáspora; e as várias etnias dos povos originários que já estavam estabelecidos em solo brasileiro. Os encontros com diferentes culturas permanecem, porém, cada vez mais intensificados pela globalização.

Ao abordar sobre a questão das junções culturais e suas influências nas festas, Jean Duvignaud menciona que, apesar de sua importância social, as festividades podem apresentar a problemática da repetição, ao se referir a festejos sem particularidades, que não revelam identidades ou símbolos dos seus praticantes. Para ele, “a festa não é trágica, mas sim que o trágico é uma festa repetida”<sup>22</sup>.

Sobre a padronização das festas, e conseqüentemente o comprometimento das culturas, Duvignaud<sup>23</sup> elenca como um dos fatores para tal configuração do festejar, os encontros de culturas, que podem ocasionar em “deculturação”. Isso aconteceria, sobretudo

<sup>19</sup> CANCLINI, Néstor Garcia. O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. Tradução: Mauricio Santana Dias. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994, p. 98.

<sup>20</sup> ORTIZ, Renato. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, Set./Dez. 2013, p. 612.

<sup>21</sup> HALL, Stuart. A questão Multicultural. In: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008, p. 55.

<sup>22</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Op. Cit.**, 1983, p. 33

<sup>23</sup> **Ibidem**. p. 58-59

nas cidades, provocado pelas indústrias que atrairiam para os “grandes conjuntos” pessoas diversas, com culturas distintas, acarretando no enfraquecimento da cultura local..

Acreditamos que quando há o deslocamento de pessoas com identidades semelhantes para um local que não seja o seu de origem, o encontro entre esses indivíduos culturalmente semelhantes em um lugar diferente do seu, pode unir essas pessoas que são culturalmente semelhantes e fortalecer suas práticas, por exemplo, por meio de encontros e dos festejos.

Apoiando-se nas considerações de Stuart Hall<sup>24</sup>, que diz que apesar da tendência à padronização promovida pela globalização, forças contrárias atuam e dão origem às particularidades, fortalecendo as especificidades locais, entendemos que o processo de integração não prejudica as culturas. Percebemos que, nesse movimento de fortalecimento das particularidades, há estratégias aliadas ao fator econômico. Nessas, o setor turístico se apoia, ao utilizar o discurso de único e verdadeiro para atrair pessoas e vender mercadorias e serviços.

Como aponta Mauricio de Abreu, nessa busca pelo tradicional, algumas práticas e símbolos têm se fortalecido, seguindo uma tendência na Era da Globalização de fortalecimento das culturas tradicionais. Ao discutir a questão da memória e da História no mundo contemporâneo, evidencia-se que “a tendência à abolição do lugar enquanto singularidade reforça justamente a buscas dessa última”<sup>25</sup>.

## 1.2 Paisagem e Cultura

As festas, enquanto produto e produtoras de relações sociais irão diferir entre as sociedades no espaço e tempo. Cada festa será geradora de uma Paisagem distinta, embora alguns elementos possam ser repetidos em diferentes festividades. Utilizamos o termo Paisagem efêmera, pois mesmo que anualmente uma festa se repita nunca se produzirá outra Paisagem idêntica àquela formada em ano anterior, sempre haverá algo que irá divergir, sejam os sujeitos, os sons, a ornamentação ou a disposição desses elementos no espaço.

Jorgeanny Moreira em, sua dissertação *Paisagens Culturais do Povo Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás: Cotidiano e Festas*, ao analisar os conceitos de Festa, Paisagem e Lugar, sintetiza o conceito de Paisagem na perspectiva de diferentes autores

<sup>24</sup> HALL, Stuart. **Op. Cit.** 2008, p.60-61.

<sup>25</sup> ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. *In: Revista da Faculdade de Letras-Geografia I série*, Vol. XIV, Porto, 1998, p. 79.

brasileiros (Santos e Almeida) e estrangeiros (Humboldt, Vidal De La Blache, Dardel, Claval, Sauer, Tuan, Duncan, Cosgrove e Andreotti). Cabe destacar a visão de Claval, Duncan e Almeida, ao associarem a Paisagem com a cultura, afirmando que essa categoria de análise é produto da apropriação e da transformação do meio pelo homem, que apresenta paixões, sendo composta por um sistema de signos<sup>26</sup>.

Por sua vez, Denis Cosgrove, em seu texto *A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*<sup>27</sup> elabora uma breve e eficaz discussão sobre distintas abordagens do conceito de Paisagem e assevera que o modo de concebê-la já não é mais o mesmo que predominou nos estudos clássicos de Geografia, pois o observador agora é compreendido como um ser carregado de emoções que interfere na leitura que faz do meio. A Paisagem, portanto, pode ser entendida como um texto repleto de simbolismos e sujeito a distintas interpretações.

Em abordagem semelhante, Augustin Berque, em *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática Para uma Geografia Cultural*<sup>28</sup> destaca como cultura e Paisagem se condicionam mutuamente. O autor descreve que paisagem-marca são construções, é a concretude, que por si só não teria significado. Já a paisagem-matriz são abstrações, ou seja, os sentidos, os simbolismos, a cultura que cria e proporciona sentido às marcas.

Dessa forma, ao pensarmos uma festa que acontece em determinada rua, devemos levar em consideração os elementos físicos formadores da Paisagem, como as casas ao redor, se a rua é pavimentada ou não, a existência de um palco e caixas de som, as pessoas etc. No entanto, não podemos restringir nossa abordagem às estruturas materiais. É preciso identificar os elementos intangíveis, como a sonoridade, que certamente é tocada, pois há identificação de algum grupo com ela; as formas de dançar, que são representativas de alguma cultura; o vestuário, pois transmite a mensagem sobre qual público está frequentando aquela festa. Além disso, olhares de alguns sujeitos podem transmitir informação, como se estão aprovando ou não determinada manifestação cultural... Enfim, são muitas as abstrações presentes na Paisagem.

---

<sup>26</sup> MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues. **Paisagens Culturais do Povo Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás: Cotidiano e Festas**. Universidade Federal de Goiás, Instituto dos Estudos Socioambientais, 2013, p. 39.

<sup>27</sup> COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998, p. 223 e 224.

<sup>28</sup> BERQUE, Augustin. Paisagem Marca, Paisagem Matriz: elementos da problemática para geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (Org.) **Paisagens, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1988, p. 239- 243.

A Paisagem, como discute Berque, também influenciada pelos olhares e representações sociais, é fruto da cultura. Berque e Cosgrove advertem que, para analisá-la, é necessária percepção. Para a compreensão das Paisagens culturais, deve-se utilizar todos os sentidos e buscar entender a sociedade que a transformou porque seus valores estão impressos nela. Sendo assim, para compreender uma festa temos que saber qual é a sociedade produtora da mesma.

No decorrer dessa pesquisa, encontramos, conforme serão apresentadas no capítulo 3, duas notas sobre festa carnavalesca em Ponte Nova no ano de 1906. Essas festas, embora tenham acontecido no mesmo ano e na mesma cidade, foram destinadas a públicos com classes sociais distintas, portanto formadoras de Paisagem também dissemelhantes. O aspecto básico que as distinguem são duas dimensões espaciais: uma preparada nas ruas e outra em clube. Torna-se nítido qual delas é mais aglutinadora e qual prefere ter um público “selecionado”.

Entendemos, portanto, a Paisagem como resultado da ação humana, a qual apresenta em sua fisionomia os traços da atuação social, sendo os mais evidentes, expressos por meio das marcas físicas, tais como as construções. No entanto, “muitas vezes esses traços não são evidentes, e uma investigação mais apurada se faz necessária a fim de compreender de que forma vivem ou já viveram os homens de certa localidade”<sup>29</sup>. Nessa perspectiva, destacamos novamente as marcas simbólicas da Paisagem, que ultrapassam o aspecto visual.

Também Schier se dedica a pensar a trajetória do conceito de Paisagem na Geografia, considerando desde abordagens organicistas, positivistas do século XIX até as abordagens funcionalistas e culturais desenvolvidas à partir dos anos 1960. Segundo o autor “Hoje a ideia de paisagem merece mais atenção pela avaliação ambiental e estética. Nesse sentido, depende muito da cultura das pessoas que a percebem e a constroem. Ela é, assim, um produto cultural resultado do meio ambiente sob a ação humana”<sup>30</sup>. Em outro momento de seu texto, seguindo a perspectiva de Claval<sup>31</sup>, Schier destaca que os diferentes grupos sociais vão ocasionar diferentes produções de Paisagem, e que a mesma também será determinada pela maneira de olhar, pois a carga simbólica do observador vai produzir distintas visões.

Em relação à Paisagem percebida pelo observador, ela também será distinta de indivíduo para indivíduo, de acordo com os valores de cada um. Sendo assim, a descrição da

<sup>29</sup> PEREIRA, Wagner Candian. “**Fraternidade Ubaense**” e as Paisagens Sonoras de um Interior Mineiro: a Música e a Trajetória do Maestro João Ernesto (1873- 1914). UFV- Viçosa/ Minas Gerais, 2016, p.12.

<sup>30</sup> SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **R. RA’EGA**, Curitiba, n 7, 2003. Editora UFPR, p. 80

<sup>31</sup> CLAVAL, 1999, p. 420 *apud* SCHIER, **Ibidem**. p. 81

Paisagem será positiva ou negativa variando conforme as concepções do observador. Uma festa onde a população negra tinha centralidade no início do século XX para alguns poderia ser descrita positivamente, elogiando-se o vestuário e o som dos instrumentos de percussão, já para outros seria mal vista e seus elementos como cantos e danças inferiorizados ou mesmo marginalizados.

Seguindo a linha de pensamento que aborda a Paisagem como produto das atividades humanas sobre o meio (mas que também é influenciada por ele), a autora Maria Angela F. P. Leite destaca na introdução<sup>32</sup> do seu texto *Natureza e Participação Social: uma nova estética para o desenho urbano*, a Paisagem como um reflexo da relação do homem com a natureza, projetada e construída à partir de elaborações filosóficas e culturais. Enquanto produção social, a Paisagem levará em consideração tanto na sua construção quanto na sua interpretação os valores sociais individuais ou do grupo, de modo que, ao observar uma festa popular seria possível identificar a cultura do grupo social que a produziu, seus valores, crenças, ideologias, anseios e questionamentos sociais, pois estarão, mesmo que de modo subjetivo, aparentes na Paisagem. Conforme descrito pela autora: “A paisagem revela o processo dinâmico de expressão do imaginário social e de seus padrões estéticos e culturais”<sup>33</sup>.

Vanessa Figueiredo ao fazer apontamentos sobre a institucionalização da Paisagem na Organização das Nações Unidas para Educação Ciência e Cultura (UNESCO) conceitua essa categoria relacionando a sociedade e a natureza, mas evidenciando também as práticas imateriais que o termo abarca, como rituais e festas. Sobre a ideia conceitual mais corrente, Figueiredo define: “Paisagem- a imagem processada, interpretada, representada, construída, inventada, metafórica, simbólica e retórica da natureza ou do ambiente”<sup>34</sup>. Dessa forma, a Paisagem é construída de aspectos tangíveis e intangíveis e sua descrição abarcará as percepções do observador, com seus valores, mesmo que de forma não proposital, estarão representados na percepção e divulgação e representação das Paisagens.

No que diz respeito ao aspecto intangível das Paisagens, Chantal e Raison compartilham da ideia de que esta categoria de análise está além do visual. Segundo os

<sup>32</sup> LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. *Natureza e participação social: uma nova estética para o desenho urbano*. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1997, p. 239.

<sup>33</sup> **Ibidem**, p. 239.

<sup>34</sup> FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **O Patrimônio e as Paisagens: novos conceitos para velhas concepções?** Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/88124/91004>> acesso em: 25 set. 2017. p.84

autores, ela é constituída no campo dos simbolismos. Não é composta apenas pelo o que a natureza apresenta, sendo necessário considerar a sociedade que interage com o meio físico.

A definição da Paisagem perpassa pelas ideologias do observador, conforme a citação a seguir, a “paisagem foge à simples classificação visual no fundo ela pode ser tudo exceto o que deveria ser, globalmente perceptível pelos sentidos e secundariamente visual ou até ideal, quando não mesmo ideológica”<sup>35</sup>. Equivalente associação do termo é realizada por Cabral em *A paisagem enquanto fenômeno vivido*, que aborda o conceito sob a perspectiva da corrente de pensamento humanística, a qual considera que: “O universo da geografia constitui-se não somente de países, cidades, propriedades agrícolas, mares, relevo, clima, etc., mas também de ideias, sentimentos, imagens e representações”<sup>36</sup>.

A Paisagem é apreendida não apenas pelo olhar, estando o corpo inteiro<sup>37</sup> envolvido no processo de percepção. O autor nos mostra que ela tem aspectos que não conseguimos perceber apenas pela visão, pois todos os sentidos atuam na sua percepção, apesar de que no senso comum costumamos reduzi-la apenas aspectos considerados “belos”, o que é questionável, por ser um julgamento do observador. Quando a reduzimos ao olhar, além de restringir os elementos formadores de Paisagens, estamos também limitando os observadores. Significaria, por exemplo, que uma pessoa com deficiência visual não conseguiria perceber a Paisagem, entretanto, o indivíduo com deficiência a percebe, por meio de outros sentidos.

De acordo com essa abordagem do sujeito participante, deve-se levar em consideração a vivência do indivíduo e do seu grupo que produz e descreve a Paisagem, pois seus significados são produzidos pelo sujeito social, que está imbuído de valores “Paisagem é uma fonte incessante de significação e uma vez acessível ao olhar e à mente, torna-se guia para ações e condutas humanas. Não se trata de um fenômeno fixo e estático, mas construído de movimentos, valores e sentimentos”<sup>38</sup>. Ressaltamos mais uma vez que sujeitos diferentes podem assim perceber a Paisagem de formas distintas. Cabral menciona que elas são guias de condutas, pois uma vez percebida de forma negativa, está sujeita a ações com a finalidade de extingui-las, ou seja, uma festa apreendida pelos detentores de poder como imoral ou desordeira corre um sério risco de sofrer sanções e desaparecer ou alterar suas modulações.

Chantal e Raison discutem ainda o conceito como espetáculo. Segundo eles, “parece que nunca houve tanta preocupação como há hoje com a beleza da paisagem, paisagem-

<sup>35</sup> CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. Paisagem. In: **Enciclopédia Einaudi**. V.8. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 140.

<sup>36</sup> CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v.5, jul./dez. 2000, p. 35.

<sup>37</sup> **Ibidem**. P. 38

<sup>38</sup> **Ibidem**. P. 42

espetáculo tanto urbano como rural, e com a nossa sensibilidade perante ela... E as <belas> paisagens já não são somente as naturais, mas as urbanas também”<sup>39</sup>. A produção de paisagem-espetáculo descrita pelos autores chegaram até as festas, como as do atual Carnaval do Rio de Janeiro ou de São Paulo. Os dois exemplos citados estão também relacionados a mercantilização das festas, das ações da indústria cultural que visam atrair um número cada vez maior de turistas.

A partir da associação entre Paisagem e festas populares, como o Carnaval, ressaltamos em nosso trabalho o seu caráter mutável. A Paisagem é formada ao longo da História e pode ser distinta em diferentes tempos, estando assim em constante transformação, provocada muitas vezes pela ação humana, conforme observamos pelos apontamentos dos autores da Geografia Cultural, que consideram toda Paisagem cultural, já que é modificada, observada e descrita pelo homem. Ao passo que a sociedade muda, alteram-se os simbolismos presentes nas festas e conseqüentemente há a formação de Paisagens diferentes, a sociedade se imprime na Paisagem.

Além disso, o conceito articulado com o de festas possui a perspectiva identitária. Haja vista a identificação dos atores sociais com o tipo de festa e a funcionalidade da mesma. Por exemplo, a Paisagem do Carnaval com participação da população negra serviu para intensificar as identidades desse grupo que encontrou, em meio à festa e encoberto pela ideia do divertimento, a oportunidade de manter as suas práticas culturais com instrumentos, cantos e costumes transmitidos pelas suas gerações anteriores. Conforme mencionado por Ulpiano Meneses, “é no campo da identidade e dos processos identitários que a paisagem mais teria sido mobilizada. É indiscutível o papel que ela desempenhou como componente na fixação das identidades nacionais. [...] constitutiva e expressiva do caráter nacional”<sup>40</sup>.

Os autores e as discussões apresentadas evidenciam que o conceito de Paisagem abarca além dos aspectos visíveis, abrangendo identidades, sons, sujeitos heterogêneos, modos de vida e de se relacionar com o Espaço. As festas, por exemplo, possuem seus sons característicos, que em alguns casos, como os batuques, são heranças dos antepassados das populações de matriz africana. Podem possuir cantos ou letras que expressam devoção (em caso de festas religiosas), sofrimento, tradição ou mesmo protesto (exemplo: o samba ou funk essencialmente em seus primórdios), movimentos corporais específicos, cheiros das pessoas e dos alimentos, paladar característico (exemplo: festas de comidas ou bebidas típicas) etc. São

<sup>39</sup> CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. **Op. Cit.**, p. 155

<sup>40</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e Paisagem**. São Paulo: Contexto, p. 29-64, 2002, p.41.

momentos de confraternização com os amigos e familiares no qual os lugares ganham significados.

A corrente humanística evidenciada no texto de Cosgrove, Berque, Schier e demais autores, ao afirmar a importância dos simbolismos e a força das culturas presentes, demonstram o papel das culturas dominantes (que se impõem na Paisagem) e as culturas alternativas (residuais emergentes e excluídas)<sup>41</sup>. As festas populares podem em grande parte ser classificadas como representantes de culturas alternativas, mais precisamente às excluídas, como é o caso do Carnaval, que apesar da existência de membros de uma cultura dominante em sua composição, seus praticantes, em grande parte, são formados por grupos populares.

Os sujeitos forjam uma Paisagem durante um evento festivo ao atribuírem aos objetos, lugares e composições, símbolos e significados próprios da cultura popular. Esse aspecto pode ser notado, sobretudo, nos carnavais assumidos pelas classes populares, em que a disputa pelo espaço físico e simbólico é ainda um aspecto conflitante. A festa de Carnaval no Brasil nas primeiras décadas do século XX ou no final do século XIX – construída por um contingente afro-brasileiro e pobre tomando as ruas com seus movimentos, sons e cores (Cucumbis) – representou afronta, ousadia e resistência a uma sociedade que se formou explorando e menosprezando o corpo negro e seus modos de vida.

Diante do exposto, ao agrupar o estudo de Paisagens com o de festas, compreendemos que os laços com os sujeitos que organizam e vivenciam a festa alteram as relações de poder sobre o Espaço. Também notamos que as formas de cooperação e solidariedade são responsáveis por unir interesses coletivos das classes populares em relação a inúmeras questões. Adiante discutiremos as memórias evocadas em função das festas, bem como a relação desse festejo com o Espaço, que adquire características de um Território no tempo festivo.

### 1.3 Memórias, Espaço Público e Festas

O intuito desse subitem é realizar uma discussão sobre a associação entre os espaços públicos e as festas populares, direcionando as análises à volta do festejo carnavalesco. No

---

<sup>41</sup> COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORREA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998, p. 230 -236.

desdobramento dessa produção, buscamos discutir como o conceito de Festas, Espaço e Território se articulam.

Muitos autores identificam alterações de poder sobre o Espaço, as quais ocorrem ou podem vir a ocorrer no tempo festivo. As relações de poder são capazes de transformar uma parte do Espaço Geográfico em Território com as características sociais e culturais dos grupos que os territorializam. Nessa medida, o estudo geográfico sobre as festas e sua espacialidade busca desenvolver considerações e reflexões sobre a Territorialidade nos momentos festivos, a alteração da ordem social, econômica e cultural, enfim, a mudança dos usos cotidianos dos locais.

Nos espaços públicos, são desenvolvidos os conflitos sobre o pertencimento do mesmo e, conseqüentemente, disputas relacionadas a quem tem ou não direito de apossar e o territorializar. Relações de solidariedade, confraternização, amizade e outras são vivenciadas no Espaço, o que pode eternizá-lo na memória dos indivíduos, haja vista que, como discutido por Pierre Nora, “a memória enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”<sup>42</sup>. Desse modo, a memória nunca é fixada por si só. Ela necessita de um sujeito para criá-la e relembra-la, de um espaço para ser construída e de símbolos ou cenas que despertem identificação e significado.

Ao discutir questões sobre a memória e a história<sup>43</sup>, Pierre Nora assinala que a memória está continuamente se formando e evoluindo, é aberta a novas lembranças e também é suscetível ao esquecimento (algumas vezes propositalis), a memória é sempre suspeita para a História. A História averigua as memórias e tenta reconstruir um passado sem lacunas. Ao absorver a memória, dá credibilidade a ela, além de definir o que deve ser lembrado. Nora ainda diz que “menos a memória é vivida coletivamente, mais ela tem necessidade de homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória”<sup>44</sup>. Sendo assim, a memória precisa de alguém para guardá-la e transmiti-la, para que não se perca no tempo e venha a ser esquecida.

Para a realização de uma festa com elementos de uma cultura marginalizada, tal como as festas de Carnaval realizadas pelos negros, também há a importância da memória, pois é necessário que os costumes sejam lembrados para serem transmitidos e recriados no momento do festejar. A memória repassada pelos descendentes de escravizados pode ser compreendida de acordo com Michael Pollak como uma memória subterrânea, já que são

---

<sup>42</sup> NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury, Projeto história -São Paulo, 1993, p.9.

<sup>43</sup> **Ibidem**. p. 7 - 20

<sup>44</sup> **Ibidem**. p. 18.

formadas pelas recordações e transmissões promovidas por um grupo marginalizado, excluído<sup>45</sup>.

As memórias subterrâneas<sup>46</sup>, vivenciadas pelos excluídos e que são repassadas especialmente em seu círculo social, quando afloradas e impressas no espaço público são geradoras de reivindicações, é um momento que os excluídos adquirem voz e visibilidade, e propagam sua memória, não deixando, por exemplo, que as recordações da escravidão sejam esquecidas.

Quanto mais pessoas guardam suas memórias, maior será a probabilidade de ela se manter, sendo assim, para que haja a permanência da memória de uma festa e a possibilidade de essa memória ser inserida como parte da História, é necessário que ela seja constantemente vivenciada preferencialmente pelo maior número possível de pessoas.

Na abordagem das memórias, cabe a discussão dessa categoria quando construída no momento festivo, já que faz parte das inúmeras memórias presentes nas cidades. Para tal discussão, utilizamos as contribuições do autor Maurício de Almeida Abreu à respeito das memórias coletivas<sup>47</sup> que são, segundo o autor, a memória construída em sociedade, em um grupo e, por isso, tem dimensão social. Ela transcende o indivíduo, não representa um sujeito, mas o coletivo. Envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Essa memória, apesar de permanecer com aqueles que fazem parte do grupo, está sujeita ao desaparecimento, na medida em que os seus portadores desaparecem. É essa memória que acreditamos ser construída no tempo e espaço festivo, isto é, a memória de um grupo social que teve suas características culturais, suas identidades e organização social em evidência. Ela relaciona o divertimento ao fortalecimento do grupo, forjada em momento de expansão de sentimentos, tais como cooperação, superação, afetividades, comoção etc.

A memória evocada sobre festas levará em consideração não apenas o festejo em si, mas o Espaço em que este se desenvolveu; Espaço que devido aos conflitos pela sua posse é transformado em Território de determinado grupo, mesmo que seja um Território temporário que acompanha a efemeridade da festa. Sendo assim, faz-se necessária a discussão das categorias de análise: Espaço, Território e Territorialidade.

Fundamentados por Raffestin, compreendemos que há relação entre Espaço, Território e Territorialidade. Em seu livro *Por uma Geografia do Poder*, ele destaca que o Território é um Espaço que foi apropriado por alguém ou por um grupo que “(...) se forma a partir do

---

<sup>45</sup> POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, nº3, p. 3-15, 1989, p. 4.

<sup>46</sup> **Ibidem**, p. 5-8.

<sup>47</sup> ABREU, Maurício de Almeida. **Op.cit.**, 1998, p. 83- 86.

espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) o ator ‘territorializa’ o espaço”<sup>48</sup>.

A territorialização significa que o ator social ou seu grupo, deixam suas características, suas marcas físicas e simbólicas sobre esse Espaço. Sendo assim, será por meio da Territorialidade que o Espaço e, conseqüentemente, o Território forjado terão suas identidades, os seus aspectos culturais, como símbolos e valores, que conectam os sujeitos e criam a sensação de pertencimento a um grupo.

Pode-se dizer que a Territorialidade é um Território dotado de marcas e características construídas por uma determinada população no Espaço, ao longo do tempo. É importante destacar que a Territorialidade em um mesmo Espaço pode ser distinta de acordo com o tempo, ou seja, um mesmo local pode ter Territorialidade diferente de acordo com o período do ano ou hora do dia. Sobre a multiplicidade dessa categoria de análise Saquet expõe que:

(...) a territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas (...) resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações<sup>49</sup>.

No caso das festas, como por exemplo, o Carnaval, essas grafias são temporárias, delimitadas previamente no calendário, de forma que a apropriação de determinados Espaços para fins da festividade tem data prevista para começar e para terminar.

Assim como as Paisagens são efêmeras, a Territorialidade das festas também é. Como demonstração desse fato, utilizamos a abordagem do Carnaval popular de Escolas de Samba, pois, durante os dias de folia, a população periférica obtinha a centralidade; ocupava as principais avenidas das cidades; fazia de ruas, que em outros momentos era apenas local de passagem, o seu Território, onde ocupavam e fortaleciam nestes, seus laços sociais. Os atores sociais de destaque passavam a ser os sujeitos das comunidades marginalizadas, que pelo menos no tempo festivo, eram os reis e as rainhas. Cabe aqui destacar, que o “fazer a festa” a construção da mesma, se dava essencialmente nos bairros de origem da população periférica, no entanto, os desfiles carnavalescos, aconteciam fora do Território de origem da comunidade, ele transcendia, apossava-se, assim, do Espaço que no cotidiano pertencia a outros atores de outras classes sociais.

<sup>48</sup> RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993, p.143.

<sup>49</sup> SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013, p. 129.

Relacionam-se com as categorias de análise Espaço, Território e Territorialidade as discussões sobre o espaço público. Utilizamos as considerações de Thiago Silva<sup>50</sup>, que discute sobre as disputas que acontecem por e nestes espaços, realizadas por diferentes sujeitos sociais, que almejam produzir festas, podendo sê-las populares ou elitizadas.

Não resta dúvida que há uma dimensão de poder inerente a um estatuto público do espaço, mas, na nossa análise, esse estatuto pode ser mais amplo, compreendido não somente como arena de disputas e divergências pelo seu controle, mas também como um espaço de encontro, de co-presença, de visibilidade, de convergência, de laços identitários, dotado de sistemas de significação que dão sentido a comportamentos que ocorrem nesses espaços. A disputa é parte do espaço público, mas não é suficiente em si, para defini-lo<sup>51</sup>.

O autor, também realiza reflexões articulando o Espaço com as festas. Ao analisar a espacialidade das festas, diz que: “Os geógrafos se interessam pelos lugares que a festa utiliza, que ela transcende durante certa duração, lhes conferindo sentido, lhes carregando de representações diversas daquelas que eles possuem no seu uso ordinário”<sup>52</sup>. Uma análise problematizadora sobre as festas que se desenvolvem nos espaços públicos é uma temática que ainda pouco explorada pela Geografia,

Podemos, ainda, defender uma posição de que, a relação entre espaços públicos e festas resta como um percurso pouco percorrido pela geografia. É inegável que uma boa parte das festas trabalhadas pelos geógrafos se desenrolam nos espaços públicos urbanos, mas a relação dessas festas com os espaços públicos, na análise, não vai além da perspectiva desses espaços como simples receptáculos do fenômeno festivo<sup>53</sup>.

Os Espaços são fundamentais para a concretização das festas, portanto, não devem ser analisados apenas como um receptáculo, mas como fator essencial na concretização das festividades, que influenciam nos modos de festejar. Em uma festa como o Carnaval, a rua é o local geralmente escolhido para a comemoração, conforme evidenciado por Da Matta<sup>54</sup>, que coloca que espaços públicos, como praças, avenidas e a região central da cidade, tornam-se o lugar de concretização das festas. Ao perderem seu caráter desumano, convertem-se no lugar de encontro da população, que imprime suas características nesses locais, assim como os bailes realizados em salões de clubes, os quais também assumem as características da população que os frequentam.

<sup>50</sup> SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. **Op. Cit.**, 2013, p. 29-35

<sup>51</sup> SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. **Op. Cit.**, 2013, p. 30

<sup>52</sup> SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. **Op. Cit.**, 2013, p. 22.

<sup>53</sup> SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. **Op. Cit.**, 2013, p. 29.

<sup>54</sup> MATTA, Roberto da. **Op. Cit.**, 1997, p. 56.

As vias urbanas são as grandes responsáveis pelas vidas das cidades, elas não são formadas apenas da materialidade, contêm também expressões dos grupos sociais. Dessa forma, os espaços públicos tornam-se locais de disputas simbólicas, inclusive durante as festividades<sup>55</sup>. Segundo Hilário Figueiredo<sup>56</sup>, as formas de apropriação das ruas foram usadas por determinados grupos para desqualificar práticas e comportamentos dos sujeitos, de forma que as atitudes que se distinguem do “aceitável” são alvo de críticas e embates que podem ocorrer no campo físico ou simbólico. Tal fato ocorre nas festas quando uma festividade foge do que é moralmente aceitável, passando a ser mal vista e seus participantes encarados como desqualificados.

Thiago Silva define o espaço público como “espaço onde se desenvolve a mese-em-scène da vida pública”<sup>57</sup>, portanto, é espaço de conflito, mas não somente, é também do convívio, dos encontros, de possibilidades de expressão (que deveria ser a princípio, sem nenhuma barreira, mas percebemos que obstáculos existem, justamente pela territorialização dos espaços, mesmo os de uso público).

A disputa pelos espaços públicos nos tempos festivos envolve áreas que são geralmente valorizadas nas cidades, como avenidas e praças. Nesses locais aconteciam ou ainda acontecem, desfiles carnavalescos promovidos pela população essencialmente pobre e marginalizada. Essa disputa é ainda simbólica, pois está relacionada aos significados/simbolismos que irão deixar marcas no espaço, e as festas são repletas deles.

Rodrigo Valverde, em *Por uma geografia dos espaços públicos: Repensando a espacialidade da dimensão social*, também realiza análises referentes ao espaço público, apontando a relação entre espaços públicos e dinâmicas sociais. Os atores sociais, que reivindicam pelo espaço e que passam a atuar nele, representam um avanço do domínio social sobre o político<sup>58</sup>, ou seja, no sentido das festas, um avanço das manifestações culturais e sociais sobre as delimitações já existentes nos Territórios bem como a alteração da posse do mesmo.

O autor revela a importância dos espaços públicos para a Geografia que, segundo ele, “reside no fato de que esta noção oferece uma mediação socioespacial para a vida conjunta nas cidades”<sup>59</sup>. Já que o espaço público é comum a todos, é de direito dos diferentes

<sup>55</sup>FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Glórias, conquistas, perdas e disputas:** as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936). Departamento de História, UFMG, 2006, p. 34

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>57</sup> SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. *Op. Cit.*, 2013, p.31.

<sup>58</sup> VALVERDE, Rodrigo R.H.F. Por uma perspectiva geográfica dos espaços públicos: Repensando a espacialidade da dimensão social. *Revista Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, Nº 22, Jan/Dez de 2007, p. 77.

<sup>59</sup> VALVERDE, Rodrigo R.H.F. *Op. Cit.*, 2007, p.77.

habitantes das cidades, independente da classe social e dos valores sociais. Porém, cabe apontar que é de todos, mas também disputados por todos, sendo um campo de forças, apesar do seu caráter público os atores sociais almejam a posse do mesmo, ainda que não seja definitiva, apenas uma Territorialidade passageira.

Na perspectiva dos usos dos espaços da cidade, especialmente os públicos, a abordagem de Richard Sennet em *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental* contribui para pensarmos sobre as aglomerações provenientes das festas. O autor apresenta que “a Revolução Urbana empurrou a pobreza, concentrando-a em lugares mais distantes – demoliram casas de pobres e lojas humildes que se localizavam nos centros, para dar lugar a casas de classe média ou ricos”<sup>60</sup>. É apontado que essa retirada dos pobres dos centros urbanos ocorreu em várias localidades, e tal fato evidencia justamente a quem o poder público busca privilegiar. Torna-se nítido, assim, que a presença da população pobre era algo que incomodava a elite, tanto que expulsou essa parcela com menos recursos para áreas periféricas.

Entendemos, que a aglomeração festiva de uma grande quantidade de pobres nos centros, territorializando essas áreas, foi um ato de confronto e de resistência à opressão vivenciada e ressaltamos que, apesar das tentativas de invisibilizar a população pobre e negra, esta se mostra muito presente nos momentos festivos.

Ao realizarmos reflexão sobre o longo período escravagista brasileiro, oficialmente findado em 13 de maio de 1888, mas que permaneceu de forma ilícita através dos limitados meios de inserção da população negra na sociedade brasileira, entendemos que a organização de uma festa de significativa importância em muitas cidades, como o Carnaval, foi uma resposta à exclusão, assim como evidencia os esforços e o êxito do povo negro na preservação de sua cultura. Ter o corpo negro em destaque com suas vestimentas, sons, linguagem e simbolismos, deixar suas grafias no espaço urbano valorizado, que em outros momentos do ano é elitizado, transmite uma mensagem que reforça significados sobre tal grupo social, como por exemplo, a luta pela sobrevivência do social e do cultural mesmo diante dos preconceitos e opressões.

Sobre as relações de poder, e como elas interferem ou pelo menos tentam interferir nas festas, Duvignaud discute que o Estado combate a festa e tenta impedir a manifestação coletiva. O autor diz que: “Porque nenhum Estado pode sem reação, admitir que os homens se agrupem segundo um ‘nós’ que, através da sua própria concentração, afirme o desejo de

---

<sup>60</sup> SENNET, Richard. **Carne e Pedra- o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 262.

autogestão [...]”<sup>61</sup>. O Estado tem “temor” das organizações sociais, porque elas podem se voltar contra ele. A cidade foi pensada, muitas vezes, como espaço de circulação para evitar os encontros e as manifestações... também por essa perspectiva é possível compreender o motivo pelo qual algumas festas, como o próprio Carnaval no período do Entrudo, ou mesmo, as rodas de samba em seu início, viraram casos de polícia.

De acordo com os apontamentos, percebemos que a festa promove alterações e rompimentos com o uso do espaço, como aponta Jean Duvignaud ao considerar que, durante as festas, há ruptura com a normalidade e que um dos papéis do evento festivo é violar as regras<sup>62</sup>. Assim, o grupo que anteriormente não tinha visibilidade, passa a tê-la. Não podemos associar a festa à vida cotidiana, pois a festa coordena a destruição dessa vida ordinária. Existe, assim, um período de ruptura com a rotina<sup>63</sup>.

O dismantelamento das normas permite que um homem se vista de mulher sem julgamentos, que um cidadão com baixas perspectivas financeiras seja o rei da festa ou que a mulher cotidianamente oprimida se torne a musa da noite, de forma que há inversão e subversão das regras. Realizamos abordagem semelhante a essa ao discutirmos a alteração das Paisagens provocadas pelas festas, isso porque a Paisagem está relacionada a um Território, e os dois conceitos estão amplamente relacionados ao Espaço, pois precisam do Espaço para serem produzidos.

A festa apodera e instala-se nos espaços, podendo ser ruas, pátios, praças, enfim, qualquer local que permita o encontro de pessoas e que fuja da ordem vigente<sup>64</sup>. São nesses espaços que as relações emocionais e os contatos afetivos são intensificados. A festa supera o domínio da percepção, tendo assim, dimensões ocultas, que muitas vezes não são nítidas para aqueles que estão de fora. Visíveis apenas para quem a vivencia, ela possui dimensões sociais e simbólicas que somente são sentidas e compreendidas por aqueles que a constroem.

(...) então, a empatia ou a proximidade constituem os suportes de uma experiência que acentua intensamente as relações emocionais e os contatos afetivos, que multiplica ao infinito as comunicações, e efetua, repentinamente, uma abertura recíproca entre as consciências na medida que a festa não mais necessita de símbolos e inventa suas figurações que desaparecem, muitas vezes, em seguida perecível. Sistemas de metáforas...<sup>65</sup>

<sup>61</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Op. Cit.**, 1983. P.65

<sup>62</sup> **Ibidem**, p. 67

<sup>63</sup> **Ibidem**, p. 67

<sup>64</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Op. Cit.**, 1983. p. 68

<sup>65</sup> **Ibidem**, p. 68.

O trecho acima evidencia que as festividades, além de conterem divertimento, proporcionam um alívio à árdua realidade cotidiana. É também momento de descontração, de encontros que criam e fortalecem as relações entre os sujeitos pertencentes ao mesmo grupo. A festa cria configurações percíveis, que desaparecem após a mesma, mas estes possuem a capacidade de ser novamente recriados quando há o retorno do festejo. Sobre a ideia de suavização da vida pelas festas, Leonardo Affonso de Miranda Pereira<sup>66</sup>, nos mostra que a perspectiva do Carnaval como um momento de alívio para as tensões diárias eram apresentadas nos jornais já no final do século XIX, através de contos e crônicas que evidenciavam a necessidade do riso e descontração vivenciados pela população.

Assim como Jean Duvignaud, Leonardo Pereira<sup>67</sup> também discute sobre a dimensão social da festa de Carnaval, no entanto, em uma perspectiva diferente. De acordo com Pereira, o Carnaval fazia com que o povo desfizesse o sentimento de revolta acumulado durante o ano, provocando assim, alívio às tensões diárias, de forma que esta festa se mostrava como instrumento de contenção das revoltas. Assim, para o autor, as festividades assinalavam uma dicotomia: por um lado ela é benéfica, pois propiciava um desafogo dos problemas diários; e, por outro ponto de vista, é maléfica, pois retém as insatisfações apenas durante o ritual festivo – terminados os dias de Momo, ocorre o retorno da vida cotidiana com todos os seus problemas. Assim, a festa que inverte e rompe com a normalidade, garante justamente que a ordem “normal” se mantenha.

Diante do exposto, as relações festa e espaço perpassam por problematizações acerca do Território e Territorialidade, surgidos das disputas pelo controle do espaço e da memória coletiva construída no tempo/espaço festivo, que está relacionada ao divertimento, mas também ao trabalho em conjunto. É uma problematização que analisa os conflitos e fortalecimentos de laços, que se torna eficaz na compreensão da complexa sociedade, que possui diferentes classes sociais, com diferentes modos de conceber e de usufruir o Espaço. Conforme abordamos, a festa construída será formadora de uma Paisagem única e findável, que transmite as características dos seus sujeitos.

---

<sup>66</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. 2ª edição, rev.- Campinas, S. P: Editora UNICAMP, 2004, p. 183.

<sup>67</sup> *Ibidem*. p. 184-185.

## CAPÍTULO 2

### É CARNAVAL: NUANCES DA FESTA

O festejo carnavalesco que possui entre suas características a função do riso<sup>68</sup>, pois está mais habitualmente relacionado ao divertimento, ocorre há um longo tempo em variadas localidades. No entanto, destacamos que além do divertimento, é possuidor de muita seriedade, pois os grupos que organizam os festejos o fazem com responsabilidade e dedicação, e, além disso, as festas de Carnaval agregam grupos que participam do festejo com intuitos que nem sempre é o de se divertir, como os que utilizam a festa como uma oportunidade para trabalhar.

O Carnaval possui diferentes nuances que apresentam características do tempo e da sociedade que o praticava ou ainda o pratica. O que todas as faces carnavalescas têm em comum é o fato de serem momentos de festejar inspirados frequentemente pelas extravagâncias e excessos, além disso, são possuidoras de uma relação especial com o tempo, são momentos especiais, diferentes do tempo cotidiano<sup>69</sup>.

Conforme discutimos anteriormente, pelo Carnaval ser uma festividade, recaímos no conceito de festa para auxiliar na sua compreensão. Segundo Jean Duvignaud<sup>70</sup>, as festas correspondem a uma subversão exaltante, seria uma forma de destruir as regras, tal como a de que somente a burguesia poderia se destacar social e culturalmente. As festas de Carnaval, conforme veremos, foram também momentos em que as práticas sociais e culturais dos grupos “subalternos” obtiveram destaque. O autor mostra que os pobres teriam então notoriedade no período das festas.

Muitas vezes a festa se torna um símbolo das culturas marginalizadas quando, durante a festa, nessa alteração da ordem de importância, os elementos da cultura dominante ficam fora de evidência ao sobressaírem àqueles da cultura periférica. O autor mencionado discute que, durante o período das festas, o homem busca corromper as normas, os festeiros querem o divertimento, mas para além desse fato, querem o direito de tê-lo, de praticá-lo, querem socializar, ocupar espaços, fortalecer a união do grupo etc. Acreditamos que as festas

---

<sup>68</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares:** festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/ UFMG; Fapemig; FCC, 2008, p. 26.

<sup>69</sup> **Idem.**

<sup>70</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Tradução de L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983, p. 31- 33.

possibilitam a inversão da ordem cotidiana e para, além disso, a alteração da ordem gera a ruptura com a mesma.

A interpretação das festas vai além da análise dos aspectos visuais, pois estas não são compostas apenas pela concretude, mas transcendem o domínio<sup>71</sup> da percepção concreta, apresentando dimensões ocultas. Muitas vezes, o significado da festa só é compreendido amplamente por aqueles que vivenciaram com fervor a festividade, com uma relação de total entrega à mesma.

Como apresentado, a festa sobre a qual nos debruçamos nesse trabalho é o Carnaval. Nesta temática, o autor Jean Duvignaud afirma que “o Carnaval é a festa no seu sentido pleno”<sup>72</sup>, pois são dias de excessos, sendo que a reflexão sobre os atos só ocorrem no pós-festa. O Carnaval é gerador de entusiasmo, é aguardado e vivido por diferentes grupos sociais e certamente rompe com o comum: se o cotidiano é de trabalho, o Carnaval traz o ócio ou a boemia, além de ser abrangente, uma vez que é feriado nacional, influencia até os que não são festeiros. As regras sociais são também questionadas e reformuladas no Carnaval, ele permite, por exemplo, que um homem negro, pobre e periférico seja o rei nos dias de folia.

Discutiremos algumas das formas carnavalescas que se fizeram ou ainda se fazem presentes no Brasil, a saber: Entrudo, Zé- Pereira, Cucumbis, Ranchos Carnavalescos, Cordões, Blocos Carnavalescos e Escolas de Samba. O Carnaval transitou ao longo dos anos com distintas denominações tais quais: Reinado de Momo, dias de folia, Entrudo, tempo de loucura, rito de inversão, festa nacional, válvula de escape, Carnaval... Essas nomenclaturas são importantes para pensarmos o Carnaval e o seu sentido. Eles nos indicam que o Carnaval tem história<sup>73</sup>.

O Carnaval é possuidor de diferentes modulações, cada uma de suas fases apresenta as características da sociedade que o vivenciava, pois seus valores e sua cultura estavam presentes na festa. Entendemos ser valoroso compreender as diferentes nuances da festa, mesmo que nem todas tenham sido vivenciadas em Ponte Nova, ou que sejam anteriores ao período do recorte temporal estabelecido, pois partimos do pressuposto que o passado de uma festa carnavalesca seja um importante viés para compreender o seu desdobramento ao longo dos anos e as influências recebidas.

Evidenciaremos o Carnaval como um símbolo cultural de resistência e aglutinação, especialmente no que tange a união de grupos identitários. Mostraremos que o divertimento

---

<sup>71</sup> **Ibidem**, p.67.

<sup>72</sup> DUVIGNAUD, Jean. **Op. cit.** 1983, p. 69.

<sup>73</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras: Os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XIX**. UNICAMP, Campinas, São Paulo, novembro de 1993, p. 25.

não é condenável e que esse momento é propício para suavizar o cotidiano, muitas vezes árduo, de intensa produção, tal como o capitalismo propõe. Além disso, o divertimento em festa é coletivo, é associado ao outro, esse fator fortalece a vida comunitária, desencadeia relações sociais.

## 2.1 Entrudo: primórdios do Carnaval

Como exposto, o Carnaval teve diferentes fases que engendraram distintas relações de proximidade ou afastamento com as diversas classes sociais. Fernandes<sup>74</sup>, ao fazer a linha evolutiva do Carnaval do Rio de Janeiro (local de referência para os estudos de Carnaval), utilizou autores como Maria Isaura Pereira de Queiróz para definir três fases do carnaval: a primeira como sendo o Entrudo, a segunda formada pelas classes abastadas e a terceira de um Carnaval fortemente popular, com presença inclusive de negros. Também versando sobre festejos carnavalescos, Patrícia Araujo, assim como Maria Isaura P. de Queiróz, refere-se ao Entrudo como a primeira manifestação carnavalesca no Brasil, o qual “caracterizava-se por ser um conjunto de folguedos ligados a práticas que englobavam uma série de brincadeiras, nas quais predominavam as que envolviam a utilização de água”<sup>75</sup>.

O Carnaval brasileiro foi influenciado fortemente pelo modelo já praticado em Portugal. Isso é explicado pelo fato da festa ter chegado ao Brasil no período colonial. Apesar de já existir diversos povos indígenas em território brasileiro, a cultura praticada pelos povos originários e pelos escravizados africanos que se fixaram de forma forçada no país era considerada inadequada. Dessa forma, a festa que já era praticada em Portugal foi incorporada à cultura que estava sendo forjada no Brasil, a qual obteve êxito em sua prática e se perpetuou por séculos. Conforme pode ser comprovado em documentos que datam de 1605<sup>76</sup>, a nomenclatura utilizada na colônia seguiu idêntica à recebida na metrópole: Entrudo.

A denominação Entrudo se refere à entrada do período quaresmal: “Os dias que antecediam a Quaresma. Esta festa consistia na corrida desordenada de um lado para outro

<sup>74</sup> FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados**. Coleção Memória Carioca, volume 3, Rio de Janeiro, 2001, p.15, apud QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, 1999, p. 159-202.

<sup>75</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças Populares: Festejos de Entrudo e Carnaval em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapemig; FCC, 2008, p. 38.

<sup>76</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivo e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 11 e 12.

atirando-se ovos, líquidos de toda espécie e farinha<sup>77</sup>”. Sendo assim, percebemos que o Entrudo está relacionado à religiosidade cristã, a qual estabelece em sua doutrina os quarenta dias de reflexão, de abstinência e oração. No entanto, é uma oposição ao costume religioso: “o entroido, por oposición à abstinência coesmal, é o tempo da carnalidade. Neste sentido, a palavra que melhor o define, é carnal<sup>78</sup>”.

Enquanto o Entrudo está ligado ao corpo, aos prazeres, a quaresma está relacionada à elevação da alma, à espiritualidade:

[...] todo o ano, agás a Coesma, é carnal; dente natal á coesma, e especialmente os últimos días dese período, celébrase a despedida da carne, ou sexa, o Carnaval ou Carnestolendas [...]. Por festexar nesses días todo o oposto á espiritualidade dos santos, chámanlle, de burla, Santo Entroido<sup>79</sup>.

Com relação ao Entrudo, Cláudio Magalhães Batista apresenta outra versão para a palavra e a celebração que remete a ela. Segundo o autor, a nomenclatura “Entrudo” já era utilizada anteriormente à festa que fazia contraste à religião, pois consta a existência de uma celebração pagã, na qual se comemorava o Entrudo, mas fazendo relação à entrada da primavera, a qual teve sua data e sentido alterados com a implantação do cristianismo na Europa: “[...] o Entrudo significava ‘entrada’, sendo celebrada pelos povos pagãos para festejar a entrada da primavera. Com a implantação do Cristianismo, passou a se realizar no Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas<sup>80</sup>”, sendo assim, houve a incorporação de aspectos pagãos pelos cristãos e obviamente, esses aspectos foram modificados e ganhando modulações com características da religião tida como a ideal.

Apesar dos portugueses incorporarem a palavra Entrudo dos povos pagãos e a utilizarem para designar os festejos que antecediam a Quaresma, a palavra Carnaval já existia, porém era mais difundida na Itália e França<sup>81</sup>. Contudo, como discute Araujo, até o século XIX, a palavra mais frequente na documentação tanto no Brasil quanto em Portugal, é Entrudo. É preciso chamar atenção para o fato de que as festas de Entrudo e Carnaval não serem sinônimas, apesar de se fazerem presentes em Portugal, “Entrudo e Carnaval coexistiram ao longo do tempo em Portugal: o primeiro em burgos e aldeias, o segundo nas aglomerações urbanas de certa importância”<sup>82</sup>. Apesar de serem praticados no mesmo

<sup>77</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p.28.

<sup>78</sup> FERRO, Xose Ramón Mariño. **O Entroido ou Os Praceres da Carne**. Primeira Edição: Sada, Corunha, 2000, p. 31.

<sup>79</sup> **Ibidem**, p. 35

<sup>80</sup> BATISTA, Cláudio Magalhães. **Carnaval e turismo em Caravelas- BA**. Ilhéus- Bahia, 2007, p.18.

<sup>81</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, p.28.

<sup>82</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, p. 38.

período, quando este acontecia em áreas com características rurais, era chamado de Entrudo e quando em áreas urbanas era denominado de Carnaval.

Outras modulações da festa carnavalescas surgem no Brasil a partir do Entrudo, tendo em comum o mesmo recorte no calendário e o fato de serem festas com características populares e de excessos. Mesmo com a distância cronológica, podemos elencar algumas características do Entrudo que se relacionam com o Carnaval tal como é hoje, como exemplo, a sua dimensão erótica, conforme pode ser observado na seguinte citação “(...) o jogo possibilitava um maior contato entre homens e mulheres, permitindo-lhes declarar socialmente o interesse por alguém, como pelo fato de a brincadeira colocar em evidencia o corpo – especialmente o feminino – quase completamente coberto<sup>83</sup>”. O caráter erótico se dava pelo fato de que a água caíria sobre o corpo, molhando-o juntamente com a roupa que ficaria “grudada” à pele, deixando em evidência sua anatomia, provocando revelações físicas dos participantes da brincadeira e, conseqüentemente, despertando o interesse do sexo oposto, especialmente em relação a figura feminina, que sempre foi cercada de tabus em relação ao imaginário masculino e que, em outros momentos, mantinham seus corpos cobertos.

A brincadeira do Entrudo permitiria assim, a aproximação entre mulheres e homens, o contato entre os corpos e instigava desejos. O Carnaval atualmente mantém esse caráter erótico, uma vez que a festa, agora com menos pudores, permite a aproximação e formação de casais, mesmo que seja apenas por um curto período. Por sua vez, o corpo feminino, agora bem mais descoberto, é erotizado e faz parte do espetáculo da festa, a nudez ou seminudez, ao menos no período carnavalesco é “permitida” e “admirada”, o que contrasta com o cotidiano, no qual o pensamento machista (não significa que no período do Carnaval o machismo não esteja presente), ainda reduz a mulher a sua vestimenta e a coloca, muitas vezes, como motivo desencadeador de assédios.

O Entrudo, por ser uma festa expansiva, na qual atirava-se líquidos uns aos outros e que conseqüentemente poderiam gerar desentendimentos – além do barulho, sujeira e o seu sentido carnal que não agradava a todos –, sofreu limitações: “Apesar das constantes restrições feitas a ele durante todo o século XIX, o Entrudo será um folguedo bastante disseminado, alegre e muito popular em Minas Gerais<sup>84</sup>”. Tais restrições à festa carnavalesca não aconteceram apenas no período do Entrudo. Parte da população condenava e ainda condena a folia, especialmente os grupos ligados à religião, por entenderem essa festa como uma profanação. “Durante muito tempo, a Igreja Católica, cujos fiéis são majoritários no país,

<sup>83</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p. 51.

<sup>84</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p.37.

combateu o quanto pôde a celebração da festa, as seitas protestantes, que proliferaram rapidamente nos últimos cinquenta anos, também faziam o mesmo”<sup>85</sup>. Pressupomos que, desde o Entrudo até os dias atuais, a festa não é bem vista por aqueles que a vinculam com a orgia e desaprovam seu caráter sensual. No entanto, até mesmo quem a desaprova, se relaciona com ela, pois o Carnaval é um feriado nacional, desfrutado pela maioria da população.

Um dos elementos utilizados no Entrudo foram os limões de cheiro, que consistiam em esferas de cera, cheias de água, água perfumada ou perfume<sup>86</sup>, praticada por ricos e pobres, mas essa não era uma festa organizada para o divertimento de todos. Interessa-nos aqui, discutir sobre a participação dos escravizados na festa, o papel dessas pessoas também estava ligado ao divertimento? Sim, mas não ao próprio divertimento, o papel dos negros escravizados, mesmo no período da festa, era de servidão, já que confeccionavam os limões de cheiro e auxiliavam seus senhores carregando os tabuleiros com limões<sup>87</sup>.

Os negros assumiam, a princípio, a função de espectadores da festa na qual eram também os organizadores. Os escravizados ainda eram submetidos a serem alvos dos senhores durante a brincadeira, conforme colocado por Patrícia Araujo: “Os negros podiam ainda servir de ‘vítimas’ para as brincadeiras de jovens brancos<sup>88</sup>”, afinal, não era desrespeito um branco atirar água em um negro, mas um negro atirar água em um branco era motivo de punições, o ato passava a ser compreendido como demonstração de rebeldia e de falta de respeito.

Sobre a participação das classes sociais na festa de Entrudo no Brasil, Maria Clementina Pereira Cunha também teceu considerações, dentre as quais observamos concordâncias com os autores já citados. Segundo ela, as hierarquias sociais eram mantidas no Entrudo e nas suas primeiras décadas as “famílias de respeito” só brincavam entre si, ou com outras famílias do mesmo nível socioeconômico. Sobre a população negra na festa, Maria Clementina<sup>89</sup> acrescenta que os negros, a princípio, mantinham seu caráter de servidão, carregando as bandejas, no entanto, longe dos senhores, brincavam entre si nas ruas, como mostra a figura de Debret. Tal obra nos chama atenção, pois além de ser o registro do Entrudo entre negros, mostra-os com os rostos pintados de branco, revelando uma ridicularização aos brancos em tom de brincadeira.

<sup>85</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1999, p. 14.

<sup>86</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p. 41.

<sup>87</sup> **Ibidem**, p. 54.

<sup>88</sup> **Ibidem**, p. 54.

<sup>89</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.57.



Figura 3- **Cena de carnaval**  
 Fonte: DEBRET, Jean Baptist, 1823<sup>90</sup>.

A autora evidencia também que além de brincar fora do olhar dos senhores, a população negra, em meio à servidão, encontrou formas de se divertir, uma vez que “tal prazer não é difícil de compreender: além da folga e do divertimento, os negros faziam do Entrudo ocasião para inverter sinais, e rir dos brancos<sup>91</sup>”. A afirmação de Maria Clementina é importante, pois frequentemente tendemos a pensar os negros e suas mazelas com um olhar muitas vezes viciado ao sofrimento da escravidão, mas nos esquecemos de suas táticas de falsa submissão, que foram produtoras de múltiplas formas de resistência. A postura dos negros de deboche ao branco nos mostra que a sátira, que encontramos hoje no Carnaval, já se fazia presente desde o Entrudo, e nos mostram que, apesar das inúmeras dificuldades que se relacionam com o trabalho escravizado, havia a capacidade da população negra de não se render as condições desumanas impostas a eles. Ainda na citação da autora, encontramos a característica de inversão da normalidade descrita por Da Matta, pois, no ritual do Entrudo, as pessoas negras, na condição de espectadores, puderam rir dos brancos.

Com o tempo, a festa que ocorria no período carnavalesco continuou, passando obviamente por transformações, pois a sociedade está em constante mutação e os aspectos culturais se alteram para acompanhar a configuração da nova sociedade. Dessa forma, o jogo de Entrudo foi sendo aos poucos substituídos. O sentido da festa, anteriormente uma oposição

<sup>90</sup> **Idem.**

<sup>91</sup> **Ibidem.** P.57.

a quaresma, foi perdendo seu viés religioso e atualmente essa menção é desconhecida pela maior parte dos seus praticantes<sup>92</sup>.

## 2.2 Cucumbis: a influência negra no Carnaval

Segundo Eric Brasil<sup>93</sup>, na segunda-feira de Carnaval do ano de 1888, um grupo carnavalesco formado por pessoas negras, distinto do usual (características europeias) desfilou na Rua do Ouvidor. A sonoridade desse préstito ficou por conta do agogô alto e agudo, chocalhos, tamborins e adufos. Era composto de aproximadamente 20 pessoas que cantavam, dançavam e desfilavam. Homens e mulheres fantasiados, uma delas, com mais requinte, era a Rainha e ao seu lado estava um Rei. Esse grupo e outros ganharam força na segunda metade da década de 1880. Notoriamente, possuíam relações com as práticas africanas e se intitularam de Cucumbis.

As manifestações carnavalescas dos Cucumbis aparecem registradas nos jornais a partir de 1884, onde eram apresentados como “grupos carnavalescos compostos exclusivamente por homens e mulheres negros, que se vestem, cantam, dançam e narram histórias à moda africana<sup>94</sup>”. A autora Maria Clementina P. Cunha<sup>95</sup> também reconhece que os Cucumbis se tornaram, nas últimas décadas do século XIX, uma forma carnavalesca de dança praticada pelos negros e que se repetia anualmente. Dentre as tradições africanas presentes nos Cucumbis, o enredo continha saudações em português e posteriormente iniciava-se canções em línguas africanas.

Eric Brasil utiliza as contribuições de Mello Moraes, que afirma que a Bahia foi o local de origem dos Cucumbis. Esses grupos apareceram durante o Período Colonial, compostos por “escravos d’África” que cantavam suas músicas em suas línguas natais<sup>96</sup>, no entanto, essa manifestação e outras semelhantes a ela, como as congadas, se fizeram presentes em outras partes do Brasil. Os Cucumbis Carnavalescos traziam em suas manifestações vários aspectos que remetiam ao povo negro.

<sup>92</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1999, p. 17.

<sup>93</sup> BRASIL, Eric. Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, Carnaval e Abolição (Rio de Janeiro, Década de 1880). **Revista Afro- Ásia**, 2014, p. 273 e 274.

<sup>94</sup> **Ibidem**, p. 276.

<sup>95</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Op. Cit.**, 2001, p. 41 e 42.

<sup>96</sup> BRASIL, Eric. **Op. Cit.**, p. 277, apud, FILHO, Mello Moraes, 1997, p.191-202.

Os Cucumbis Carnavalescos não representam apenas uma reprodução de antigas festas coloniais. Eles eram uma manifestação mais ampla, uma elaboração criativa de seus participantes estabelecendo um diálogo entre as novas formas de se brincar o Carnaval da década de 1880 com os elementos culturais presentes entre as culturas negras da cidade. Elementos das congadas, dos reisados, das festas das irmandades religiosas, dos cortejos fúnebres, de embaixadas africanas, e também referências a tradição religiosa banto (o complexo ventura/desventura, o feiticeiro, a Calunga, um cristianismo africano) e a história da África (o reino do Congo, a rainha Ginga, a travessia do Atlântico) entravam em contato com as formas europeizadas de se brincar o Carnaval (os préstitos com estandartes que dançavam em frente às redações dos jornais, o passeio pela Rua do Ouvidor)<sup>97</sup>.

Segundo Maria C. P. Cunha<sup>98</sup>, os préstitos dos Cucumbis não duraram muito tempo. Apesar de possuir um caráter pacífico, eles foram intitulados por parcela da população como desordeiros que se exibiam no Carnaval carioca. Podemos sugerir que havia um olhar preconceituoso em relação a essa prática cultural. Esses grupos, que ganhavam as ruas e as territorializavam com seus traços culturais, disputaram mesmo que simbolicamente o Espaço. Muitas vezes essa disputa não era feita através de conflitos físicos, sendo conduzidos no campo simbólico. A difamação do grupo e suas práticas foi possivelmente um mecanismo escolhido para enfraquecer o avanço da prática cultural dessa parcela da população sobre o Território. A partir do momento em que foram taxados como desordeiros, diminuíram o apoio para que suas práticas permanecessem.

Cabe ressaltar, que os Cucumbis receberam visibilidade no contexto de abolição da escravidão, no entanto, quando essa se concretizou oficialmente, terminado o entusiasmo da causa abolicionista, os grupos de negros foram desprezados e enfraquecidos, especialmente por falta de apoio. Segue uma fotografia dos Cucumbis:

---

<sup>97</sup> **Ibidem**, p. 290.

<sup>98</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Op. Cit.**, 2001, p. 45.



Figura 4-Cucumbis

Fonte: Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>99</sup>.

Os Cucumbis carnavalescos foram uma manifestação de grande significado, ainda mais pelo período em que se fizeram presentes pelas ruas da cidade, iniciados antes da Lei Áurea. Os seus festeiros desfilaram adornados de elementos de origem africana em um momento de efervescente discussão sobre a abolição da escravidão. Nesse momento exaltaram sua cultura, mesmo ela sendo mal compreendida por significativa parcela da população e vestiram-se de Reis e Rainhas perante a sociedade que os escravizava. Suas manifestações eram uma afronta ao preconceito e ilustração da insubmissão.

### **2.3 Grande Carnaval, Cordões, Ranchos, Zé-Pereiras e Escolas de Samba: Nuances da Festa**

Como vimos, apesar de termos tido os Cucumbis, que influenciaram as posteriores manifestações carnavalescas, o Entrudo foi o primeiro festejo de grandes dimensões do Brasil,

<sup>99</sup> BRASIL, Eric. Cucumbis carnavalescos: áfricas, carnaval e abolição (rio de janeiro, década de 1880). 2014, p.291, apud Escravos brasileiros no século XIX: a fotografia de Christiano Jr. São Paulo: Ex-Libris, 1988. Prancha 73. Copyright Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

sendo aos poucos substituído por outras formas de vivenciar o Carnaval como os corsos e os bailes. O festejo de Momo com os seus desfiles aparece em Portugal e no Brasil no século XIX, no entanto, no nosso país, ele foi capaz de substituir completamente o Entrudo, ao passo que em Portugal, apesar da difusão do Carnaval, o Entrudo permaneceu nas aldeias, incorporando características carnavalescas.

Na primeira metade do século XIX, o Brasil passou por alterações em relação ao modo de festejar o Carnaval, essas estavam relacionadas com a busca pelo moderno. Nesse processo, incorporou-se aspectos culturais europeus, e assim, personagens como o Arlequim e Colombina surgem no cenário carnavalesco brasileiro. Buscava-se um festejo que inspirasse civilidade e sofisticação, por isso os modelos seguidos no Brasil foram os de Roma e Veneza e, posteriormente, Paris. O Entrudo foi considerado velho e ultrapassado enquanto o Carnaval que surgia, era considerado moderno<sup>100</sup>.

É considerado como o marco da transformação carnavalesca no Brasil a realização de um elegante Baile de Máscaras<sup>101</sup> em janeiro de 1840 no Hotel Itália – Rio de Janeiro, o qual, devido ao seu sucesso, se repetiu em fevereiro do mesmo ano, durante os dias que antecediam a Quaresma. As sociedades carnavalescas nasceram 16 anos após o início dos bailes de máscaras, as quais trabalharam na organização dos desfiles de carros alegóricos durante os dias Gordos (principais dias do Carnaval: sábado, domingo e terça-feira, assim chamados devido ao excessivo consumo de carnes gordas verificado nestes dias).

Em período similar às sociedades carnavalescas, surgiram os corsos (por volta de 1856). Esta nova forma do festejo foi chamada inicialmente de Carnaval Veneziano, e posteriormente, denominada de Grande Carnaval<sup>102</sup>. A festa que pôs fim ao Entrudo no Brasil foi um modelo carnavalesco importado especialmente da França, que era considerada centro de difusão de desfiles de carros alegóricos e de bailes de máscaras. Portanto, os festejos de Carnaval nascem ligados às camadas urbanas superiores, já que, para participar dos desfiles de carros alegóricos, era necessário ter um carro, que não era uma aquisição condizente com o orçamento da maior parte da população. Nessa linha, o papel assumido pelas camadas populares era de espectadores do evento frente à demonstração de riqueza que se fazia presente<sup>103</sup>. No entanto, pobres também desenvolveram suas próprias formas de festejar o Carnaval, ainda que sem a mesma notoriedade do que as festas brincadas pela elite.

---

<sup>100</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p. 114 a 121.

<sup>101</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1992, p. 51.

<sup>102</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1992, p. 51.

<sup>103</sup> **Ibidem**, p. 50 e 51.

Apesar da modernidade vinculada ao Grande Carnaval, essa nova prática carnavalesca não pôs fim imediato à festa do Entrudo. Mesmo com os esforços para consolidar o novo Carnaval de caráter civilizado e moderno, o Entrudo, ainda que proibido, ressurgia como uma reminiscência de uma forma de comemorar, demonstrando assim, sua capacidade de subverter a ordem<sup>104</sup>. Nesse sentido, a prática vinculou-se ao conflito devido à insistência ao jogo: enquanto o aceitável socialmente era uma festa com mais requinte e menos euforia, a sua insistente permanência pode ser explicada por se tratar de uma alternativa mais acessível de festejar. O próprio caráter requintado das manifestações carnavalescas que estava sendo construído deu margem para que o Entrudo permanecesse como festa popular.

Os modos de festejar demonstravam a tensão entre classes sociais: os mais abastados se identificavam, ou pelo menos tentavam construir a identificação, com o luxuoso baile de máscaras ou desfile de corsos; já a camada mais pobre possuía mais identificação, com o barulho, efervescência e acessibilidade do Entrudo. Cabe destacar que o Entrudo e o Grande Carnaval se opunham em diferentes aspectos, entre eles, está o quesito erótico. No novo modelo havia mais pudor em relação aos contatos físicos, pois não era considerado de “bom tom” uma mulher com a roupa molhada junto ao seu corpo. O Carnaval, portanto, “procurava disciplinar a sexualidade e demonstrava uma grande preocupação com a moral. Sendo assim, as condutas e atitudes das mulheres que antes haviam sido toleradas, tornavam-se progressivamente inadmissíveis”<sup>105</sup>, assim, juntamente com o desfile de corso, veio uma acentuada repressão feminina e exclusão da camada social de baixa renda do protagonismo da festa.

O corso basicamente consistia em um desfile de automóveis, realizado nas principais ruas da cidade, o qual também contava com a participação de pessoas fantasiadas. Os participantes do corso eram geralmente de famílias ricas, ao passo que os pobres brincavam o Carnaval em seus próprios bairros, realizando batalha de confetes. Aos poucos a camada popular foi ocupando também as principais avenidas das cidades e se misturando com a classe mais rica. Obviamente as elites discordavam dessa inserção, que destoava da maneira de vestir e de se comportar consideradas mais adequada pelos primeiros. Devido ao seu descontentamento, na medida em que os pobres ocupavam as avenidas, os ricos se afastavam do desfile juntamente com seus carros.

Já nos fins dos anos 1920, as camadas médias urbanas vivenciaram um momento de ascensão, que lhes permitiu adquirir automóveis alugados para o desfile, garantindo, assim, a

---

<sup>104</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p. 124.

<sup>105</sup> **Ibidem**, p 128 e 129.

continuidade da festa. No entanto, o curso acabou por se desfazer, muito em função dos novos modelos fechados de automóveis que entraram no mercado e pela evasão dos grupos mais abastadas<sup>106</sup>. Apesar, de a classe média conseguir carros para os desfiles, houve uma diminuição dos automóveis e conseqüentemente o enfraquecimento dessa forma de diversão.

No entanto, mesmo com a extinção dos cursos, deles herdamos os desfiles, que foram chamados de passeios e depois de préstitos: “um préstito era formado por carros alegóricos, composto por carros de crítica e ideias. Era um cortejo muito bem elaborado e ordenado, durante o qual se apresentavam figuras alegóricas e protestos sociais e políticos”<sup>107</sup>. A existência da música durante a festa carnavalesca advém desse período, que uniu música e dança à festa, por meio de bandas. No entanto, não se tratava de uma música especificamente carnavalesca<sup>108</sup> e não era ainda o samba que dava som aos desfiles.

Apesar de não sabermos se em Ponte Nova, que teve sua primeira capela construída em 1770<sup>109</sup>- a qual proporcionou o efetivo povoamento urbano, já que ao seu redor foi formado um arraial, que posteriormente, em 1832 foi elevado a paróquia- o Entrudo antecedeu o Carnaval (não temos informações de Entrudo no recorte temporal estabelecido), sabemos de outras manifestações carnavalescas no município, tais como os préstitos que serão apresentadas no capítulo 3.

A realização do Grande Carnaval exigia um financiamento expressivo para sua organização. Ainda assim, ele se propagou “(...) por toda parte do país, tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas, de maneira luxuosa ou de maneira mais modesta, conforme os recursos locais”<sup>110</sup>. Nas cidades surgiram grupos elitizados que encontravam na maneira de festejar, uma forma de mostrar sua modernidade e riqueza, Ponte Nova, conforme apresentaremos no próximo capítulo, também teve uma elite que propagou o Grande Carnaval.

A nomenclatura Grande Carnaval foi escolhida para fazer contraste ao Carnaval que estava sendo realizado por grupos de negros, nos evidenciando que essa parcela da população mesmo sem muitos recursos financeiros, não deixou de participar da festa de Carnaval. Conforme Maria Isaura Queiroz nos mostra, por volta de 1870, surgia o Pequeno Carnaval nos Bairros pobres e periféricos do Rio de Janeiro, o qual era frequentado por negros e

---

<sup>106</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1992, p. 15 a 19.

<sup>107</sup> ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Op. Cit.**, 2008, p. 152.

<sup>108</sup> **Ibidem**, p. 160 e 161.

<sup>109</sup> FARIA, Glauciane da Conceição dos Santos. **Tradição e Memória: Um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova- MG**. Faculdade de letras-Universidade Federal de Minas Gerais/ Belo Horizonte, 2017, p. 56.

<sup>110</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1992, p. 55.

sonorizado por canções com ritmos que evidenciavam a sua origem afro-brasileira. Esses grupos de festeiros aumentaram após a lei Áurea e, em consequência, fez com que as elites nutrissem o sentimento de medo por essa população que já não tinha mais os senhores para “dominá-las”, no entanto, continuaram desenvolvendo mecanismos de controle. “Portanto, os descendentes de africanos foram perseguidos; seus costumes específicos – entre os quais a música e a dança –, reputados primitivos, bárbaros, grosseiros, foram proibidos”<sup>111</sup>.

O Pequeno Carnaval contava com músicas e danças de origem africanas que animavam a festa<sup>112</sup>, enquanto o Grande Carnaval não tinha uma sonoridade específica que o distinguiu de outras festas. Os grupos mais abastados, que se retiraram das avenidas, passaram a organizar bailes destinados às pessoas da mesma classe social. Em contrapartida, com o fim dos corsos, as camadas populares forjaram novos meios de festejar o Carnaval, através dos blocos e dos Cordões. Os ricos, que outrora ocupavam as ruas e desfilavam ostentando sua riqueza, passaram a ser espectadores dos desfiles de blocos<sup>113</sup>, a rua dessa forma, transformou-se em um cenário e local de passagem para os pertencentes das classes sociais mais elevadas quando não estavam brincando seu Carnaval segregado.

Paralelamente ao surgimento dos Cordões, no fim do século XIX e início do século XX, surgiram os Ranchos. Os Ranchos eram formados pelas classes populares. “O termo “rancho” significa tropa, e faz menção ao fato de que foram constituídos de tropa de operários, pequenos funcionários e de proprietários de pequenas lojas/armazéns”<sup>114</sup>, evidenciando que o Carnaval é abrangente, vivenciado por todas as classes.

Anésio Pereira Dutra, autor de *Ranchos: estilo e época*<sup>115</sup> realizou um levantamento histórico do festejo que nos auxilia a compreender o seu surgimento e desdobramento. Revela-nos que, por volta de 1885, o Carnaval carioca era constituído de manifestações fragmentadas, como o Jogo de Entrudo, que já era visto de forma desagradável pelas camadas sociais influentes. Além dessa manifestação, na segunda metade do século XIX, ganham notoriedade blocos e grupos carnavalescos, constituídos por negros, mestiços e brancos pobres. Segundo o autor, a festa de Carnaval, contrastava com a festa religiosa dos pastoris (mesmo período: segunda metade do século XIX), na qual o homenageado era o Menino Jesus. Nos pastoris, as pessoas cantavam e dançavam em homenagem a Jesus e, devido a seu

<sup>111</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Op. Cit.**, 1992, p.55.

<sup>112</sup> **Ibidem**, p.56

<sup>113</sup> **Ibidem**, p.19

<sup>114</sup> **Ibidem**, p. 56

<sup>115</sup> DUTRA, Anésio Pereira. **Ranchos: estilo e época**. Contribuição ao estudo dos ranchos no Carnaval carioca. Pesquisa coordenada por Neusa Fernandes. Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, INEPAC/Coordenação Editorial, 1985, p. 9- 20.

caráter religioso, a festa tinha entre os seus elementos, a formalidade; sua celebração acontecia na semana de Natal (25 de dezembro) e de Reis (06 de janeiro).

Anésio P. Dutra evidencia que os Ranchos foram formados a partir da festa organizada pelos pastoris. Os festeiros dos Ranchos aumentaram seu cortejo e repertório de canto, adotaram instrumentos de percussão e sopro e realizaram uma significativa mudança que alterou toda a ordem do festejo: substituíram a reverência ao Deus-Menino pelo Deus Momo. Os grupos de Ranchos se multiplicaram, no entanto, não se desprenderam totalmente da sua origem, já que na maior parte das vezes os desfiles aconteciam no Dia de Reis. Apenas no ano de 1894, o desfile de Ranchos passou a acontecer no período carnavalesco, isso em função de Hilário Jovino Ferreira, que juntamente com outros baianos, fundaram o Rancho Reis de Ouro e definiram que seu desfile aconteceria no Carnaval. Com a alteração no calendário, os Ranchos passaram a interagir com as outras formas musicais que percutiam no Carnaval carioca. Sobre a origem dos Ranchos, é colocado pelo autor que:

Situar a origem dos Ranchos no tempo e no espaço, é correr o risco da imprecisão, mas a maior parte das informações disponíveis aponta como berço o atual Morro da Conceição, no Bairro da Saúde. Ali, na localidade conhecida como Pedra do Sal, reuniam-se pretos e mulatos baianos, depois do trabalho na estiva, para viverem seus cantos, suas histórias, danças, ritos, e outros traços da cultura baiana, resultante de um largo processo de sincretismo afro-ameríndio<sup>116</sup>.

Sendo assim, é inegável a influência da população periférica negra no desenvolvimento dos Ranchos. Anésio P. Dutra segue suas ponderações apresentando que o ritmo musical que fazia a sonoridade dos Ranchos tinha como características ser lânguido, cadenciado e dolente, não podendo assim, ser confundido com a musicalidade das marchinhas, as quais tinham o ritmo mais vivo.

A época de maior prestígio dos Ranchos foi entre 1920 e 1930 e sua decadência ocorre logo em seguida, de 1940 e fim da década de 1950. Dentre os fatores que contribuíram para o declínio dos Ranchos, podem ser elencados: a concorrência com as Escolas de Samba; e as reformas urbanas, que culminaram na transferência de famílias que organizavam as festividades culturais para bairros mais distantes. Assim: “A cidade modernizava-se sem um plano de preservação das casas, tendas, becos e esquinas que abrigavam os sentimentos e práticas dos valores da cultura popular que tinha sua expressão maior nos desfiles dos ranchos”<sup>117</sup>, o que nos mostra a importância do espaço para as festas, para que as festividades

<sup>116</sup> DUTRA, Anésio Pereira. **Op. Cit.**, 1985, p.10.

<sup>117</sup> **Ibidem**, p 18.

aconteçam e permaneçam é necessário que sejam organizadas e vivenciadas em um local onde o grupo social possua identificação.

A fragilidade dos Ranchos também foi afetada devido à inserção de pessoas da classe média intelectualizada, contratada pelos responsáveis dos Ranchos para potencializar os desfiles, na tentativa de aumentar as chances de conseguir o primeiro lugar na competição, gerando, em contrapartida, um mal-estar entre os artistas populares, pois suas contribuições foram menosprezadas. Outro ponto que gerou problemas para a permanência dos Ranchos foi a oficialização dos seus desfiles. Isso fez com que o governo disponibilizasse verba para sua preparação, que antes era patrocinada, sobretudo pelos comerciantes, no entanto, a verba pública, devido à burocracia, nem sempre chegava aos responsáveis pelos Ranchos<sup>118</sup>.

Cabe destacar que os Ranchos tiveram um papel fundamental para a formação das Escolas de Samba, apesar de terem sido concorrentes. Referente à configuração das Escolas de Samba e sua relação com os Ranchos, Anésio P. Dutra afirma que “Sabe-se que o enredo e outros elementos da composição de uma escola de samba como conhecemos hoje, tem suas matrizes imediatas fincadas nas primeiras décadas deste século, na formação de dança, canto e desfile e coreográfico denominada Ranchos”<sup>119</sup>, ou seja, as Escolas usaram características dos Ranchos na sua formação e consolidação. Contudo, à medida que os Ranchos foram decaindo, as Escolas de Samba iniciavam sua ascensão. A partir dos primeiros anos da década de 1930, as Escolas de Samba se firmaram no Carnaval carioca, desbancando todas as outras manifestações e chegando a ser “eleita” como símbolo nacional no período do Estado Novo.

Paralelamente às já apresentadas manifestações carnavalescas, com base nos escritos de Maria C. P da Cunha, outra expressão da festa surgiu no final do século XIX<sup>120</sup>, difundida em diferentes partes do Brasil, adentrando assim nos séculos XX e XXI: os Zé-Pereiras. Os Zé-Pereiras eram, em seus primórdios, uma forma de Carnaval de rua na qual, entre seus foliões, estava, sobretudo, a plebe: “negros e brancos pobres, trabalhadores braçais e prostitutas, vadios e lavadeiras compartilhavam o mesmo espaço de convivência considerada promíscua e moralmente contagiosa”<sup>121</sup>. O julgamento de valores morais descrito na citação está associado ao preconceito social que envolve os grupos descritos. Apesar de a autora se referir especialmente às manifestações de Zé-Pereira no Rio de Janeiro, sabemos, com base nas pesquisas realizadas sobre o Carnaval ponte-novense, as quais serão apresentadas adiante,

<sup>118</sup> <sup>118</sup> DUTRA, Anésio Pereira. **Op. Cit.**, 1985, p.16.

<sup>119</sup> **Ibidem**, p. 7.

<sup>120</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Op. Cit.** 2001, p. 46

<sup>121</sup> **Ibidem**, p. 47.

que essa manifestação carnavalesca chegou até Ponte Nova e foi reproduzida repetidas vezes na primeira metade do XX.

Ainda de acordo com a autora<sup>122</sup> mencionada acima, essa brincadeira carnavalesca foi introduzida no Rio de Janeiro em 1852, por José Nogueira de Azevedo Paredes, um sapateiro português. Maria Clementina ressalta que em Portugal os Zé-Pereiras eram uma das faces do Entrudo. Uma das características dos Zé-Pereiras era a ridicularização das classes superiores, através das suas fantasias. Sobre a sonoridade do festejo, este era feito por bumbos e tambores de lata.

Mencionamos ao longo do texto diversas manifestações carnavalescas, porém precisamos destacar que não houve uma linearidade que marcou a ascensão e queda dessas formas de festejar. Não foi necessário o esgotamento de uma manifestação cultural para o surgimento de outra, pelo contrário, houve a existência em um mesmo período de diferentes formas de festejar o Carnaval, que se diferiam pelas suas características como tipologia de brincadeiras, desfiles, vestuário, música e também de participantes, de forma que, a existência de festas praticadas pela elite, não significou a ausência das festas populares<sup>123</sup>.

## **2.4 O Samba no Carnaval, a identidade negra na festa.**

Na atualidade, ao se pensar sobre o carnaval, nossa memória evoca os sons dos instrumentos musicais e o ritmo que dão origem ao samba. Esta festa, que tem como ritmo de destaque o samba, é repleta de memórias e história, pois começou a ser forjada há séculos atrás, quando os primeiros africanos chegaram ao Brasil. O samba é resultado do passado escravista, que constantemente faz emergir diferentes memórias. Entre estas, não podemos esquecer aquelas ligadas à escravidão e as injustiças vinculadas aos povos de matriz africana.

Infelizmente, foi em função do uso escravizado de mão-de-obra negra que ocorreu a diáspora africana e, conseqüentemente, propagou influências na cultura brasileira que ainda estava sendo construída. O ritmo samba é um exemplo das intervenções negras no Brasil: “Ele ocorre em todo o país, num sem-número de gêneros e subgêneros, manifestações musicais, de danças e de celebrações da vida, originadas do que foi semeado ao longo dos séculos pelas

<sup>122</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Op. Cit.** 2001, p. 46-48.

<sup>123</sup> SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso: estudos sobre o Carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas.** Rio de Janeiro: Editora fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 120 e 121.

populações africanas e afro-descendentes que aqui viveram e vivem<sup>124</sup>”. Muniz Sodré em seu livro intitulado *Samba, o dono do corpo*<sup>125</sup>, discute qual é o sentido desse ritmo no interior da sociedade brasileira, abordando a relação da história do negro com a história do samba. É apontada pelo autor a origem do termo “samba” que, para ele, é uma palavra derivada de “semba”, de origem angolana, e usada para designar o “encontrão” entre umbigos. No Brasil, a tradição de danças em roda e com umbigadas derivam da influência dos bantos<sup>126</sup>, observada em Angola no século XIX. As danças dos povos bantos se espalharam pelo nosso país. Por onde o negro banto passou se fizeram presentes a dança de roda. Os batuques e o modo de dançar dos povos africanos foram trazidos para o Brasil no período escravagista. Ao trazerem os africanos para cá, por meio da diáspora, intuito era transportar apenas o corpo negro, aquele que realizaria o trabalho braçal, que impulsionaria a economia, mas que não receberia nenhum mérito, pois era compreendido como um corpo feito para servir.

Quando os batuques se faziam presentes nos encontros dos negros era alvo de perseguição, não pela musicalidade em si, mas pelo preconceito, que sempre teve um epicentro, a pessoa negra e, em consequência, tudo que está relacionado a ela tornava-se alvo de ataques, seja a música, a religião, o cabelo, a dança etc. O negro aprendeu a lidar com as perseguições, encontrou modos de resistência, um deles foi a realização dos encontros animados com batuques em casas onde a polícia não se envolvia, como por exemplo, na famosa residência de Hilária Batista de Almeida<sup>127</sup> (Tia Ciata), no Rio de Janeiro. Casada com o médico negro, João Batista da Silva, que se tornou o chefe de gabinete do chefe de polícia no Governo de Wenceslau Brás, o local de sua residência se tornou respeitado, inibindo as investidas policiais.

Ainda no que se refere às estratégias de resistência, o povo negro encontrou também maneiras de ludibriar o preconceito pela sua música, incorporando a figura rítmica da síncopa, que atua de forma a “incitar o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança”<sup>128</sup>. A síncopa consiste no prolongamento do som, o qual é preenchido pelo corpo negro. O corpo que atua na síncopa é aquele que nos momentos

<sup>124</sup> CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Dossiê das Matrizes do samba no Rio de Janeiro**- partido-alto, samba de terreiro samba-enredo. Supervisão e financiamento: IPHAN/ MinC, Apoio: Fundação Cultural Palmares, p.9

<sup>125</sup> SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 09- 35.

<sup>126</sup> CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Op. Cit.**, p.14.

<sup>127</sup> SODRÉ, Muniz. **Op. Cit.**, 1998, p. 17. - A casa de Tia Ciata estava localizada em um importante ponto da cidade do Rio de Janeiro - na Praça Onze, o que fez com que um grupo e uma cultura marginalizada, encontra-se como local de resistência um dos principais locais urbanos (praça), “depois de 1900, a Praça Onze tornou-se ponto de convergência da população pobre dos morros da Mangueira, Estácio, Favela, favorecendo a expansão territorial de blocos e cordões carnavalescos, além de rodas de samba

<sup>128</sup> SODRÉ, Muniz. **Op. Cit.**, 1998, p.11.

cotidianos – durante a escravidão – foi reprimido e repreendido, ela pode também ser compreendida como um meio de resistência do negro, conforme é apontado por Muniz Sodré:

A síncopa brasileira é rítmico- melódica. Através dela, o escravo- não podendo manter integralmente a música africana- infiltrou sua concepção temporal- cósmico- rítmica nas formas musicais brancas. Era uma tática de falsa submissão: o negro acatava o sistema tonal europeu, mas ao mesmo tempo o desestabilizava, ritmicamente, através da síncopa- uma solução de compromisso<sup>129</sup>.

Sendo assim, apesar do samba ter se criado em solo brasileiro, receber influências dos europeus e povos indígenas, que já habitavam o Brasil, este ritmo está intimamente ligado ao povo do continente africano e seus descendentes. A incorporação de formas musicais brancas muitas vezes foi pensada e seu uso foi feito como uma forma de preservação dos próprios costumes africanos (táticas de falsa submissão) – utilizar as formas musicais europeias como o prolongamento do som foi uma forma do negro se inserir no contexto musical e ser aceito.

Ao estabelecer seus costumes em solo brasileiro e diante de uma sociedade preconceituosa, os negros tiveram que criar táticas para facilitar sua aceitação, ou suas práticas poderiam, devido às sanções, cair no esquecimento. Dessa forma, com o tempo e com adaptações na música, os ritmos negros começaram a aparecer em festas populares de origem branca. Na segunda metade do século XIX, já se encontrava no Rio de Janeiro uma música urbana brasileira, representada pela modinha, o maxixe, o lundu e o samba, mas foi no século seguinte que o samba foi reconhecido como gênero musical. Assim, “em 1917<sup>130</sup>, pela primeira vez, um selo de disco de 78 r.p.m trouxe no campo reservado à descrição do gênero musical a palavra samba”<sup>131</sup>.

O samba encontrou seu ápice nas Escolas de Samba que surgiram no Rio de Janeiro por volta de 1920 e, como vimos, foram influenciadas pelos Ranchos Carnavalescos. A própria nomenclatura “Escola de Samba”, segundo Muniz Sodré, seria uma derivação dos “ranchos-escolas”<sup>132</sup>.

A partir dos ranchos-escolas, surgiram de 1923 em diante, as escolas de samba (no começo apenas blocos), mantendo grande parte das antigas características (passeata, porta-bandeira, mestre-sala, orquestras, etc.), mas também o “direito” de penetração no espaço urbano branco<sup>133</sup>.

<sup>129</sup> SODRÉ, Muniz. **Op. Cit.**, 1998, p. 25.

<sup>130</sup> Baseado nas informações contidas no “Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro” esse é o ano tido como marco do nascimento do gênero musical samba. CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Dossiê das Matrizes do samba no Rio de Janeiro- partido-alto, samba de terreiro samba-enredo**. Supervisão e financiamento: IPHAN/ MinC, Apoio: Fundação Cultural Palmares

<sup>131</sup> CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Op. Cit.**, p. 13

<sup>132</sup> SODRE, Muniz. **Op. Cit.**, 1998, p. 36

<sup>133</sup> SODRE, Muniz. **Op. Cit.**, 1998, p. 37

Existe outra hipótese sobre o termo “Escola de Samba”, como nos mostra Rachel Soihet. Nesta, a autora apresenta que tal denominação surgiu devido a um grupo de malandros que se reunia em frente a uma escola, localizada no largo do Estácio. Em tal encontro, resultava-se a composição de músicas que demonstravam uma superioridade em relação às músicas de tantos outros compositores, por isso passaram a ser considerados, por alguns, como “professores” e membros de uma “escola de samba”<sup>134</sup>.

O preconceito em relação à cultura negra permaneceu quando se iniciaram as Escolas de Samba. Rachel Soihet menciona que “apesar da presença de inúmeras famílias e trabalhadores nas Escolas (de samba), por longo tempo permaneceu uma visão negativa com relação aos componentes dessas entidades”<sup>135</sup>, o samba foi alvo da perseguição da polícia, associado à malandragem. As comunidades envolvidas com as Escolas de Samba, frequentemente estavam inseridas em brigas por sua agremiação – a elite brigava pelos partidos políticos – isso auxiliou a disseminação do imaginário bárbaro e agressivo que envolveu os participantes das Escolas<sup>136</sup>, mas apesar disso, as agremiações foram se fortalecendo anualmente.

As Escolas de Samba tiveram como núcleo de formação os blocos carnavalescos, constituídos pela camada baixa da população, composta pelos moradores periféricos, entre os quais, estavam os negros, que mantinham suas tradições afro-brasileiras, no entanto, houve a incorporação de elementos e pessoas que remetiam ao modelo de festejar denominado de Grande Carnaval. No mais, pessoas com características culturais e financeiras distintas, puderam se aproximar: “A escola de samba é, desse modo, um produto do encontro do morro com a cidade, da interação do samba e seu universo social em expansão, com outras camadas da sociedade”<sup>137</sup>.

A população negra se identificava em grande medida com o ritmo que animava os desfiles das Escolas de Samba, pois, vale lembrar, o próprio nome do ritmo remetia ao continente de origem de tal povo. Além disso, soma-se o fato de que os organizadores dessas festas populares, eram muitas vezes líderes de cultos afro-brasileiros<sup>138</sup>. Rachel Soihet, em uma de suas entrevistas que compõe o livro *A subversão pelo riso*, insere seguinte relato: “O próprio local dos ensaios chamava-se terreiro, termo idêntico ao das cerimônias de

<sup>134</sup> SOIHET, Rachel. **Op. Cit.**, 1998, p. 26.

<sup>135</sup> **Ibidem**, p. 131.

<sup>136</sup> **Ibidem**, p. 133.

<sup>137</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 83.

<sup>138</sup> SOIHET, Rachel. **Op. Cit.**, 1998, p. 124.

candomblé, porque quadra é de basquete...terreiro é que é o lugar de fazer samba”<sup>139</sup>. Ainda sobre a afinidade entre o samba e a religiosidade de raiz africana, é destacado, também em suas entrevistas, o fato de ambos (musicalidade e religiosidade) serem vítimas da repressão policial<sup>140</sup>. Os frequentadores dos cultos afro-brasileiros, ao terminarem seu momento religioso, iam para o samba. A relação entre o culto e a festa evidencia a proximidade entre o profano e o sagrado, demonstra que a devoção não é motivo para reprimir o prazer e a alegria, e que religião e comemoração se diferem, mas não se excluem ambos são considerados necessários por grande parte da população<sup>141</sup>.

A formação das Escolas de Samba demonstrou a organização e seriedade dos grupos populares, vistos muitas vezes como desordeiros. A sua ocupação e permanência nos espaços das cidades demonstra o compromisso presente na festa, revelando que, apesar do festejo ter o sentido da diversão, vai além da mera euforia, pois exige responsabilidade, comprometimento e cooperação<sup>142</sup>.

Sobre a seriedade com que os membros de Escolas encaram/encaravam os desfiles: a preparação era realizada de maneira conjunta, a comunidade se organizava em cooperação, os próprios moradores confeccionavam as fantasias; itens como madeira, necessários para a fabricação dos instrumentos, também eram coletados e doados pelos moradores; para a confecção de fantasias, instrumentos, ou mesmo para a participação durante o desfile, não era pago nada aos moradores das comunidades, estes se envolviam sem almejar retorno financeiro<sup>143</sup>. Toda a união envolta na preparação dos desfiles demonstra a capacidade de organização da comunidade e de como os desfiles eram encarados com comprometimento. Cabe destacar que, no início das Escolas, as fantasias eram mais simples ao se comparar com as apresentadas atualmente, pois a própria comunidade se encarregava de tudo, não contando ainda com artistas plásticos ou mesmo grandes patrocinadores.

O que inicialmente era uma festa com ampla participação da população periférica e marginalizada, com o passar dos anos se tornou de ampla participação e de grande aceitação da sociedade. Hoje, é vista como uma deslumbrante manifestação artística e cultural, tanto que, em algumas localidades, atrai turistas de várias partes do Brasil e do mundo. Todavia, sua aceitação não ocorreu de imediato, lembrando que seu surgimento se passa no início do

---

<sup>139</sup> **Ibidem**, p. 124.

<sup>140</sup> **Ibidem**, p. 124.

<sup>141</sup> **Ibidem**, p. 124 e 125.

<sup>142</sup> **Ibidem**, p. 127.

<sup>143</sup> SOIHET, Rachel. **Op. Cit.**, 1998, p. 130.

século XX, pouco tempo após a oficial abolição da escravidão no Brasil (final do século XIX). Assim, a despeito de todos os problema de discriminação:

Apesar de todos os percalços, os sambistas não desistiam e seus esforços faziam as escolas de samba assumir a cada ano maior vulto. No noticiário dos jornais ampliavam-se progressivamente o espaço destinado à nova modalidade de manifestação carnavalesca. Crônicas detinham-se na análise dessa forma de expressão, de seus componentes, de sua música, buscando uma interpretação em geral identificada como raiz da nacionalidade, fato de maior importância nesse momento marcado pela influência do modernismo.<sup>144</sup>

O Estado, após a Revolução de 1930, passou a financiar o Carnaval<sup>145</sup>. Esse período, que valoriza e busca a identidade nacional e a autenticidade brasileira- muito em função de conquistar as camadas populares-, faz com que o samba seja despido pelos maus olhares e preconceitos, permite que seja finalmente acolhido pela sociedade, representando o caráter mestiço da nossa população e da nossa cultura<sup>146</sup>.

O intuito do Carnaval é o divertimento, porém, é uma festa que absorve aspectos da sociedade em sua organização. Dessa forma, mesmo que indiretamente, críticas políticas, econômicas e sociais se misturam no desenrolar da festa, sendo o momento do desfile de Escolas, de grande importância para dar voz aos grupos populares, pois durante a festividade, suas críticas são ouvidas<sup>147</sup>. Cabe ressaltar que os sambas enredos não se iniciaram logo no início da formação das Escolas, sendo incorporado a elas ao longo do tempo.

A crítica também pode ser percebida nas próprias brincadeiras que fazem parte do Carnaval, pois, com frequência, podem expressar o deboche à sociedade, por exemplo, com ironia, tratar a corrupção. O brincar vai além do sentido do riso fútil, carrega mensagens de desaprovação e protesto, assim sendo, as fantasias e máscaras são reveladoras de diversas críticas.

O Carnaval tendo como representante as Escolas de Samba, é sem dúvida, uma manifestação popular, podendo ser considerado uma forma de resistência cultural da população periférica. No entanto, a festa carnavalesca com a musicalidade do samba também se difundiu e incorporou aspectos dos grupos dominantes, sendo atualmente festejada e aceita por diferentes grupos sociais<sup>148</sup>.

No capítulo a seguir, abordaremos a festa de Carnaval em Ponte Nova, apresentando algumas de suas modulações no decorrer do século XX. Iniciamos a abordagem do Carnaval a

---

<sup>144</sup> **Ibidem**, p. 136.

<sup>145</sup> **Ibidem**, p. 142.

<sup>146</sup> **Ibidem**, p. 136.

<sup>147</sup> SOIHET, Rachel. **Op. Cit.**, 1998, p. 128.

<sup>148</sup> **Ibidem**, p.120.

partir da primeira notícia encontrada a respeito de sua realização no município (início do século XX) e seguimos até os primeiros anos da década de 1950, quando foi noticiado, na mídia impressa, as Escolas de Samba. Verificamos que a festa vivida no município estava em consonância com a praticada nos grandes centros brasileiros, as quais foram expostas neste capítulo. Dentre os conteúdos abordados, destacamos a participação popular no Carnaval ponte-novense e a relação das Escolas de Samba com a população negra local.

## CAPÍTULO 3

### O FESTEJAR EM PONTE NOVA

Neste capítulo discutiremos as diferentes manifestações carnavalescas que se realizaram em Ponte Nova na primeira metade do século XX. Analisamos a presença de dois modelos de festa carnavalesca no local: uma com característica mais luxuosa e menos acessível, realizada, sobretudo, nos clubes e outra de caráter popular festejada nas ruas. Os dois modelos revelam que o primeiro era organizado para a elite e outro para a população pobre.

Com perfis de público e de formas de festejar diferentes, as festas carnavalescas podem ser reveladoras de preconceitos, segregação, insubordinação à “ordem” e obviamente, de diferentes modelos de divertimento. Os preconceitos e a segregação tornam-se perceptíveis quando um grupo, especialmente de classe social mais elevada, cria meios para não interagir com pessoas de classes menos favorecidas. A insubordinação à ordem aparece quando durante as festas ocorre o rompimento com as práticas socialmente comuns, por exemplo, quando um homem se veste de mulher, ou quando a periferia ocupa o centro elitizado para festejar. Já os distintos modelos de divertimento, podem ser versões mais ou menos acessíveis ao público, bem como, podem ser mais recatados ou expansivos.

O Carnaval em Ponte Nova vem sendo realizado a um longo tempo, essa informação pode ser confirmada pelas notas divulgadas no jornal “*A Alvorada*” em 1906. Nesse ano a imprensa informou a presença do Zé Pereira<sup>149</sup>, mas em contrapartida também noticiou uma manifestação carnavalesca privada, promovida pelo Clube Democrata<sup>150</sup> do município.

As notas remetem a modos de praticar o Carnaval, com características distintas e destinadas a públicos dissemelhantes. A primeira nota refere-se a um Carnaval de rua, aberto ao grande público, ou seja, festejado pela população financeiramente menos favorecida, enquanto a segunda nota refere-se a um clube que irá promover o Carnaval. O clube possui sócios, que são pessoas que pagam mensalidades, ou seja, sua condição financeira permite destinar dinheiro para gastos além dos considerados básicos.

---

<sup>149</sup> Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>150</sup> Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Sobre o público frequentador do Carnaval de ruas, devemos elucidar que Ponte Nova registrou significativa quantidade de negros escravizados, que devido à falta de amparos após à abolição da escravidão, foram os grandes formadores da população pobre do município.

No decorrer do capítulo estará em destaque Carnaval popular na forma de Zé Pereiras, Cordões, Blocos até chegarmos às Escolas de Samba, que aparecem na imprensa do município na primeira década de 1950. A presença das Escolas de Samba está associada ao enraizamento cultural da população negra da cidade.

### **3.1 Matrizes do Carnaval e do samba: A população negra em Ponte Nova**

Ponte Nova é um município brasileiro localizado em Minas Gerais, mais especificadamente na região da Zona da Mata. Antes de abordar nesse item sobre a população negra que se estabeleceu forçadamente na localidade de estudo durante o período da escravidão, apresentaremos também informações sobre a inserção dos negros em um recorte espacial maior. Dessa forma, utilizaremos dados sobre a diáspora para a região Sudeste do Brasil, Minas Gerais e Zona da Mata Mineira, pois o deslocamento de negros para o município é um reflexo do que ocorreu nessas outras escalas.

Na sequência encontra-se um mapa de localização de Ponte Nova, no qual destaca-se sua localização em Minas Gerais e na Região denominada Zona da Mata.

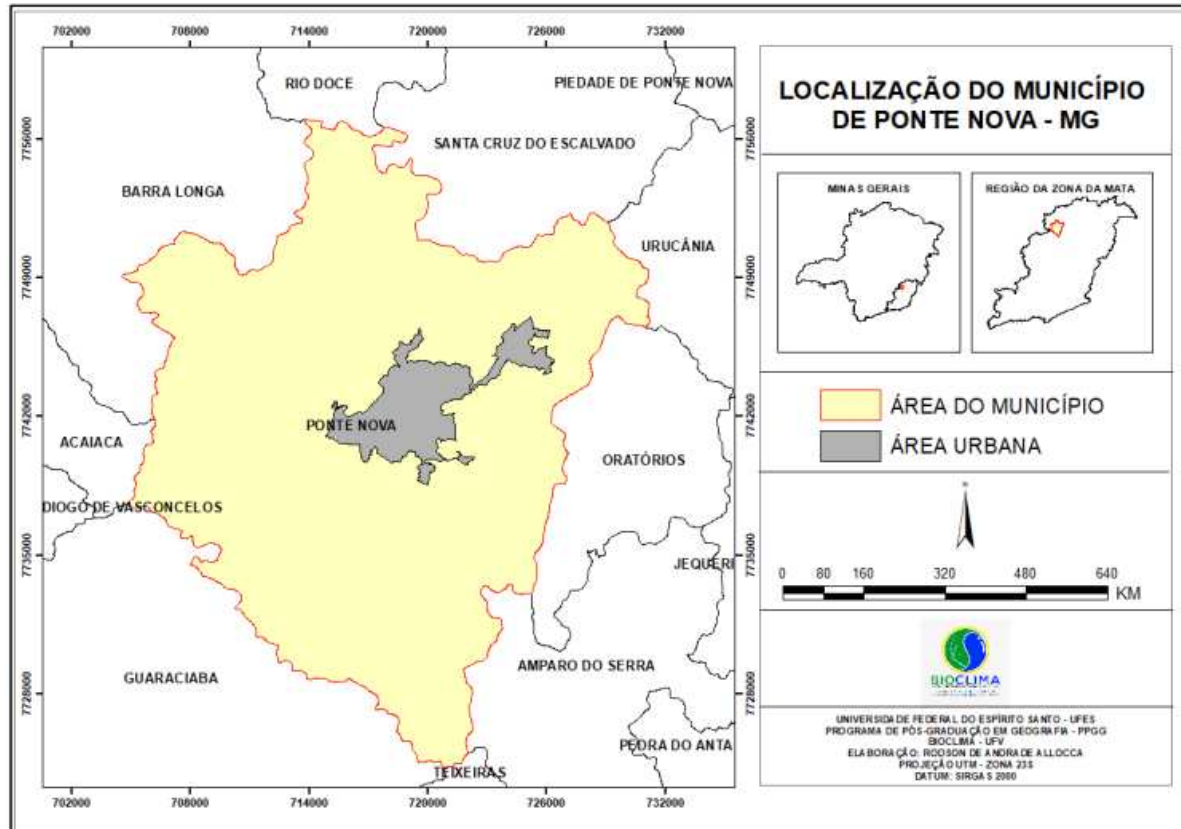


Figura 5- Mapa de Localização de Ponte Nova

Fonte: ALOCCA, Rodson de Andrade. Mapa de localização do município de Ponte Nova. **Análise do campo térmico na área urbana de Ponte Nova, Minas Gerais.** Universidade Federal do Espírito Santo. BIOCLIMA-UFV. 2018, p. 6.

Em termos de fluxo populacional de negros no período da escravidão para a região onde está localizada Ponte Nova, Jonis Freire apresenta que “o Sudeste do Brasil foi a região que recebeu o maior número de cativos, tanto em números absolutos quanto em números relativos, foram 2.017.900 indivíduos escravizados, o que equivalia a 21,0% do total de cativos<sup>151</sup>”. O autor também aponta que entre 1801-1850 foi o período de maior chegada de africanos no Sudeste.

Freire evidencia que, dos Estados do Sudeste, Minas Gerais se destaca como a maior possuidora de escravizados do século XIX. Esses escravizados eram inicialmente provenientes do tráfico internacional (África-Brasil) e posteriormente, foi resultado do tráfico interno<sup>152</sup>. Ainda no que diz respeito ao quantitativo de negros em Minas, o autor Renato Leite Marcondes apresentou em consonância com o recenseamento realizado em 1872 que

<sup>151</sup> FREIRE, Jonis. **A inserção dos africanos na Zona da Mata – Minas Gerais, século XIX.** Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano III, nº6, Dezembro/2010, p.10.

<sup>152</sup> **Ibidem**, p.10

Minas Gerais tinha pouco mais de 2 milhões de habitantes, desses, quase 400 mil eram cativos<sup>153</sup>.

Das regiões de Minas Gerais, em se tratando de população negra, destaca-se a Zona da Mata. Segundo consta em “*Escravos e libertos da Zona da Mata Mineira: a luta pela liberdade aos primeiros anos do pós-emancipação (1870-1900)*” entre os anos finais da escravidão, essa região possuía o maior contingente de cativos de Minas Gerais<sup>154</sup>. Para elucidar as informações, é apresentado pelos autores o quadro abaixo que se refere a população dos municípios da Zona da Mata Mineira em 1872. Nesse quadro chama-nos atenção Ponte Nova, com a maior população absoluta da época, e com a quarta maior população cativa da região.

Municípios	Número de freguesias	População		
		Livre	Escrava	TOTAL
Ponte Nova	09	49.627	7.604	57.231
Leopoldina	08	26.633	15.253	41.886
Juiz de Fora <sup>(1)</sup>	05	23.968	14.368	38.336
Viçosa	06	30.460	6.636	37.096
Muriaé <sup>(2)</sup>	11	27.682	5.936	33.618
Pomba	06	25.528	7.028	32.556
Ubá	06	25.311	7.149	32.460
Mar de Espanha	05	19.632	12.658	32.290
Rio Novo	03	15.838	6.957	22.795
Piranga	06	18.241	4.195	22.436
Rio Preto	05	15.746	6.313	22.059
<b>TOTAL</b>	<b>70</b>	<b>278.666</b>	<b>94.097</b>	<b>372.763</b>

Tabela 1-**População dos municípios da Zona da Mata de Minas Gerais em 1872**

Fonte: GUIMARÃES, Elione Silva. *Escravos e libertos da Zona da Mata Mineira: a luta pela liberdade aos primeiros anos do pós-emancipação (1870-1900)*. Revista Científica da FAMINAS, vol.1, n°2, 2005, p. 67.

A inserção dos negros em Ponte Nova esteve atrelada, sobretudo, ao trabalho nas fazendas. Segundo Luciano Sheikk, a ocupação e desenvolvimento econômico da região

<sup>153</sup> MARCONDES, Renato Leite. *Estrutura da posse de cativos no Paraná e em Minas Gerais (1872-1875)*. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu-MG. Setembro/ 2004, p. 10.

<sup>154</sup> GUIMARÃES, Elione Silva. *Escravos e libertos da Zona da Mata Mineira: a luta pela liberdade aos primeiros anos do pós-emancipação (1870-1900)*. Revista Científica da FAMINAS, vol.1, n°2, 2005, p. 65.

relacionam-se à doação de Sesmarias. São apresentadas pelo autor duas Cartas de Sesmarias<sup>155</sup> localizadas no atual território de Ponte Nova e adjacências: a Sesmaria de Quebra-Canoas e a Sesmaria da Fazenda do Engenho, a primeira datada de 1745 e a segunda de 1755.



Figura 6-Ruínas da Fazenda Quebra-Canoas.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

Na carta de Sesmaria da Fazenda do Engenho<sup>156</sup>, comprova-se a presença de africanos escravizados no município. Conforme foi mostrado em sua transcrição, somente nessa propriedade havia 20 (vinte) escravizados.

O povoamento e desenvolvimento de Ponte Nova tiveram suas bases na agricultura, atividade realizada por muito tempo com uso de mão de obra negra escravizada. Luciano Sheikk<sup>157</sup> relata a existência de deslocamento forçado de negros para o município, revelando que no ano de 1833 o Juiz de Paz de Ponte Nova, foi incumbido de averiguar a veracidade de informações referentes a escravos furtados na Corte e vendidos na região de Ponte Nova.

O autor Renato L. Marcondes nos revela, com base na lista de classificação de escravizados de Ponte Nova (1872- 1875), a presença de 5.585 escravizados negros na

<sup>155</sup> SHEIKK, Luciano. **A História da Literatura em Ponte Nova**. Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova-ALEPON, 1ª edição, 2013, p. 30 e 31.

<sup>156</sup> SHEIKK, Luciano. **Op. Cit.**, 2013. p. 32 e 33.

<sup>157</sup> **Ibidem**. P. 36 e 37.

localidade, pertencentes a cerca de 1.296 proprietários, apresentando uma média de 4,3 cativos por proprietário<sup>158</sup>. Com base nas informações apresentadas por Renato L. Marcondes, os escravizados de Ponte Nova estavam alocados nas seguintes funções: 70,1% agricultora, 0,2% pecuária, 2,6% transporte, 6,9% ofícios, 18,7% domésticos e 1,6 serviços<sup>159</sup>. O mesmo autor apresenta as seguintes estatísticas de faixa etária dos negros cativos: 50,5% possuía de 0 a 14 anos, 34% possuía de 15 a 49 anos e 15% estava acima de 50 anos<sup>160</sup>. Cabe destacar, com base nas informações contidas em “*População de Minas Gerais na segunda metade do séc. XX: novas evidências*”, que entre os anos de 1855 a 1872 a percentagem de escravizados de Ponte Nova estava entre 13% a 20% de sua população total<sup>161</sup>.

Camila Pelinsari Silva reforça as informações sobre escravizados referentes a Ponte Nova, pois em seu trabalho “*Estruturas fundiárias e agrárias em Ponte Nova 1855-1888*” apresenta que “13 propriedades pequenas foram transacionadas juntamente com escravos. Uma delas possuía 23 escravos. Ao todo, 85 escravos foram transacionados nessas 13 propriedades<sup>162</sup>”.

Ainda sobre o passado escravista do município é apresentado por Luciano Sheikk duas cartas de liberdade<sup>163</sup> concedidas em Ponte Nova, emitidas em prol de Roza e Vitória. As alforrias foram registradas no Cartório do 1º Ofício de Ponte Nova, instalado em 1863. No primeiro livro às folhas 16 e 17, na data de 21 de setembro de 1863 encontra-se a Carta de Liberdade de Roza, descrita como parda. No segundo livro, está a Carta em prol de Vitória, descrita também como parda. Na Alforria de Vitória é apresentado que sua concessão foi feita em razão de gratidão e reconhecimento pelos seus serviços prestados, no entanto, menciona que Vitória continuará a viver na companhia e casa de sua empregadora.

Com o fim da escravidão a população negra firmou seus Territórios, sejam eles urbanos ou rurais, ressaltamos que as melhores localidades já estavam ocupadas por pessoas com melhores posições sociais. No perímetro urbano a população negra ocupou, sobretudo as áreas periféricas da cidade. Já no meio rural, buscaram por locais onde fosse possível desenvolver agricultura e criação de animais para subsistência.

<sup>158</sup> MARCONDES, Renato Leite. **Op. Cit.**, 2004, p. 16.

<sup>159</sup> **Ibidem**, p.16

<sup>160</sup> **Ibidem**, p.14.

<sup>161</sup> MARTINS, Maria do Carmo Salazar; LIMA, Maurício Antônio de Castro; SILVA, Helenice Carvalho Cruz da. **População de Minas Gerais na segunda metade do séc. XIX: Novas Evidências**. X Seminário Sobre Economia Mineira. Diamantina, 2002, p.. 6.

<sup>162</sup> SILVA, Camila Pelinsari. **Estruturas fundiárias e agrárias em Ponte Nova: 1855-1888**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013, p. 13.

<sup>163</sup> SHEIKK, Luciano. **Op. Cit.** 2013, p. 36.

Como exemplo de área urbana ocupada pelos negros em Ponte Nova podemos destacar o bairro Nossa Senhora de Fátima. O bairro, que está localizado em um dos morros do município é reconhecido atualmente pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente quilombola, conforme pode ser atestado no documento abaixo:



SGAN Quadra 601 Norte – Lote L – Ed. ATP – Brasília/DF  
 CEP: 70830-010 Fone: (61) 3424 0101 site: www.palmares.gov.br

**Figura 7-Certidão de Autodefinição- Fundação Cultural Palmares**  
**.Fonte: Arquivo Pessoal.**

Nos primórdios da ocupação desse bairro, ele não era bem conceituado por parcela da população, conforme pode ser atestado por meio da nota publicada no *Jornal Correio da Semana* de 1925<sup>164</sup>. Nesse ano o jornal descreveu o bairro como um reduto de desocupados. A

<sup>164</sup> *Jornal Correio da Semana*, Ponte Nova, 22 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 201. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

nota chama atenção pelo fato de demonstrar um incômodo pela existência da pobreza, na realidade um aborrecimento por terem contato com os pobres. O autor da nota não demonstra preocupação em solucionar o problema socioeconômico. O que o aflige, é o contato com as pessoas em situação de miséria.

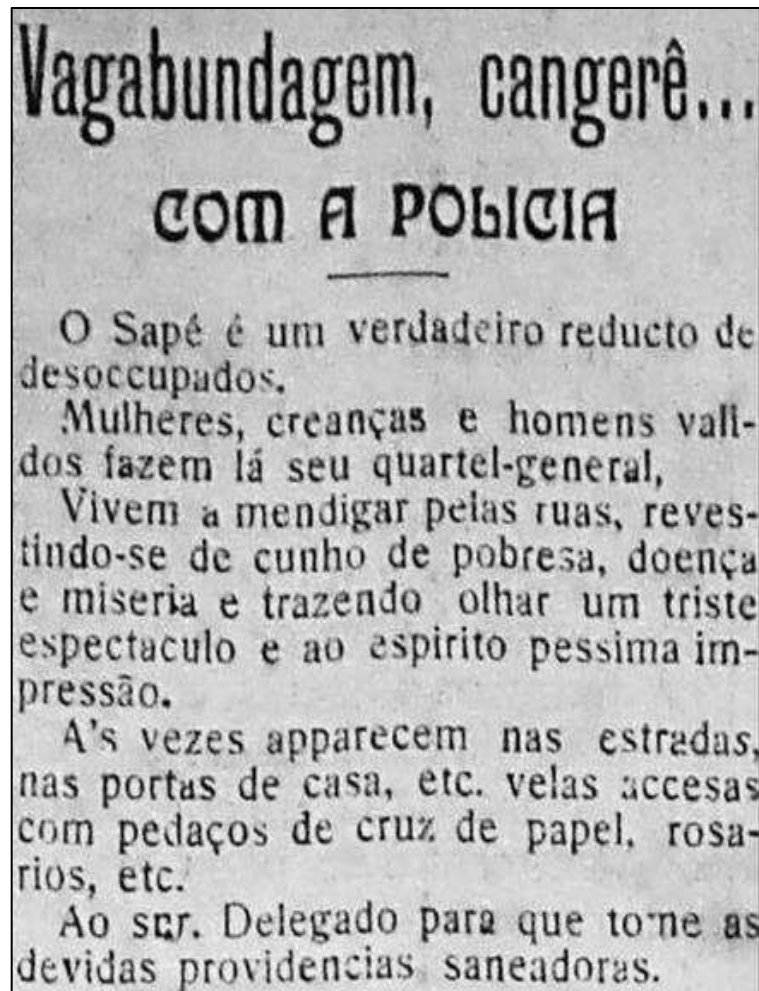


Figura 8- Nota de Jornal: Vagabundagem, cangerê...com a polícia.

Fonte: Jornal Correio da Semana, Ponte Nova, 22 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 201. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

A nota consta um ponto que precisa ser problematizado, o qual diz respeito ao seu título, que generaliza todos os moradores da região denominada Sapé (o termo faz referência à vegetação sapé usada na cobertura das casas) como vagabundos e usa o termo canjerê, que segundo os dicionários<sup>165</sup> é atribuído à prática de feitiçaria. A palavra canjerê foi usada provavelmente para se referir às práticas religiosas afro-brasileiras, que são erroneamente ligadas a feitiços e maldades, o que agrava ainda mais o preconceito dirigido aos seus praticantes.

<sup>165</sup>

Desvendando a Umbanda. Disponível em <http://desvendandoaumbanda.blogspot.com/2008/08/glossrio.html>, acesso em 11 de julho de 2019.

A nota acima utiliza a nomenclatura Sapé, termo ainda hoje usado para se referir a alguns bairros de Ponte Nova localizados na periferia. Por não se tratar de uma nomenclatura oficial, utilizamos as informações coletadas em entrevista com Carlos Pinto da Paixão, moradores do bairro Nossa Senhora de Fátima há 54 anos para explicar a abrangência do Sapé.

De acordo com o entrevistado, o Sapé é uma região de Ponte Nova, que tem o Bairro Nossa Senhora de Fátima (remanescente quilombola) como bairro mãe. A partir do bairro de Fátima, que já era agregado ao Palmeirense, foram formados outros bairros próximo, como o São Pedro, criado em 1979 após uma enchente, com a função de ser local de moradia dos desabrigados, e posteriormente foram criados o bairro Novo Horizonte e Cidade Nova. Segundo o entrevistado, o Sapé abrange todos esses bairros citados e não existe um limite exato como fronteira<sup>166</sup>.

No bairro Nossa Senhora de Fátima surgiu uma das mais importantes Escolas de Samba de Ponte Nova - a Academia de Samba do Bairro de Fátima, fundada por uma família de negros “Família Prateado”, a qual iniciou suas atividades na década de 1950. Segue fotografia de um dos principais locais do bairro, onde estão localizadas a Igreja Católica, uma Escola Infantil e a sede do Grupo Afro Ganga Zumba.



**Figura 9-Bairro Nossa Senhora de Fátima- Ponte Nova.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.**

---

<sup>166</sup> A entrevista na íntegra está disponível em anexo.

Na área rural podemos destacar como Território negro a comunidade Nogueira, segundo Ana Luiza Fernandes de Oliveira Dias<sup>167</sup> essa comunidade é constituída de 12 famílias que apresentam parentescos entre si, e é conhecida por alguns como “Terra de pretos”. A formação da comunidade de Nogueira tem relação com a fazenda Quebra-Canoas, já mencionada nesse trabalho, que conforme seu documento de concessão, contava com uso de mão-de-obra escravizada. Essa fazenda pertencia aos “Martins da Silva”. A autora contatou um herdeiro dessa família, que relatou a presença de negros escravizados nas terras dos seus familiares e revelou que após a Lei Áurea foi doado um quinhão de terra para os seus trabalhadores. Dessa forma, segundo Ana Luiza Dias, uma das hipóteses é de que a Comunidade Nogueira seja fruto dessa doação.

De acordo com a autora, as 12 (doze) famílias que habitam Nogueira somam 41 pessoas, todos parentes de forma direta ou indireta, que mantiveram as terras repassando-as de geração a geração. A partir de depoimentos de antigos moradores dessa comunidade é revelada a pobreza vivenciada no local, que possuía casas cobertas de sapé, sem camas para dormir e uma alimentação dependente do que se produzia em suas propriedades.



Figura 10- Trecho da estrada de acesso à Nogueira.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

---

<sup>167</sup> DIAS, Ana Luiza, Fernandes de Oliveira. **Op. Cit.**, 2007, p. 5-12.



**Figura 11-Comunidade Nogueira**  
**Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.**

Percebemos que tanto no bairro Nossa Senhora de Fátima quanto em Nogueira, o sapé atribuía características às casas, e revelava a simplicidade e falta de recursos das famílias locais. Ao irmos a ambas as localidades, percebemos que as formas de habitar são simples, como pode ser notado nas fotografias acima de Nogueira. Essa comunidade em área rural é cercada pela vegetação e apresenta uma precária via sem pavimentação, que contribui para o isolamento local.

Discorrer sobre a presença dos escravizados negros no município nos dá embasamento para pensar sobre a influência dessa população na cultura local. Interessa-nos especialmente suas intervenções na festa carnavalesca e na sua modulação de Escola de Samba, pois há forte intervenção negra no Carnaval de Escolas de Samba. Tal intervenção se mostra, sobretudo por meio do samba em que os instrumentos de percussão são essenciais e relacionam-se com a cultura de matriz africana. Percebemos que na musicalidade negra, o som é tão importante quanto à letra.

No entanto, antes da participação da população afro-brasileira na festa de Carnaval por meio das Escolas de Samba, esse povo já festejava o Carnaval. A seguir, veremos formas de brincar essa festa em Ponte Nova no início do século XX, as quais evidenciam como era o festejo de Momo e as quais grupos sociais ele servia como divertimento.

### 3.2 As diferentes formas de festejar em Ponte Nova

Apresentamos neste item as diferentes formas de festejar o Carnaval em Ponte Nova na primeira metade do século XX. O intuito é compreender como esta festa era brincada pela classe pobre do município, no entanto, ao pesquisar sobre o Carnaval popular nos jornais de Ponte Nova nos deparamos com uma grande quantidade de informações sobre outro tipo de Carnaval, o elitizado, que não é nosso objeto de estudo, mas tem muito valor para fazermos um contraponto entre essas diferentes manifestações carnavalescas. Cabe destacar que as distintas formas de Carnaval resultaram na construção de diferentes Paisagens.

Percebemos que há similaridades na festa carnavalesca de Ponte Nova com outras ocorridas pelo Brasil no mesmo período, como por exemplo, em Belo Horizonte. Os apontamentos de Hilário F. P. Filho, que discorre sobre o Carnaval na capital mineira entre 1899 a 1939, utilizando também reportagens de jornais e as leituras dos periódicos ponte-novenses, revelam semelhanças entre os conteúdos das matérias que se referiam ao Carnaval de clubes em ambas as localidades.

Por meio das pesquisas feitas em jornais de Ponte Nova de 1906 a 1955, identificamos que as festividades momescas dos clubes se apresentam de forma ostensiva. Segundo o Hilário Filho, isso ocorria pelo fato de os jornais terem um alcance que iam além dos seus sócios, e então, essa parcela elitizada fazia questão de se exhibir para um número maior de pessoas, de forma a reavivar seu status<sup>168</sup>.

A leitura dos jornais nos permitiu perceber que as notícias divulgadas sobre o Carnaval eram majoritariamente referentes ao seu modelo elitizado, o que gerou a seguinte indagação: o que faziam as pessoas que não tinham alto poder aquisitivo na época do carnaval? Os pobres não se divertiam na festa? No entanto, as leituras realizadas sobre o percurso do Carnaval no Brasil e suas diferentes formas de manifestações, apresentadas no capítulo 2, nos mostraram que sempre a camada popular forjou táticas para se divertir, foi assim no Entrudo e nas outras manifestações de Momo.

Dessa forma, a menor quantidade de informações da festa carnavalesca popular em comparação às informações das festas particulares, não significa a sua ausência. Significa que os jornais tem interesse a atender um público específico e esse público nem sempre está motivado a participar da festa praticada pelos pobres. Como dito por Luciano Sheikk “nenhum jornal é inteiramente neutro diante da sociedade, por isso mesmo se firma como

<sup>168</sup> FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Op.cit**, 2006, p. 103 e104

<sup>168</sup> **Ibidem**,

formador e transformador de opiniões, preferências, tendências e interesses<sup>169</sup>”. Frente a isso, compreendemos que era de interesse dos jornais publicar formas de diversão condizentes com o seu público preferencial de leitores.

Os modos de festejar da elite e da camada popular são diferentes. São distintos, pois no primeiro o luxo se destaca, há orquestras, são realizados em clubes e destinados especialmente aos seus sócios. Os clubes tornam-se o Território da camada rica durante a festa. Em sua versão popular não há o mesmo luxo, não se contrata orquestras e são abertos, realizados nas ruas. No entanto, as formas de festejar se igualam em um sentido: têm a mesma finalidade, que é o divertimento.

O percurso de pesquisa do Carnaval no município ao longo da primeira metade do século XX foi revelador de que o Carnaval é para todos, no entanto, nem sempre o local de diversão é o mesmo. O principal, que é o extravasamento, é realizado independente da classe social dos foliões.

Tal aspecto abrangente pode ser revelado quando nos defrontamos com a primeira notícia encontrada sobre Carnaval em um jornal datado no ano de 1906<sup>170</sup>. Ela nos mostra que os festejos carnavalescos em Ponte Nova teriam a presença de Zé Pereira, organizado pelo Grupo Amor tem fogo.

O Zé-Pereira é uma manifestação nas ruas, de caráter popular já que é aberta ao grande público. De acordo com Hilário Filho<sup>171</sup> os Zé- Pereiras tinham como sonoridade os bumbos e tambores que formavam uma batucada, essa manifestação atraía muitos seguidores, mas não agradava a todos, era desaprovada pelas pessoas que planejavam uma festa ordeira. Destacamos que na Paisagem formada pelos Zé-Pereiras sobressaía a forte sonoridade dos tambores, além disso, compõe também essa Paisagem uma população diversa. Vinculado à essa Paisagem forma-se um Território dominado pela população pobre, que possui diferentes características culturais.

Nos chama atenção o nome do grupo organizador “Amor tem fogo”, pois sugere uma subversão aos ditos bons costumes da primeira década do XX. Essa subversão à moral, conforme observamos nas leituras do capítulo “Paisagens Efêmeras e Festas Populares” é uma das características do Carnaval, que se fez presente até mesmo em uma cidade do interior de Minas Gerais, como é Ponte Nova.

---

<sup>169</sup> SHEIKK, Luciano. **Op. Cit.**, p. 47.

<sup>170</sup> Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de Janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>171</sup> FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Op. Cit.**, 2006, p. 157.

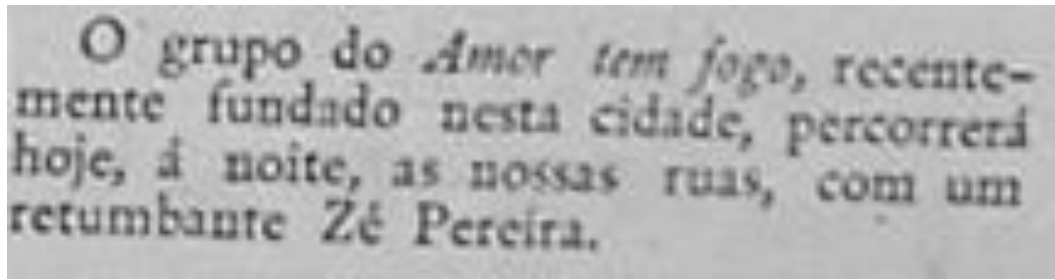


Figura 12-Grupo de Zé-Pereira: Amor tem fogo

Fonte: Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de Janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Ao questionarmos se havia dicotomia na forma de brincar o Carnaval entre as diferentes classes populares ponte-novense, nos deparamos com as notícias do jornal de 1906, informando sobre o Carnaval popular- Zé Pereira, mas também com o anúncio de que foi realizada a festa carnavalesca no Clube dos Destemidos<sup>172</sup>. A decisão do clube em promover a festa ocorreu após reunião com os seus sócios, o que demonstra se tratar de uma festa fechada, promovida para aqueles que dispunham de boa condição financeira para pagar algo “supérfluo” como mensalidade de agremiação. Por este ano, notamos a existência de pelo menos dois Territórios formados em função da festa de Carnaval: um representado pelos clubes, onde foi impressa as características da população com melhores condições financeiras, como o luxo nas fantasias, e outro estabelecido nas ruas ocupadas pela população menos favorecida, a qual territorializou o Espaço, acrescentando nele, suas características, como a sua musicalidade.

No ano de 1914<sup>173</sup> é apresentado pelo Jornal “*O Piranga*” que ocorreria as batalhas de confetes e lança perfumes nos Cinemas Avenida e Brasil (não mais existentes em Ponte Nova), mais especificamente, que seria armado um coreto entre os dois cinemas que ficavam localizados na Avenida Caetano Marinho. A festividade seria animada pela corporação Musical Ceciliana que traria sonoridade por meio de gêneros musicais como polca, tango e schottisches. A programação da festa também destaca peças musicais como rapsódias e óperas.

O fato de o Jornal destacar esses três gêneros, todos estrangeiros está atrelado a elite que buscava se modernizar. Além disso, a nota nos revela que apesar dessa festa acontecer na rua, era direcionada a um público específico, já que era localizada na mais importante Avenida da cidade e organizada pela diretoria dos cinemas ou de clubes vinculados a eles.

<sup>172</sup> Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de Janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>173</sup> Jornal O Piranga, Ponte Nova 22 de fevereiro de 1914, ano XII, nº 563. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

A musicalidade dessa festa também nos remete a manifestação carnavalesca conhecida como Grande Carnaval, pois sugere o requinte e baile luxuoso próprios dessa vertente carnavalesca. Contudo, difere dessa tipologia de manifestação, pois apesar de ser organizado pelos clubes, não aconteceram em seus salões.

O Jornal *Correio da Semana* do ano de 1918<sup>174</sup> anuncia o Carnaval que virá em 1919. A notícia antecede à população que um grupo carnavalesco autointitulado “Farofas Resistentes” organizará um préstito com carros alegóricos e de crítica, e que o percurso do desfile ocorreria nas principais ruas do Bairro Palmeiras e do Centro da Cidade. Segundo a matéria do jornal *Correio da Semana*, o nome do grupo faz referência ao difícil ano de 1918. Apesar da nomenclatura dessa “sociedade”, formada por jovens, ter uma conotação de posicionamento social, ainda assim, não abstraiu a característica cômica e debochada da festa carnavalesca.

As notícias da mídia impressa<sup>175</sup> do ano de 1919 evidenciaram que a festa proposta em 1918 concretizou-se, no entanto, não há menção do grupo “Farofas Resistentes” e dos seus carros de crítica (havia sido citados nas notícias de 1918). O Jornal *Correio da Semana* de 1919 menciona a participação do Clube Carnavalesco “Heroes da Epocha” na festa, e relatou que tal clube possuía barracões para a confecção de seus carros alegóricos e de crítica, o que sugere que essa agremiação detinha formas mais organizadas de preparar sua festa.

O clube “Heroes da Epocha”, de acordo com o jornal *Correio da Semana*, seria mais glamoroso do que os outros clubes carnavalescos que há anos já desfilavam pela cidade. A reportagem menciona o nome de dois carros alegóricos do imponente clube de Ponte Nova: “A Paz” e “A Victoria dos Alliados”. Na nomenclatura tanto do clube quanto dos carros, há referência à política da época, pois, eles nitidamente fazem referência à Primeira Guerra Mundial.

Sobre os préstitos de carros alegóricos e de crítica que se fizeram presentes em 1919, apesar de não termos informações detalhadas de como ocorreu e nem dos seus participantes, baseado na bibliografia lida e já apresentada, tratavam-se de manifestações elitizada. Atuavam como de uma exibição da elite, pois conforme discutimos no capítulo anterior, os desfiles com carros necessitavam obviamente de pessoas que tinham automóveis, e é sabido que nesse momento só tinham veículos automotores a população rica. Foi apresentado anteriormente

---

<sup>174</sup> Jornal *Correio da Semana*, Ponte Nova, 29 de dezembro de 1918, ano IV, nº 191. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>175</sup> Jornal *Correio da Semana*. Ponte Nova, 09 de fevereiro de 1919, ano IV, nº 197. Disponível no Arquivo Público Municipal.

que somente nos fins dos anos 20 que as camadas médias urbanas adquiriram condições financeiras que lhes permitiu alugar carros para participar dos préstitos.

Diante do exposto, ao pensarmos no caso ponte-novense fica nítido que em 1919 a população menos favorecida economicamente teve a função de espectadora do desfile. Apesar disso, não descartamos a hipótese de existência de algum movimento ligado ao Carnaval realizado pela população periférica. Atividades momescas podem ter sido produzidas, no entanto, sem obter destaque na imprensa.

Em 1922<sup>176</sup> é apresentado pelo jornal “*A Notícia*” um Carnaval popular, com a presença de Zé Pereiras. O texto destaca que raro são aqueles que não se envolvem nas festas carnavalescas, além disso, evidencia a importância da festa para o comércio local. Mais uma vez, por meio dos Zé-Pereiras temos a indicação que o baixo estrato social viveu a festa.

No mesmo ano, o jornal “*A Notícia*” também divulgou a festa<sup>177</sup>, mas, destacando o seu caráter de requinte, assinalando as luxuosas fantasias que desfilaram pela cidade devido aos Grandes Bailes de Carnaval. Ressalta-se que a manifestação denominada Cordão também aparece em Ponte Nova em 1922, acompanhando a tendência nacional, já que essa manifestação cultural surge no fim do século XIX e início do XX.

Os Cordões, tal como vimos, tiveram influência da população negra, especialmente por meio de vestimentas, personagens e uso de instrumentos de percussão. Como mencionado por Hilário F. P. Filho “pode-se inferir que os Cordões tinham origens africanas mais acentuadas, cujos cortejos englobavam grande número de mascarados anônimos- as fantasias variavam entre diabinhos, morcegos, índios, palhaços, príncipes, dentre outros<sup>178</sup>”. Conforme destacado pelo autor nessas manifestações nota-se as influências dos Cucumbis, expressas pela musicalidade ditada pela síncopa e realizadas por meio de instrumentos de percussão como cuícas e bumbos<sup>179</sup>. E, diante do passado escravista do município e pelo caráter popular dos Cordões, acreditamos que os negros locais se sentiram representados por esse modo de festejar, tendo participado ativamente da festa, enquanto a elite a vivenciava nos salões.

Ainda nesse mesmo ano (1922) ocorreu a divulgação de um poema com características momescas<sup>180</sup>, ao qual não sabemos se foi acoplado de uma melodia, transformando-o em música para o período do Carnaval.

<sup>176</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 25 de janeiro de 1922, ano V, nº 43. Disponível no Arquivo Público Municipal.

<sup>177</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1922, ano IV, nº 4. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>178</sup> FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Op. Cit**, 2006, p. 161.

<sup>179</sup> Ibidem, p.161.

<sup>180</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 08 de fevereiro de 1923, ano V, nº 44. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Está chegando a hora de  
 "nóis espaiá"  
**Philomena, você vae . . .**

Prisões, estado de sitio,  
 Hespanhola e carestia,  
 Tudo isto não vale nada  
 Nestas horas de folia !

Philomena, você vae . . .  
 Folga, ri, pula quem quer.  
 Tu te vestes de Pierrot  
 E eu me visto de mulher !

Philomena, você viu ?  
 Esse que riu e ali passa  
 Poz a mascara na cara  
 Para esquecer a desgraça !

Aquelle outro que tu vê  
 Cheirando a sandalo e a vinho,  
 E' a mulher de um senador  
 Que eu já tive por visinho !

Quantas meninas bonitas,  
 Noivas algumas, até,  
 Que não fazem de Deus Momo  
 O santo da sua fé ?

Figura 13-Poema: Está chegando a hora de "nóis

Fonte: **Jornal A Notícia. Ponte Nova, 08 de fevereiro de 1922, ano V, nº 44. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.**

O poema, conforme podemos observar, apresenta uma linguagem coloquial, mesmo ela sendo transmitida preferencialmente para um leitor de características linguísticas mais formais. O seu coloquialismo pode estar atrelado à incorporação das características da população de classe econômica baixa na festa carnavalesca, que devido ao seu histórico econômico e social não possuem muita escolaridade, o que acarretou no desenvolvimento de um modo de falar mais simples.

O poema também revela traços de subversão que são próprios do Carnaval, como um homem vestir-se de mulher. Ainda evidencia a importância do divertimento para solidificar os laços cotidianos e sugere que a festa de Carnaval em Ponte Nova, também pode ser considerada uma "válvula de escape", por amenizar a vida árdua. No entanto, em uma de suas

frases, tal poema diz que participa do Carnaval quem quer, demonstrando que apesar de se tratar de uma festa abrangente, havia àqueles que preferiam ficar distantes da folia.

No ano 1922 também observamos letras de músicas cantadas nos blocos, que vimos serem possuidores de características populares. Esses percorreram as ruas da cidade e tiveram como local de encontro e confraternização os salões de clubes da cidade, transformando uma festa que inicialmente estava “aberta” a todos, segregada. Segue duas letras de música<sup>181</sup> apresentadas:

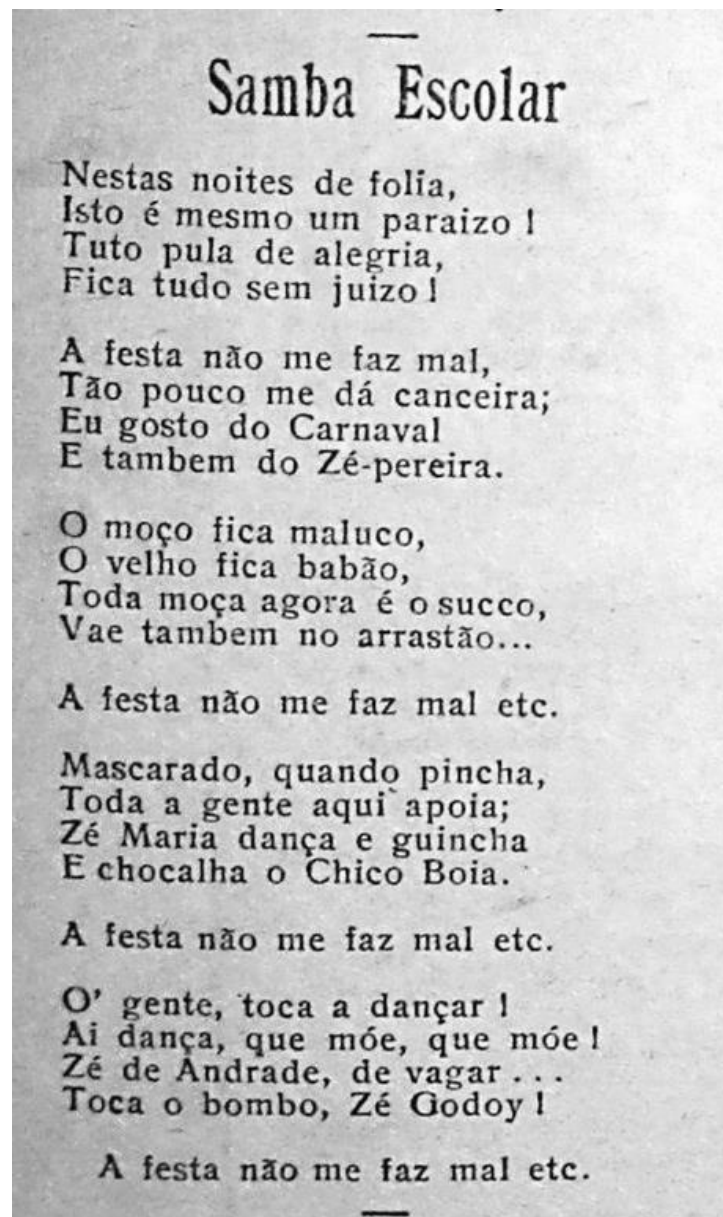


Figura 14 -Samba Escolar

Fonte: Jornal A Notícia. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1922, ano IV, nº 4. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>181</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1922, ano IV, nº 4. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

**Eu só quero é beliscá . . .**

Oh! Sã Dona não se zangue  
 Vancê pôde assocegá:  
 Eu não vou fazê dodòe  
 Eu só quero é beliscá . . .

CORO: Ai, ai, ai,  
 Com licença de Sinhá  
 Ai, ai, ai.  
 Eu só quero é beliscá . . .

Seu Dotô bedelegado  
 Dê licença p'ra passá  
 Eu não vim fazê baruio  
 Eu só quero é beliscá . . .

CORO: Ai, ai, ai etc.

Me dissero que a poliça  
 Deixa a gente pandegá  
 Eu inté não faço nada  
 Eu só quero é beliscá . . .

CORO: Ai, ai, ai,

Tenho visto tanta coisa  
 Que nem passo inté contá  
 Fazem tudo neste mundo  
 Eu só quero é beliscá . . .

**Figura 15-** Eu só quero é beliscá

Fonte: Jornal A Notícia. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1922, ano IV, nº 4. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

A música intitulada “Samba Escolar” é intrigante pois, nesse momento da História o samba era um ritmo alvo de muitos preconceitos, devido sua associação com a cultura negra. Além disso, conforme apresentamos anteriormente, o ano considerado como marco do samba enquanto gênero musical é 1917, sendo assim, Ponte Nova apresentava consonância com o desenvolvimento cultural de nível nacional.

A escolha do título “Samba Escolar” também nos surpreende positivamente, pois a palavra SAMBA carrega uma simbologia forte relacionada ao povo afro-brasileiro e sua cultura. Para além disso, é sabido que no Rio de Janeiro as pessoas que cantassem ou dançassem o samba na década de 1920 eram mal vistas. Se na capital do país existia tanta repressão e preconceito, por qual motivo em Ponte Nova seria diferente?

O “Samba Escolar” foi veiculado em um jornal destinado à população mais abastada destacando uma típica ironia carnavalesca. A letra da música também dá destaque a uma figura local, evidencia o nome de Zé Godoy, apresentado na notícia como rei do Carnaval ponte-novense, as pesquisas mostraram que ele foi uma figura ligada aos carnavais de clubes da cidade.

A segunda letra “Eu só quero beliscá” foi elaborada pelo Bloco dos Ingênuos, que segundo o Jornal “*A Notícia*” era composto por distintos rapazes e graciosas senhoritas. Duas questões devem ser levantadas ao analisar a letra: uma que o nome do Bloco induz o sarcasmo da festa de Momo e outra que a letra coloquial não condiz com os participantes do bloco, sendo assim, as senhoritas e os rapazes distintos se apropriam do modo de falar popular para animar sua festa.

Em 1924<sup>182</sup> foi apresentado pelo jornal “*Correio da Semana*” informações sobre o Carnaval organizado pelo Clube Carnavalesco e Clube Democrata. Os clubes possuíam sede na Avenida Caetano Marinho, localizada no Centro de Ponte Nova. Portanto, o centro da cidade era um importante local de realização de festas carnavalescas na primeira metade do século XX, pois como vimos, este não é o primeiro ano que a centralidade da festa ocorreu nesse local.

A fotografia a seguir destaca um trecho da Avenida Caetano Marinho, que mantém na atualidade alguns casarões que remetem ao recorte temporal estudado nesse trabalho:

---

<sup>182</sup> Jornal Correio da Semana. Ponte Nova, 10 de fevereiro de 1924, ano XIV, nº 155. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.



Figura 16-Trecho da Avenida Caetano Marinho- Ponte Nova  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

O préstito promovido pelo Democrata em 1924 teve o seguinte percurso: Caverna do Crivellari, Praia, Avenida Caetano Marinho, Jardim Tiririca de Palmeiras, Olaria, Pito e finalizando no Beco João Basílio. De acordo com o jornal “*Correio da Semana*” o préstito promovido pelo Democrata<sup>183</sup> contou com uma guarda de honra, com quatro carros alegóricos, formada pelos almofadinhas da cidade. Também possuiu três carros de crítica, que faziam menção aos mais recentes acontecimentos políticos e sociais. A forma como o jornal se refere aos membros desse préstito e os carros presentes nele, comprovam que essa forma de festa não era praticada efetivamente por toda população.

<sup>183</sup> Jornal Correio da Semana. Ponte Nova, 02 de março de 1924, ano XIV, nº 158. Disponível no Arquivo Público Municipal.

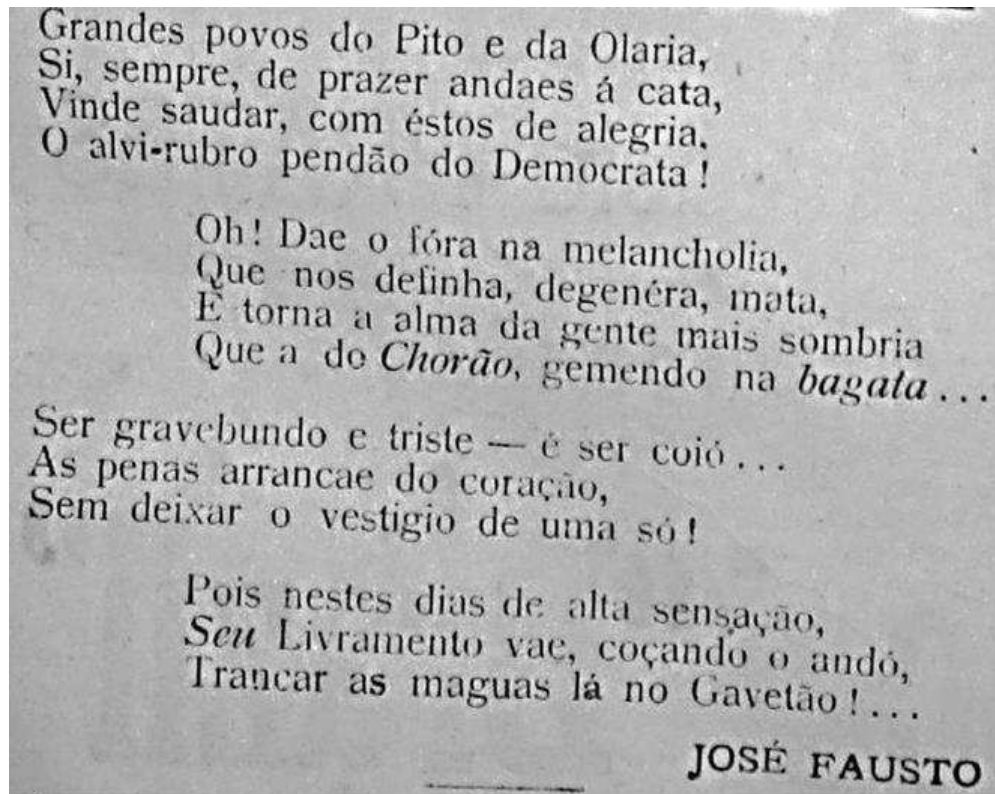


Figura 17-Letra de música do Clube Democrata

Fonte: *Jornal Correio da Semana*. Ponte Nova, 02 de março de 1924, ano XIV, nº 158. Disponível no Arquivo Público Municipal

Encontramos em 1924 informações que indicam um auxílio da Câmara Municipal para a realização do evento de Carnaval, tendo oferecido uma quantia para que o “Clube Carnavalesco” preparasse sua festa. Os clubes promoveram empréstimos e bailes, contudo, não há menção de verba pública para outros eventos carnavalescos locais.

Em 1924 o “Clube Democrata” teve como atração musical confirmada a Banda 1º de Maio e havia a probabilidade das atrações Banda Ceciliana e 7 de Setembro. Os Bailes promovidos pelo Clube Democrata eram destinados aos seus sócios e suas famílias e àqueles que pagassem o valor do ingresso.

É noticiado também nesse ano (1924) informações sobre a “Sociedade Dançante dos Operários e Empregados do Comércio<sup>184</sup>” que também promoveu bailes de Carnaval. A sociedade, que provavelmente contava com membros pobres e negros, oferecia, segundo o jornal, bailes elegantes possibilitando ser frequentado pelos pagadores de ingressos. A sede da Sociedade Dançante ficava no andar térreo da loja maçônica localizada na rua do Rosário.

<sup>184</sup> *Jornal Correio da Semana*. Ponte Nova, 24 de fevereiro de 1924, ano XIV, nº 157. Disponível no Arquivo Público Municipal.

O jornal *Correio da Semana*, em uma de suas páginas,<sup>185</sup> divulgou uma matéria intitulada “Grande Convocação” para se referir ao Carnaval de 1925. Inicia seu convite destacando uma das principais características do Carnaval “o festejo do reinado de Momo é uma tradição que vem rompendo idades e civilizações como symbolica expressão que é da vida de um sentimento do qual o homem precisa tanto quanto o ar que respira: A ALEGRIA”. As notícias dos jornais ao destacar o entusiasmo e euforia do Carnaval, confirmam seu caráter de servir como válvula de escape “Carnaval! Remédio infalível para o tédio, a tristeza e todos os encommodos do coração” e “A alegria do carnaval é o anestésico da tristeza”.

Mais uma vez, o ano de 1925 o clube Democrata aparece como um importante organizador do festejo na cidade, promovendo cursos, batalha de confete e grandes bailes à fantasia no salão do Cinema Brasil. De acordo com a autora Kellen Neves<sup>186</sup>, o cinema serviu de espaço de convivência para diversas manifestações culturais, ele se tornou um dos símbolos da modernidade.

Com o avanço da modernidade a cidade passou a vivenciar novas formas de interação e a estimular novas sensações áudio-visuais, o cinema se destaca como uma delas, “... o cinema nasce no âmago do espetáculo e materializa-se enquanto tal, nos anos seguintes. O espaço criado em torno do cinema assumiria uma aura de mistificação incorporada na arquitetura e no esplendor das salas<sup>187</sup>”. Em concordância com a afirmação da autora, a fotografia a seguir mostra como o cinema Brasil (construção com um cartaz em frente) possuía uma arquitetura imponente.

---

<sup>185</sup> Jornal *Correio da Semana*, Ponte Nova, 15 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 200. Disponível no Arquivo Público Municipal.

<sup>186</sup> NEVES, Kellen Cristina Marçal de Castro. **Cinema: A modernidade e suas formas de entretenimento**. Fênix- Revista de História e Estudos Culturais, vol. 3, ano III, nº4. 2006. P. 1 e2.

<sup>187</sup> **Ibidem**, p. 2.



Figura 18-Avenida Caetano Marinho, com destaque para o cinema Brasil, onde se encontra o anúncio de filme.

Fonte: <http://www.pontenet.com.br/pontenova/wp/022.jpg>

Na sequência apresentamos algumas letras carnavalescas, que provavelmente faziam parte dos cursos do ano de 1925. As letras mencionam nomes de ponte-novenses e mais uma vez destacam a alegria presente na festa. As letras apresentam versos que remetem ao papel da festa, como a de ser uma atenuante das agruras vividas no cotidiano. Conforme problematizamos a festa, tal como o Carnaval, tinha a função de alívio aos problemas diários, como exemplo, o preço de mercadorias/ alimentos, como mencionado em uma das letras.

## Testemunho de Medicos:

<p>"Tenho applicado com inteira Confiança, p'ra esse mal (Salvo em velha alcoviteira) O remedio: Carnaval. José Maria da Silveira (Em tempo: nada mais val).</p> <p>O Crivellari com a pança De douto especialista: —"Eu receito riso e dança, E não ha mal que resista. E' dos remedios a nata A applicação mais segura, Um baile do Democrata, Dieta que ajuda a cura".</p>	<p>O Godoy, doutor formado, Somente com distincção: —"Meus doentes têm sarado Dos males do coração. E quanto mais dóe, mais dóe, Dou maior dôse e porção. Doutor José de Godoy O chefe da animação."</p> <p>Eu creio que nem o Papa Lá na sua santa Sé, De tomar remedio escapa Em pillulas de Evohé.</p>
---	---

J. PINDOBA

Figura 19-Letra de Música Carnavalesca

Fonte: Jornal Correio da Semana, Ponte Nova, 15 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 200. Disponível no Arquivo Público Municipal

## A postos, democratas! A postos todos!

*De bagateiros está a turba quieta,  
Em tantalica dor de longas horas  
Da mais cruel, terrivel da dieta,  
Mais vae, com juro, desferrar agora.*

*O servos submissos de Platão,  
Vinde, correi aos bailes democratas,  
Para desopprimir o coração  
Desse terrivel peso da "bagata".*

*O toucinho está caro, que te importa?  
A vida é um goso, esquece a carestia  
Que o Carnaval te abre a sua porta,  
Entra que logo te desenfastia!*

*Vinte mil reis tu pagas pela entrada  
Nos bailes. Está vasia a "sanfona"?  
Cava com geito e entra de "carona"  
Que o Crivellari é cabra camarada.*

Figura 20-Letra de música carnavalesca

Fonte: Jornal Correio da Semana, Ponte Nova, 15 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 200. Disponível no Arquivo Público Municipal

No último ano da década de 1920<sup>188</sup> observa-se que a tendência irreverente já anunciada no início desse período se afirma. Assim, além de assistir uma maior popularização da festa, os organizadores cada vez mais reafirmam a importância desse festejo na cidade. Mais uma vez se destaca o Democrata que além de baile, organiza préstito pelas ruas, com carros de crítica e carros alegóricos. Um dos carros do Democrata fazia uma homenagem ao político Antônio Carlos Ribeiro de Andrada<sup>189</sup>, importante político em Minas Gerais. Observa-se nesse sentido uma tendência que também se afirmaria mais tarde, que é a homenagem às figuras políticas de peso, com o objetivo de dar visibilidade ao seu promotor e obter possíveis favores.

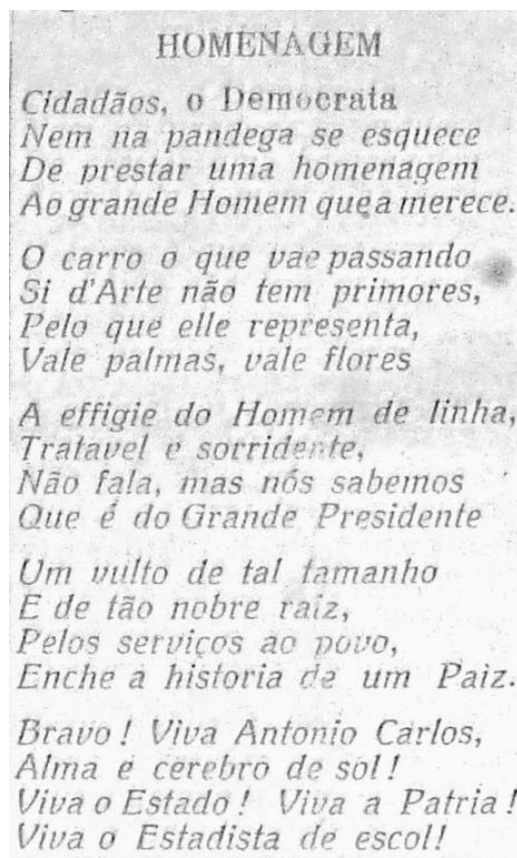


Figura 21-Homenagem do Clube Democrata ao político Antônio Carlos Andrada

Fonte: **Jornal A Notícia. Ponte Nova, 10 de fevereiro de 1929, ano VII, nº 300. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova..**

<sup>188</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 10 de fevereiro de 1929, ano VII, nº 300. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>189</sup> Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (07/09/1926 a 07/07/1930) era natural de Barbacena (MG). Foi advogado, promotor público, professor de Direito Comercial, Juiz Municipal e exerceu uma significativa vida política, dentre as quais destaca-se Deputado federal nos períodos: 1911 a 1911; 1912 a 1914; 1915 a 1917; 1919 a 1920; 1921 a 1923; 1935 a 1937, além de ter sido Presidente do Estado de Minas Gerais de 1926 a 1930. Informações disponíveis em <<https://www.mg.gov.br/governador/antonio-carlos-ribeiro-de-andrada>> acesso em 02 de julho de 2019.

Em 1929 também saíram os Cordões Carnavalescos, que por serem desfilados nas ruas, permitiam a maior inserção das pessoas menos favorecidas. Inseridos nos Cordões estão os instrumentos de percussão que são de influência negra, de forma que, aumenta assim, a identificação e participação da população pobre e negra com o Carnaval.

No decorrer da década de 1930, as informações continuadas na imprensa continuam mencionando essa dualidade da festa carnavalesca. Em 1930<sup>190</sup> é mencionado nas matérias que o Carnaval do clube Democrata era dedicado às exelentíssimas famílias de Ponte Nova, certamente se referindo às de maior influência na localidade.

Já em 1938<sup>191</sup> divulga-se o Carnaval em clubes e também o de rua com a presença dos Cordões e Blocos, além disso, obtivemos informações de choros, bossa e jazz nas ruas no município. Dentre os Blocos que desfilaram nesse ano, tomamos conhecimento do “Aí vem a Marinha” e “Piratas do Mar”. Em entrevista<sup>192</sup> realizada com Olegário Lopes, atual funcionário da Secretaria de Cultura Municipal, soubemos que seu pai, João Lopes (apelidado de João Grilo), foi um dos fundadores do “Aí vem a Marinha”. Olegário herdou do pai a admiração pelo Carnaval, tendo participado ativamente dessa festa, inclusive sendo Rei Momo por 13 anos. A entrevista feita com Olegário evidencia que a festa de Carnaval é também uma manifestação cultural de tradição, sendo o amor pelo Carnaval repassado de pai para filho.

Nos anos que seguiram, permaneceram os carnavais de rua e concomitantemente os bailes fechados. Em 1946 saíram pela Avenida Caetano Marinho os Blocos “Tampinha” e “Garrafinha” e tiveram também os bailes nos clubes Pontenovense e Primeiro de Maio<sup>193</sup>.

Em 1947<sup>194</sup> uma nota no Jornal “A Notícia” descreve que a cidade viveu intensamente os três dias de Momo, contando para a diversão com: Blocos, Cordões, carros alegóricos e de crítica, máscaras, pessoas avulsas portando reco-recos, pandeiros e tamborins. Os instrumentos citados foram conceituados na escrita do jornal como sendo bárbaros e exóticos, provavelmente pela associação com a cultura musical negra. A inferiorização aos instrumentos musicais que o compunham o Carnaval de rua, é uma confirmação da existência dos conflitos pelo Espaço. Parte da população desaprovava o Território e a Territorialidade

---

<sup>190</sup> Jornal Gazeta da Mata. Ponte Nova, 05 de fevereiro de 1930, ano I, nº 46. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>191</sup> Jornal Gazeta de Ponte Nova. Ponte Nova, 27 de fevereiro de 1938, ano XIII, nº 334. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>192</sup> Disponível em anexo na íntegra.

<sup>193</sup> Jornal do Povo. Ponte Nova, 10 de março de 1946, ano XIII, nº765. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova

<sup>194</sup> Jornal do Povo. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1947, ano XIV, nº814. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

construída nas ruas no período carnavalesco, e uma das estratégias utilizadas para “atacar” essa ação de territorialização, foi pela desqualificação das práticas culturais presentes na mesma, como já dito, as ações de conflito nem sempre são agressivas ou explícitas, elas também acontecem de forma sutil e simbólica.

Ainda sobre 1947, o Carnaval aconteceu nas ruas e nos salões. Segundo o relato jornalístico “a cidade ganhou um aspecto movimentado e ruidoso” nos mostra a alteração na Paisagem da cidade em razão da festa. Paisagem essa, que conforme apresentamos, possuía elementos negros em sua composição e que abarca também elementos intangíveis, como os sons. A Paisagem constituída em função das festas carnavalesca tem a característica de ser movimentada, musical e colorida, no entanto, como evidenciamos, as festas diferentes são produtoras de Paisagens dissimilares. Torna-se nítida a existência de dicotomias do Carnaval local: uma Paisagem se constrói em clubes e outra nas ruas.

Notamos que o samba se fez presente no Carnaval de Ponte Nova nesse ano, indicado pelos instrumentos de percussão e também porque o *Jornal do Povo* menciona que uma criança estava bastante animada sambando na matinê do clube Pontenovense. Portanto, o samba iniciado pelos batuques e alvo de preconceitos, não somente ganhou destaque entre as camadas populares, mas também já se encontrava inserido nas festas da elite local. Se em 1947 o samba já estava nos clubes elitizados, significa que antes disso ele já estava sendo praticado popularmente, pois sua identificação é mais forte com os pobres, especialmente negros.

Em 1948 é noticiada<sup>195</sup> a festa na Avenida Caetano Marinho. Há informações sobre o preparativo e a divulgação de que todos os Blocos, Cordões e Ranchos que quisessem desfilar deveriam pedir licença policial, o que significa que essas três formas carnavalescas foram vivenciadas em Ponte Nova. Os Ranchos até então não haviam sido citados como manifestações carnavalescas da localidade (o que não significa que não existiam), eles foram uma importante influência para o desenvolvimento das Escolas de Samba. No ano de 1950<sup>196</sup>, também há notícias de Carnaval no município, no entanto, é destacada a festa nos clubes Primeiro de Maio e Pontenovense.

Percebemos, ao longo desse item, que várias manifestações carnavalescas aconteceram em Ponte Nova na primeira metade do século XX, seguindo a tendência nacional. Comprovou-se a conexão desse município do interior com as práticas culturais de destaque no

---

<sup>195</sup> *Jornal do Povo*. Ponte Nova, 11 de fevereiro de 1948, ano XV, nº859. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>196</sup> *Jornal do Povo*. Ponte Nova, 19 de fevereiro de 1950, ano XVI, nº 964. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

cenário brasileiro. Zé- Pereira, Clubes e seus bailes, Cordões, Blocos e Ranchos se fizeram presentes no Espaço de Ponte Nova.

Cabe destacar que ao abordarmos o Carnaval em clubes e associá-lo com uma população de nível socioeconômico superior e relacionar o Carnaval em ruas a uma população de posição econômica inferior, objetivamos demonstrar que ao longo da primeira metade do século XX as ruas foram o principal palco dos eventos carnavalescos realizados pelos populares e os clubes foram, sobretudo, destinados a uma população possuidora de melhor poder aquisitivo. No entanto, não significa que não houvesse pessoas da elite nas ruas e muito menos que não houvesse um morador da periferia nos clubes. Especialmente se tratando das ruas, que são públicas, não eram usadas exclusivamente pelos pobres, conforme evidenciamos o desfile de automóveis chamado de corsos era praticado pela elite e realizado nas vias públicas.

Nesse item também identificamos que a elite local realizou muitos bailes carnavalescos nos cinemas, o que indica a tentativa de uma classe social de se vincular com o moderno. O Carnaval como vimos, foi vivido em Ponte Nova por ricos e pobres, cada grupo forjou seus Territórios de festejar, imprimindo nesses suas características, seja o luxo da ornamentação ou a forte sonoridade dos bumbos e tambores. A partir disso, compreende-se também a formação de Paisagens distintas, já que os populares e a elite produziam festas com características diferentes, era ornamentação, sonoridade, danças, pessoas e modos de se relacionar dissimilares.

### **3.3 Formas de se divertir, formas de reprimir**

Apresentamos, no item anterior, que continuamente o Carnaval foi brincado em Ponte Nova no decorrer da primeira metade do século XX, no entanto, abordaremos neste tópico que as formas de diversão, inclusive a brincadeira de Momo, seja em carros alegóricos ou a pé, não ocorria livremente, ainda mais no recorte temporal de estudo, período em que as regras de decoro dominavam os gestos sociais.

Além disso, a festa se engendra no Espaço, e este é sempre campo de disputa pelos grupos sociais. Sendo assim, são realizadas ações no Espaço com a finalidade de reprimir manifestações ou de dificultá-las. Portanto, nem todas as manifestações são aceitas por todos, e àqueles que são contrários a elas, criam meios para tentar contê-las, com a finalidade que só

sejam propagados no Espaço atos culturais considerados “aceitáveis” por um grupo privilegiado.

No que diz respeito às formas de reprimir, apesar de não estar dentro do recorte temporal aqui proposto, é válida para a construção das problematizações, a informação obtida nos códigos de posturas municipais<sup>197</sup> de 1896 -97, pois foram encontradas algumas proibições relacionadas ao divertimento. Foram vetadas nestes anos: dança, batuque e algazarra no recinto da povoação, com multa de 20.000 réis ao dono da casa, além da obrigação de desfazer o ajuntamento. Os códigos de posturas municipais de 1896-97, que não são necessariamente restritos para o período carnavalesco, contêm a censura ao divertimento, o que nos faz questionar como as práticas sociais ligadas ao divertimento das populações pobres e de matriz africana feriam os costumes aceitos na época. O texto também menciona os batuques, muito relacionados à cultura negra, dizendo que esses eram um incômodo à sociedade. Tratando-se de um período muito próximo da abolição da escravidão, acreditamos que os códigos de posturas retratam formas de repressão à cultura praticada pelos negros.

Os batuques vinculados às pessoas negras foram cerceados por códigos de posturas em Ponte Nova, mas não exclusivamente. No Rio de Janeiro, capital do Império, os batuques também foram censurados<sup>198</sup>, de modo que aqueles que não seguissem as normas seriam multados.

Em relação aos batuques, a autora Martha Abreu se vale das considerações feitas por Arthur Ramos em “*O folclore Negro no Brasil*” para caracterizar o que era o batuque no século XIX. Segundo ele “era uma dança de caráter geral, onde os negros, em círculo, executavam cantos, passos, sapateados em ritmo marcado com palmas e instrumentos de percussão (atabaques)<sup>199</sup>”. Ainda de acordo com o autor, na evolução da dança eram comuns as umbigadas, chamadas na Angola de semba, termo esse que deu origem a nomenclatura samba.

Sendo assim, compreendemos o batuque como um antecessor do samba e que influenciou em sua configuração conforme, mostrado por Martha Abreu, sobre as relações do samba atual com os batuques, “as descrições mostram a existência de vários ingredientes do samba atual: os tambores, o coro, os dançarinos, dos dois sexos e um leve movimento dos

<sup>197</sup> Códigos de posturas municipais 1896- 1897. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>198</sup> ABREU, Martha. **Festas Religiosas no Rio de Janeiro: Perspectivas de controle e tolerância no século XIX**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº14, 1994, p. 183 – 203, p. 186.

<sup>199</sup> **Ibidem**. P. 190

pés<sup>200</sup>”. A mesma autora diz que o termo samba não era encontrado nas fontes do século XIX e sim o termo batuques<sup>201</sup>, o que reforça a influência dos batuques na construção do samba.

Adentrando o século XX, por meio das pesquisas descobrimos que a festa de Carnaval também foi alvo de tentativas de impedimento e controle, a polícia definia normas que deveriam ser seguidas durante essa festa. Em 1928<sup>202</sup> aparecem algumas das regras, as quais ditaram que era preciso uma licença prévia para organizar e brincar o Carnaval, e para obtê-la era necessário: a- apresentar a relação de todos os participantes, contendo a nacionalidade, Estado, residência e profissão; b- Local da sede da sociedade; e c- Nomes dos dirigentes das sociedades.

As três regras apresentadas descrevem a maneira como as leis reprimiam as associações sem recurso, pois nem todos os grupos possuíam sede e as perguntas pessoais poderiam ser tomadas como inapropriadas por aqueles que não possuíam emprego formal. Além disso, foram definidas pelas autoridades algumas proibições, como: uso de máscaras ou outros disfarces, carros alegóricos e afins que pudessem ser tomados como ofensivos ou menosprezassem e ridicularizassem a quem quer que seja, e ainda foi vetado uso de vestimentas que pudessem escandalizar os bons costumes. Também ficou definido que as vestimentas-fantasia deveriam ser exibidas, antes de usadas, às autoridades, para a certificação de que estavam de acordo com as normas. No mesmo ano e jornal<sup>203</sup>, encontramos outras proibições para o Carnaval, não sendo permitido: a prática e exibições de atos injuriosos, palavras, gestos ou canções obscenas, uso de vestes clericais e uniformes militares e desrespeitar símbolos de cultos cívicos ou religiosos.

De acordo com o autor João Jorge Rodrigues, o Carnaval em seus primórdios deixava de fora uma parcela da população “o carnaval teve, num primeiro momento, um significado muito ingênuo. O carnaval é uma festa basicamente europeia que, trazido para o Brasil, deixava de fora o índio, o negro e o mestiço<sup>204</sup>”. Porém, conforme demonstramos, a população “mal vista” forjou suas próprias formas de fazer o Carnaval. Quando a festa passa a ser vivenciada pela população pobre e adquire suas características, ela torna-se reprimida, pois havia a associação das camadas sociais mais baixas com a malandragem e suas práticas culturais, muitas vezes tidas como inferiores pelos grupos privilegiados.

---

<sup>200</sup> **Ibidem.** 190.

<sup>201</sup> **Ibidem** 191.

<sup>202</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 02 de fevereiro de 1928, ano VI, nº 157. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>203</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 16 de fevereiro de 1928, ano VI, nº 167. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>204</sup> RODRIGUES, João Jorge. **É preciso pensar o carnaval no âmbito da cidade**. In: LIMA, Paulo Costa (Coordenador). Seminários de Carnaval. Universidade Federal da Bahia, Salvador- Bahia, 1999. P. 57.

Apesar das tentativas de repressão ao divertimento, que são perceptíveis por meio das regras, códigos de posturas ou mesmo pela difamação sobre determinadas manifestações culturais, existe em contrapartida a resistência e a cooperação dos grupos em desenvolverem suas práticas.

## CAPÍTULO 4

### A POPULAÇÃO NEGRA NO CARNAVAL PONTE-NOVENSE

Neste capítulo abordaremos a presença da população negra no Carnaval de Ponte Nova em um período próximo à legalidade da escravidão no Brasil, portanto, momento em que os preconceitos dirigidos à essa população eram muito evidentes. Demonstraremos que até terem sua cultura musical reconhecida, negros e negras tiveram que lidar com a inferiorização em diversos campos, como o econômico, social e cultural, pois, conforme é sabido, o preconceito era direcionado a tudo que tivesse vínculo com a pessoa negra.

Mostraremos algumas notas encontradas em textos de jornais de Ponte Nova que, de maneira explícita ou velada, demonstram como essa população era compreendida pela parcela ponte-novense, formada pelos que não se enquadravam no grupo de negros e pobres. Partimos do pressuposto de que, já que estamos abordando sobre o Carnaval com a participação popular, faz-se necessário demonstrar como essa parcela era concebida pelo grupo elitizado, pois, a maneira como essa população era compreendida será similar à forma como suas práticas eram vistas, já que as manifestações culturais são frutos das relações sociais.

Após as demonstrações de preconceitos, que tem por objetivo revelar alguns dos obstáculos que os negros tiveram que superar até alcançar o reconhecimento, mostraremos justamente uma fase que revela o êxito desse povo diante das dificuldades. Dessa forma, abordamos nesse capítulo a participação da população negra no Carnaval, e a valorização da sua cultura por meio das Escolas de Samba.

A Escola de Samba é uma manifestação carnavalesca com fortes características que remetem a cultura afro-brasileira. Essa manifestação ganhou destaque na mídia jornalística da localidade na década de 1950, após aproximadamente 60 anos do período em que a população negra era escravizada.

A trajetória do povo negro foi construída pelas superações, as Escolas de Samba demonstram uma das suas conquistas, pois por meio dessa manifestação, os grupos marginalizados obtiveram a centralidade na festa, e com tal posição de destaque, veio também a visibilidade, o reconhecimento, a oportunidade de serem ouvidos. Ao apresentarmos a discussão sobre a visibilidade, é necessário refletirmos sobre a importância dessa manifestação cultural para promover a dignidade, pois quando um grupo de negros e/ou pobres se inserem na Paisagem da festa e são aplaudidos pelo espetáculo organizado, temos

uma população acostumada com o menosprezo adquirindo ou fortalecendo a consciência do valor que possuem.

#### **4.1- Discurso higienista como forma de reproduzir práticas racistas em Ponte Nova**

O percurso realizado pela população negra até ter sua cultura reconhecida e ocupar centralidade na festa carnavalesca foi lento, isso como sabido, devido a todo o preconceito que envolve o “ser negro”.

Iniciaremos evidenciando uma nota divulgada na imprensa local, que a princípio não denota um preconceito aparente, no entanto é reveladora do pensamento elitista da época no que tange a presença da população pobre na urbe. Trata-se de uma notícia de 1919, na qual é retratado o desconforto do escritor, representante de parte elitizada da população, a respeito do trabalho dos carregadores.

Pelo processo como ocorreu a abolição da escravidão no Brasil, sabemos que profissões que exigem maior esforço físico e menores remunerações eram executadas pela população pobre, sendo esta formada majoritariamente por negros. A nota de 1919<sup>205</sup> mesmo que não evidentemente demonstre preconceito racial, nos revela intolerância social pelos carregadores, haja vista que, estavam desenvolvendo honestamente sua profissão, e não seria um incômodo “as famílias” desviarem deles caso necessário.

---

<sup>205</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 02 de fevereiro de 1919, ano I, nº 43. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

**C**ompete ao fiscal municipal dar providências energicas contra o abuso dos carregadores que, conduzindo, ora taboas, ora caixões, ora enormes balaios de quitandas, muitas vezes peixe fresco e outras mercadorias menos asseadas, transitam pelos passeios da cidade, obrigando, assim, as familias a andarem sobre os «pés de mpleque», se não quizerem ir de encontro ao carregador e sujeitar-se a sujar as vestes ou machucar-se.

E', pois, um defeito que o fiscal deve corrigir, e é justamente o que almejamos.

**Figura 22-** Nota de descontentamento aos carregadores

Fonte: Jornal A Notícia. Ponte Nova, 02 de fevereiro de 1919, ano I, nº 43. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Além disso, a nota acima é um reflexo do pensamento higienista da época, segundo apresentado em “*Descontinuidades e continuidades no movimento higienista no Brasil do século XX*”, no final do século XIX e início do século XX chegou ao Brasil um ideal de preocupação com a saúde pública da população<sup>206</sup>. O autor Afonso S. O. Sobrinho<sup>207</sup> apresenta que as políticas higienistas consideravam que a cidade necessitava de intervenções higienistas, porém, por meio desse discurso estava atrelado medidas para disciplinar os espaços e corpos. Ademais, o discurso articulava a pobreza às doenças “também a pobreza é associada às doenças causadas pela falta de higiene em moradias insalubres e aos odores exalados pelos ambientes propícios às propagações e manifestações perigosas de todo tipo, inclusive doenças contagiosas<sup>208</sup>”.

Em conformidade com os autores, podemos compreender que havia a tentativa de controlar o corpo pobre no Espaço, até mesmo devido ao fato desse corpo estar carregando diversas mercadorias, entre elas, algumas consideradas menos aceadas. Entende-se que a elite não queria contato com a pobreza e nem com as doenças que estavam sendo vinculadas a elas.

<sup>206</sup> JÚNIOR, Edivaldo Góis; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Descontinuidades e continuidades no movimento higienista no Brasil do século XX**. Revista Bras. Cienc. Esporte, Campinas, 2003, p.42.

<sup>207</sup> SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. **São Paulo e a política higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade**. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, nº32, 2013, p. 213.

<sup>208</sup> *Ibidem*. P. 213.

O discurso higienista, também possuía entre seus objetivos, o de apagar o pobre da Paisagem urbana, levando-o para longe da elite dita civilizada.

Não só os carregadores foram um incômodo para as “famílias do município”, as festas populares também se mostraram uma preocupação da elite local. Isso pode ser apreciado na notícia veiculada no ano de 1919<sup>209</sup> que apresenta uma reclamação referente ao que intitularam de “baile de orgia”. Apesar da matéria noticiar um assassinato, os dizeres contidos nela são passíveis de críticas. Em um trecho o autor diz “Aqui há liberdade para todos e para tudo”, de forma que nos leva a indagar se alguém deveria ser privado da liberdade para diversão. Há indícios que a festa reclamada era feita por negros, pois o autor menciona a existência na confraternização de um “maxixe diabólico”. Compreendemos que a busca pelo controle do dito maxixe diabólico era uma tentativa de repressão às práticas culturais negras.

O maxixe aparece no final do século XIX e início do século XX, é constatado por Carla Crevelante Marcílio como um gênero musical associado às camadas mais pobres desse período<sup>210</sup>. O maxixe é também compreendido como uma dança urbana, que tem uma forma de dançar em pares, com forte caráter sensual e, por isso, foi por muitos anos considerada imoral<sup>211</sup>. Ele teve como berço o Rio de Janeiro<sup>212</sup>, em sua formação recebeu influências de matriz africana, como por exemplo, pelo emprego da síncopa. A síncopa brasileira recebeu influências europeias especialmente na melodia e africana no ritmo “com ela, era possível recriar os efeitos percussivos dos instrumentos de percussão dos negros e reproduzi-los”.

A nota que será apresentada em sequência, também descreve os locais dessas festas como “casas de pagode”, uma possível referência a um estilo musical ainda em seus primórdios e que assim como o maxixe, possui associação com a população negra.

---

<sup>209</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova, 31 de agosto de 1919, ano II, nº 69. Disponível em Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>210</sup> MARCÍLIO, Carla Crevelanti. **Chiquinha Gonzaga e o Maxixe**. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009, p. 11 -13.

<sup>211</sup> **Ibidem**, p.59.

<sup>212</sup> **Ibidem**, p.49.

Ha cidades em que os bailes de orgia não se realizam sem licença da policia. Os donos ou cabeças das festas, obtida a licença, ficam responsáveis pelas desordens que nellas ocorrerem. Além do que, ha sempre uma hora marcada para a terminação das esbodegações, que nada recomendam a nossa cultura. Aquella medida, que é um freio policial, evita muitos e deploraveis excessos.

Aqui não ha disso, aqui ha liberdade para todos e para tudo. Do pé para a mão, forja-se um maxixe diabolico, que se realiza em qualquer bar e atravessa a noite. Sorve-se muito alcool, ouve-se musica escangalhada, ha algazarra infernal, ha pinchos e saracoteios de prostitutas, ha uma bandalheira indescriptivel.

As familias, que têm a desfortuna de residir ao lado da casa do pagode, não dormem, e hão de ouvir uma serie immensa de coisas despudoradas, porque a tanto as obrigam a falta de respeito da gente alegre e o descaso da policia.

Houvesse um freio para esse abuso da liberdade, e que de quando em quando se repete, não teriamos que registrar o doloroso facto da madrugada de 25.

A's 4 horas da manhã, no centro da Avenida Caetano Marinho, houve uma algazarra medonha, seguida do estampido de tres tiros de revolver. A uma das sargetas, varado por uma bala, cahia o operario e musico José Cyrillo, que morreu quasi instantaneamente.

Figura 23-Descrição de uma festa: Baile de orgia e seu “maxixe diabólico”

Fonte: Jornal A Notícia. Ponte Nova, 31 de agosto de 1919, ano II, nº 69. Disponível em Arquivo Público de Ponte Nova.

As reportagens que remetem à intolerância direcionada a população negra seguiram, de forma que em 1922<sup>213</sup> é noticiado uma agressão a um homem negro. A nota jornalística apresenta os agressores como pessoas valentes e a vítima, que não teve seu nome revelado, foi identificada como um “creoulo”. O crime cometido pelo homem negro foi se fantasiar de mulher e sair pelas ruas semanas antes do Carnaval. Esse foi o motivo de levar uma “surra” pelos populares e de ter sua atitude estampada no jornal como um ato a ser cessado com

<sup>213</sup> Jornal A Notícia. Ponte Nova. 25 de fevereiro de 1922, ano V, nº 43. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

violência. Como se não bastasse, é dito na nota a frase “escovaram-lhe valentemente o pêlo” palavras que associam o homem a um animal, e que retrata a maneira como os negros eram representados.

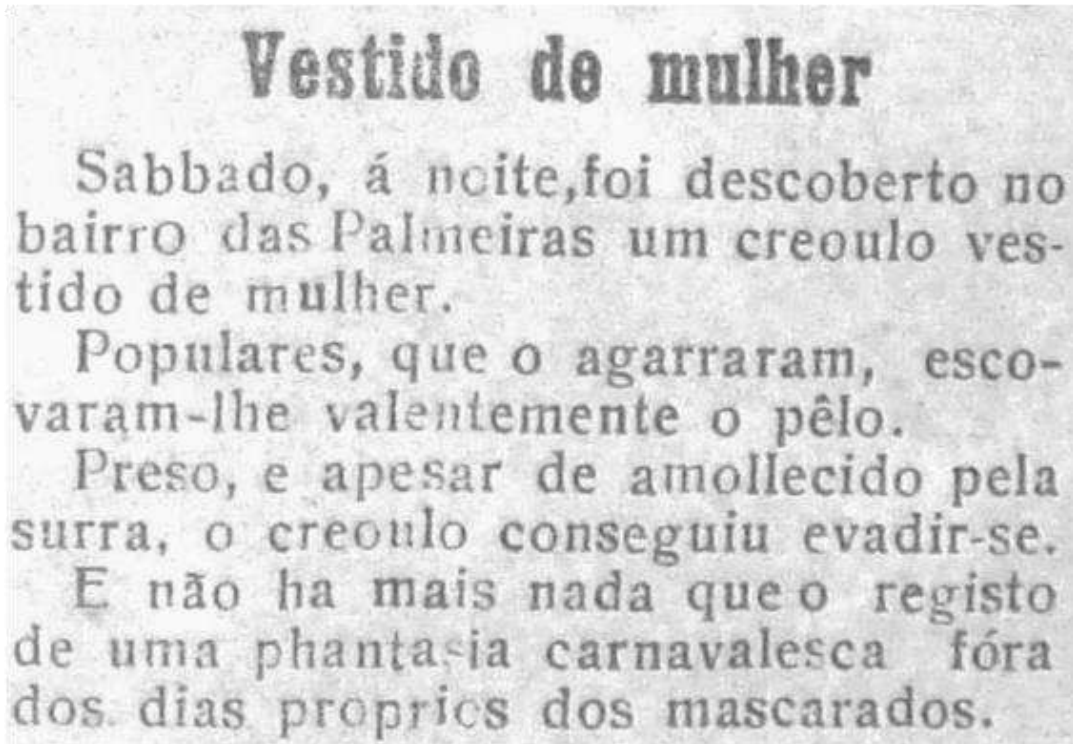


Figura 24- Notícia: Vestido de mulher

Fonte: **Jornal A Notícia. Ponte Nova. 25 de fevereiro de 1922, ano V, nº 43. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.**

Não era apenas o preconceito velado que aparecia nos jornais na primeira metade do século XX, encontramos falas explicitamente preconceituosas referentes à população negra, tal como a apresentada em seguida. A nota de 1903<sup>214</sup> ainda segue atual, comumente ouvimos que determinada pessoa é honrada, apesar de ser negra, como se o fato de ser negro e bom/honrado fosse incomum. Escrita em 1903, o depoimento a seguir representa um drama ainda vivenciado pela população afro-brasileira na atualidade, pois ainda é reproduzida a frase “negro que possui a alma branca”, que revela a desqualificação pelo o que é ser negro.

<sup>214</sup> **Jornal A Alvorada. Ponte Nova, 23 de novembro de 1903, ano II, nº 66. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.**

Victimado por um vólvo, aqui falleceu, na madrugada de Domingo ultimo, o estimado cidadão Thomaz Soares.

Embora fôsse um homem de côr, era o inditoso Thomaz geralmente querido por todo o povo pontenovense, tendo ingresso em todos os lares d'esta terra, onde o conheciam como o typo da honradez e do trabalho.

Ao seu enterramento compareceram representantes de todas as classes sociaes e grande numero de socios do «Centro Operario» e da «Fim de Seculo», desta cidade.

Paz á sua alma branca.

Figura 25-Nota de falecimento

Fonte: **Jornal A Alvorada**. Ponte Nova, 23 de novembro de 1903, ano II, nº 66. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova

As matérias que indicam falas com o vocabulário inadequado e ofensivo aparecem inclusive em artigos<sup>215</sup> que têm o intuito de elogiar a população negra e demonstrar as conquistas socioeconômicas desse povo, como observado na transcrição do artigo a seguir. O autor do artigo “*Branços e Negros*”, apresentado na sequência, faz forte crítica a população branca e burguesa, no entanto, diz que o negro era selvagem e vem aos poucos se adaptando às exigências da civilização. Não podemos deixar de levar em consideração na análise, que o autor é “produto” de uma sociedade racista e que seu texto foi escrito pouco mais de quarenta anos após a abolição oficial da escravidão, mas ainda assim, reafirma o preconceito que a princípio se mostra contra.

#### “BRANCOS E NEGROS

A evolução social da raça negra nos Estados Unidos faz prever, em um futuro não muito distante, uma respeitavel competição desta com a raça branca, em todos os ramos da actividade humana.

Mesmo aqui no Brasil o negro tem evoluído consideravelmente. Já possui boas associações e muitos representantes dignos nos postos avançados da sociedade.

<sup>215</sup> **Jornal A Notícia**. Ponte Nova. Ponte Nova, 13 de janeiro de 1929, ano VII, nº 97. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Sendo um dos principais elementos formadores da nossa raça, o negro, mais do que a parasitaria raça branca que colonizou o nosso paiz, é digno do nosso melhor apreço porque foi sob o seu ingente esforço, sobre as amarguras do seu desgraçado viver de escravo que se fundaram os alicerces da nossa embora fraca prosperidade economica.

Provindo do clima enlanquescente de sua terra de origem, o negro, de selvagem que era, vae se adaptando devagarinho ás mais altas exigencias da civilização, mao grado a sua ajuda enorme pobreza e, sobretudo, o estúpido “preconceito da cor”.

Nos tempos que correm, quando a democracia, envolvendo toda a humanidade em um grande amplexo equalitario, ergue se da miseria do seu millenario servilismo e vae derribando das velhas civilizações o prestigio das verdadeiras fidalguias, no nosso paiz assistimos o triumpho da mediocridade no pavonelo ridiculo de uma burguezia pseudo- endinheirada que toma ares de fidalguia.

Emquanto o branco se entrega voluptuosamente ao opio de uma presumpção sem limites e, nessa modorra chinesa, se aniquila physica e moralmente, nos vicios e na procura de uma vida facil, de goso “nas maximas proporções”. Como a sonhava o personagem do Eça, o negro, silenciosamente, retemperado nas luctas arduas e no sofrimento, vae ganhando, palmo a palmo, o terreno das suas glorias futuras.”

FRANCISCO DOS SANTOS

#### **Transcrição na íntegra do Artigo “Branco e Negro”**

Fonte: Jornal A Notícia. Ponte Nova. Ponte Nova, 13 de janeiro de 1929, ano VII, nº 97. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

As notícias veiculadas nos jornais nos confirmam que os séculos de escravidão deixaram déficits em diferentes campos para a população negra, como no econômico e educacional. Mas, além disso foram responsáveis por produzir e estimular o preconceito racial, o qual foi neste trabalho denunciado. Evidenciamos que houve diferentes tentativas de menosprezar o negro e suas práticas, no entanto, não podemos deixar de destacar que em contrapartida ocorreram inúmeras formas de resistência e afirmação da cultura afro-brasileira. O tempo também revelou a superação de um povo que viu sua cultura de marginalizada ser aclamada, como exemplo de tal fato, nós temos às Escolas de Samba. Veremos a seguir a importância das Escolas de Samba como representante da cultura de matriz africana e a presença dessa manifestação em Ponte Nova

## **4.2- 60 anos após a abolição: descendentes de escravizados na centralidade da festa.**

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes  
 Que nem devia tá aqui  
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Tanto dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?  
 Alvos passeando por aí

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência  
 É roubar o pouco de bom que vivi  
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes  
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nós sumir.<sup>216</sup>

A letra de Emicida elucida as mazelas decorrentes da escravidão e a tentativa sempre presente na sociedade de reduzir a história do negro. Cremos que homens e mulheres criaram táticas para se divertirem e as suas influências na formação da cultura brasileira.

Não minimizamos os danos da escravidão, tanto que mostramos traços de preconceitos sociais e raciais ao longo desse trabalho. Contudo, compreendemos que há muito mais a ser dito em relação às formas de inserção dos negros na cidade de Ponte Nova. Concordamos com o músico quando ele diz que nos definir pelas mazelas é dar troféu ao algoz, desta maneira tratamos o êxito do povo negro ao forjar maneiras de festejar e por manterem por meio das festas traços de sua cultura.

Essa dissertação não poderia deixar de abordar as Escolas de Samba. Antes mesmo de ter nascido as Escolas de Samba em Ponte Nova, os instrumentos de percussão característicos desse ritmo musical, já se faziam presentes. Esses instrumentos foram elementos formadores do samba.

Seria incompleto falar das manifestações carnavalescas em Ponte Nova e a participação da população negra em seu desenvolvimento durante a primeira metade do século XX sem mencionar as Escolas de Samba. Elas ganham destaque na mídia local nos primeiros anos de 1950, mas deixamos exposto que o samba já se mostrava presente anteriormente, conforme mencionamos ao mostrar o percurso do Carnaval no município.

A primeira notícia que encontramos em Ponte Nova referente às Escolas de Samba é em 1953, o que não quer dizer que foi a primeira manifestação dessas agremiações, apenas demonstra quando elas adquirem divulgação ampla e notoriedade na mídia impressa. A matéria<sup>217</sup> do dia primeiro de março de 1953 do jornal *Gazeta da Mata* apresentou a informação de duas Escolas de Samba que saíram no Carnaval de Ponte Nova: a Unidos da Vila, representando o bairro Vila Oliveira e a Unidos do Sapé, representando a região

<sup>216</sup> EMICIDA. **AmarElo**. Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em < <http://www.emicida.com.br/>> acesso em 09 de julho de 2019.

<sup>217</sup> Jornal *Gazeta da Mata*. Ponte Nova, 01 de março de 1953, ano II, nº 65. Disponível na Biblioteca Pública de Ponte Nova.

popularmente conhecidos como sapé<sup>218</sup>, mas referindo-se ao Bairro de Fátima, já que nesse período, os outros bairros que abrangem a região do Sapé ainda não tinham sido criados.

O jornal revela que o desfile das Escolas de Samba era o ponto alto do Carnaval de rua e que os rapazes e moças do Sapé foram muito aplaudidos. Essa notícia contrasta com a já aqui mostrada do ano de 1925 que diz que o Sapé é um local de vagabundos e que deveria ser caso de polícia o fato de sua população ficar nas ruas da cidade evidenciando sua pobreza. Observamos dessa maneira, que aproximadamente trinta anos antes das Escolas os moradores do referido bairro foram insultados e menosprezados, apesar do longo tempo transcorrido entre uma notícia e outra, houve mesmo que momentaneamente (período carnavalesco) o reconhecimento e exaltação a essas pessoas de uma cultura que era comumente marginalizada.

Os aplausos a esse desfile de 1953 não se resumem apenas a esse ano. Os aplausos são também para os ancestrais negros que resistiram em manter e transmitir suas culturas. A festa com centralidade negra é simbólica, é repleta de significados perante a História dos homens e mulheres negras que aqui se fixaram pelo processo da diáspora.

Ainda no que tange o reconhecimento e visibilidade da população periférica durante a festa, segue o depoimento de Carlos Pinto da Paixão, um dos moradores do Bairro de Fátima, que em sua infância e juventude vivenciou o Carnaval de Escolas de Samba do bairro. Quando perguntado se a festa tinha importância e o porquê, obtivemos a seguinte resposta:

“Sim, era muito porque tinha a ansiedade de como iria ficar, como que ia fazer, a ansiedade da disputa, de se sentir importante, porque a maioria era cortadores de cana entendeu?! Eram pessoas cortadoras de cana, que lá embaixo, no centro, eles eram invisíveis, não eram enxergados como pessoas que trazia a economia, que gerava a renda dentro da cidade, eles eram invisíveis. Na hora do desfile, eles se sentiam alguém, se sentiam o rei, porque eram aplaudidos, jogavam confetes, aí eles se sentiam gente, e esse era o maior prêmio, maior até do que ganhar o carnaval, todo mundo falava de ganhar o carnaval, mas na realidade o maior prêmio era esse, ser sentido como pessoa, porque eram todos do bairro pobre eram cortadores de cana...porque aí a pessoa fala: opa eu existo!, porque quando passam sozinhos não são enxergados, são discriminados, hoje já está melhor, mas naquela época, o preconceito era pesado....até 80 ainda tinha essa coisa, porque tinha muita gente mais antiga que nos criaram com esse ar de inferioridade...tanto que aqui se uma loja era muito bonita, muitos aqui tinham receio de entrar na loja, não é que a loja proibia de entrar, mas a gente se achava pequeno para a loja, achava que a loja era para rico e não para pobre<sup>219</sup>”.

<sup>218</sup> O termo Sapé evidencia a falta de poder aquisitivo e infraestrutura desse local, que tinha suas casas cobertas por essa vegetação.

<sup>219</sup> A entrevista na íntegra está disponível em anexo, realizada com o senhor Carlos Pinto da Paixão.

O entrevistado revela que em razão das Escolas de Samba, os moradores do Sapé se tornavam visíveis na Paisagem do Centro. Anteriormente havíamos dito que nas Paisagens estão inseridos simbolismos que expressam as complexas relações sociais, o relato contido na entrevista afirma justamente essa questão. Na Paisagem da região central de Ponte Nova, predominava a presença da elite, e mesmo que houvesse pobres, eles não eram notados, pois, para a elite local, os pobres não pertenciam àquele local e não interagem “significativamente” com aquele Espaço que se tornou o Território de uma camada social mais alta. A fala evidencia também que a Paisagem é reveladora de segregação, um indivíduo pode compor o Espaço, mas sem ser percebido na Paisagem, pois não tem força de expressão perante os outros elementos e indivíduos que também a compõe.

Outro ponto que devemos destacar é a importância das relações sociais e a ocupação em grupo dos Espaços. Sozinho, muitas vezes o indivíduo possui pouca expressão, mas coletivamente é capaz de transformar um local elitizado em popular, é capaz de deixar de ser invisível. Coletivamente os sujeitos causam um maior impacto no Espaço e ganham notoriedade na configuração da Paisagem. Além do aparecimento dos sujeitos, vinculadas a eles, ocorre a territorialização do Espaço, pois os grupos deixam suas marcas nele, como sua música, no caso das Escolas de Samba. Se cotidianamente o centro era o Território da elite, no Carnaval tornava-se Território dos cortadores de cana, dos menosprezados, invisibilizados.... Enfim, dos pobres, demonstrando a capacidade das festas em romper e inverter as normas cotidianas.

A resposta obtida nos mostra que a festa de Carnaval também trazia dignidade para a população periférica, pois se sentiam importantes e finalmente vistos, “eu existo” é o que diz o entrevistado ao falar da importância dos desfiles. Assim, se enquanto trabalhadores rurais eles eram invisibilizados, durante o desfile eram vistos, e mais que isso, aplaudidos.

A fala também é reveladora do preconceito social vivenciado cotidianamente pelos moradores dos morros, e a vontade que essa população sentia de ser aceita, como dito pelo entrevistado, eles (cortadores de cana) geravam renda para a cidade, mas não obtinham o reconhecimento quanto a isso, ao contrário, eram no cotidiano menosprezados. Ao assinalar que os moradores da comunidade do Sapé se sentiam desvalorizados, devemos elucidar que esse sentimento foi construído e fortalecido por séculos.

O jornal *Gazeta da Mata* em 1953 apresenta que a Escola de Samba do Sapé recebeu doações de políticos como: deputados, prefeitos e vereadores, que destinaram verba para a preparação do seu desfile. Essa informação é relevante, pois demonstra que, se antes essa manifestação com as características populares e seus fortes instrumentos de percussão era

sinônimo de desordem, passa a ser motivo de incentivo, inclusive financeiro, o que indica não apenas a aceitação, mas também a valorização dessa prática.

Em 1954 é noticiado<sup>220</sup> mais uma Escola de Samba no Carnaval de Ponte Nova. Também localizada na periferia do município, a Escola de Samba Vila Cruzeiro, situada no bairro Nossa Senhora de Fatima, desceu o morro com seus instrumentos de percussão, como pode ser atestado pela nota transcrita a seguir, manifestando a herança cultural negra e produzindo uma sonoridade característica à festa. A nota também destaca alguns nomes importantes do Carnaval no bairro e na cidade, como o morador e organizador da Escola de Samba Vila Cruzeiro, Totinho. Em entrevista ao seu filho, este definiu o pai como uma pessoa atuante na organização do Carnaval do bairro.

## CARNAVAL

### Apenas a Escola de Samba Vila Cruzeiro se prepara

Apesar de apenas 21 dias nos separarem do tributo de Momo, nenhum movimento aqui se esboça para festejar o ruidoso reinado. O Pontenovense ainda não deu o seu “grito de Carnaval”, o Primeiro de Maio, idem. A Escola de Samba Unidos da Vila, que tanto sucesso alcançou o ano passado, parece que ensarrihou armas...

Apenas a Escola de Samba Vila Cruzeiro está se movimentando ativamente, havendo ensaios quase todas as noites. O grupo do Sapé, sob o comando do infatigável Totinho, pretende fazer uma demonstração espetacular durante os três dias, descendo o morro com 30 tamborins, 10 surdos, 3 cuícas, 10 pandeiros e os demais instrumentos de barulho, além de contar com um corpo coreográfico escolhido “a dedo”. O popular sambista Lucas é o encarregado dos ensaios da Escola de Samba Vila Cruzeiro.

Enquanto isso, pergunta-se o que é feito do Jaredo, do Dudu, do Toné Broilo, do Folia e de tantos outros animadores do Carnaval pontenovense. É de se supor que, apesar do intenso calor reinante, uma onda de gelo passou sobre eles, amortecendo-lhes a fibra e o entusiasmo.

### **Transcrição na íntegra do Artigo “Carnaval”**

Fonte: Jornal Gazeta da Mata. Ponte Nova, 07 de fevereiro de 1954, ano III, nº 106. Disponível na Biblioteca Pública de Ponte Nova.

Em 1955, além das Escolas de Samba aqui já citadas (Unidos do Sapé, Vila Cruzeiro, Unidos da Vila), aparece também para compor o desfile carnavalesco juntamente com a Vila Cruzeiro e Unidos da Vila, a agremiação Unidos do Prado. A partir das informações descritas nos jornais, existia até 1955 pelo menos quatro Escolas de Samba na Cidade.

As Escolas desfilaram na Avenida Caetano Marinho, principal local do desfile de Carnaval na primeira metade do século XX, pois, mesmo que as Escolas de Samba fossem organizadas e preparadas em seus bairros à margem do centro, o desfile acontecia nessa importante Avenida, local de moradia de uma camada social mais influente. Tal fato, como já

<sup>220</sup> Jornal Gazeta da Mata. Ponte Nova, 07 de fevereiro de 1954, ano III, nº 106. Disponível na Biblioteca Pública de Ponte Nova.

apresentado, era responsável por alterar a Paisagem da Avenida, bem como construir novas relações territoriais com esse Espaço. Os casarões, moradia da elite e característicos dessa rua, no período de tributo à Momo bordejam um contingente misto que não eram rotineiramente pertencentes a esse lugar. A sonoridade era avivada pelas batidas dos tamborins, cuícas e demais instrumentos, o corpo de destaque, era o dos trabalhadores, inclusive dos menosprezados cortadores de cana. Através desses corpos, eram reafirmadas as relações de afeto e companheirismo entre a periferia que construiu a festa e emergiu no centro para vivê-la em seu esplendor. Essa Paisagem é também movimentada pelas danças ritmadas pelo samba. É uma Paisagem com simbolismos, representa a resistência, a insistente vontade de ser visto e de ter suas práticas reconhecidas. Essa Paisagem não é neutra, mas sim reveladora de distintas emoções. É momento de êxtase, de extravasamento das dificuldades da árdua vida de quem não teve privilégios, de clamor de quem existe o ano todo, mas só tem as atenções voltadas para si nos dias de folia.

Além das Escolas já mencionadas, em trabalho anterior “O território do samba em Ponte Nova- Minas Gerais: Marca de resistência de um passado escravocrata”<sup>221</sup>, verificamos por meio de entrevista realizada com um morador do bairro Nossa Senhora de Fátima, o senhor Pedro Catarino, que na década de 1950, além da Vila Cruzeiro, existia outra Escola de Samba no bairro, a Academia de Samba do Bairro de Fátima. Essas duas agremiações, segundo o entrevistado, foram unificadas por volta de década de 1960, porém permaneceu a nomenclatura Academia de Samba do Bairro de Fátima. O motivo justificado para a união das duas agremiações era de evitar desentendimentos entre os moradores do bairro, pois as Escolas geravam grande rivalidade entre os moradores locais.

De acordo com o relato, o auge da Escola foi a década de 1960. O entrevistado também informou que seu surgimento estava atrelado a uma família do bairro, a família Prateado, composta por negros. Destacamos mais uma vez a relação desse bairro com a população negra ponte-novense, pois, conforme já apresentado, é uma comunidade remanescente quilombola. Certamente o samba que nasceu neste local teve sua origem nos ritmos e danças praticados pelos descendentes de escravizados.

Não podemos deixar de evidenciar, embasados pelas entrevistas feitas no bairro de Fátima, que a comunidade local é ainda na atualidade compreendida pelos moradores como participativa e envolvida nos eventos locais, e que esse comportamento comunitário já

---

<sup>221</sup> VIDAL, Janice Estarlino. **O Território Do Samba Em Ponte Nova MG: Marca Da Resistência De Um Passado Escravocrata**. Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa- MG, p. 51, 2016.

acontecia no período em que a Academia de Samba do Bairro de Fátima estava ativa, uma vez que se encontra atualmente inativa.

Carlos Pinto da Paixão, um dos entrevistados, morador do bairro Nossa Senhora de Fátima, lembrou por meio da memória transmitida pelos mais velhos, que no início das Escolas de Samba, os próprios moradores faziam os instrumentos; outro entrevistado<sup>222</sup>, o senhor Rivalino Antônio da Silva morador do mesmo bairro há 93 anos, como dito por ele: nascido e criado no Sapé, se intitulou como o cabeça do Carnaval da Escola de Samba Vila Cruzeiro, revelando que as pessoas da comunidade eram de fato, as produtoras da Escola. O entrevistado Olegário Lopes, em concordância com os outros entrevistados, relatou que cabia às Escolas produzirem as fantasias, instrumentos e alegorias, e recordou que às vezes a comunidade da Vila Oliveira promovia rifas com o intuito de arrecadar dinheiro para a Escola desse bairro.

As falas dos entrevistados demonstram que eram as pessoas das comunidades os atores principais da festa, eles mesmos organizavam e saíam no Carnaval na Avenida Caetano Marinho. Ainda de acordo com o morador do bairro há quase 100 anos, no último dia do Carnaval, a comunidade desfilava na Avenida com os carros alegóricos, uniformes e fantasias.

Quanto a Avenida Caetano Marinho, concluímos com base nas reportagens realizadas em jornais e nas entrevistas coletadas, que ela foi o principal palco de comemoração do Carnaval em Ponte Nova, como pode ser atestado pelo mapa a seguir, no entanto, o mapa também apresenta outros importantes locais de Carnaval no município durante a primeira metade do século XX.

---

<sup>222</sup> A entrevista se encontra na íntegra em anexo.

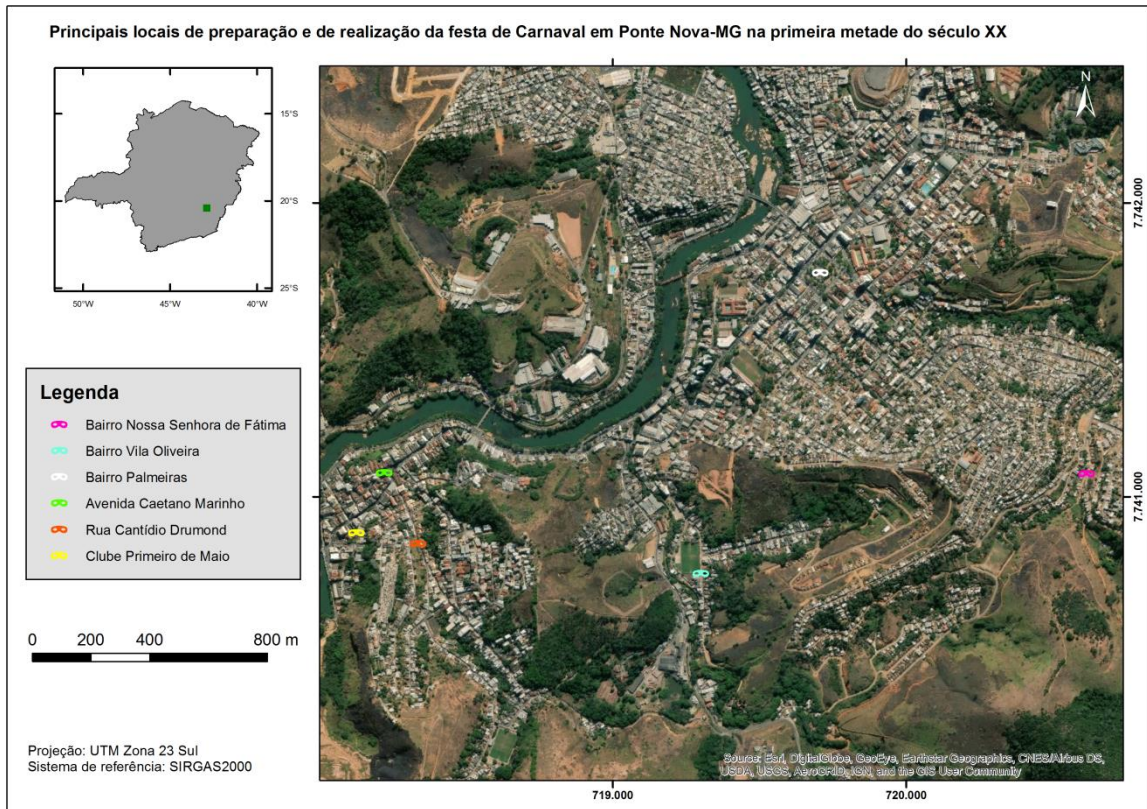


Figura 26- Mapa dos Principais locais de preparação e de realização da festa de Carnaval em Ponte Nova-MG na primeira metade do século XX.

Fonte: Mapa produzido por Neuman Otávio Freitas Assis, Técnico em Cartografia. Departamento de Geografia/ Universidade Federal de Viçosa, 2019.

Apesar de não estar dentro do nosso recorte temporal, adentramos pela segunda metade do século XX e ressaltamos que as Escolas de Samba se firmaram no Carnaval ponte-novense ao longo desse século. Apresentamos uma lista com algumas agremiações que se fizeram presentes no município e seus respectivos bairros.

Escolas de Samba de Ponte Nova	
Escola de Samba	Bairro
Unidos da Vila	Vila Oliveira
Unidos do Sapé	Nossa Senhora de Fátima
Acadêmicos da Vila Alvarenga	Vila Alvarenga
Escola e Blocos Caricatos Filhos de Obama	1º de Maio
Acadêmicos do Sapé	Novo Horizonte
Independente do Triângulo	Triângulo
Império do Samba do Triângulo	Triângulo
Unidos da Rasa	Rasa
Arrastão do São Judas	São Judas Tadeu
Unidos do Piranga	Santo Antônio
Unidos de Palmeiras	Palmeiras
Academia de Samba do Bairro de Fátima	Nossa Senhora de Fátima

Tabela 2-Escolas de Samba de Ponte Nova

Fonte: VIDAL, Janice Estarlino. **O Território Do Samba Em Ponte Nova MG: Marca Da Resistência De Um Passado Escravocrata**. Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa- MG, p.40.

Durante a entrevista com o senhor Paulo Gali<sup>223</sup>, adquirimos a informação de que até 1976 as Escolas de Samba não eram muito bem vistas por parte da população ponte-novense, tendo no desfile a participação especialmente das comunidades onde estava inserida a população pobre.

Na Academia de Samba do Bairro de Fátima, a incorporação de moradores de bairros mais abastados, só ocorreu em 1976, quando o presidente eleito da agremiação foi Paulo Gali, morador de Palmeiras (Academia de Samba do bairro de Fátima foi a campeã nesse ano), que comandou a agremiação em 1976, 1977 e 1978 e foi carnavalesco nos anos posteriores. Paulo Gali representou a entrada da população de melhores condições financeiras na festa, que até então era majoritariamente composta pelos estratos sociais mais baixos.

### **4.3- Carnaval e Visibilidade**

Por meio do Carnaval é possível apresentar temas muitas vezes compreendidos de forma preconceituosa e que são pouco tratados na sociedade, como por exemplo, aspectos da cultura religiosa afro-brasileira. Olegário Lopes relatou que foi membro de um bloco em Ponte Nova intitulado “Afoxé Filhos de Oyá”, nitidamente com referências negras, pois tinha como temática os orixás do candomblé. Sendo assim, percebemos a função da festa também de promotora de visibilidade e de reflexões sociais sobre as nossas ideias erroneamente pré-concebidas.

Por meio das informações obtidas por intermédio das entrevistas, constatamos que o Carnaval de Escolas de Samba é uma festa comunitária, que apesar de ter o caráter de diversão, é feita com muita seriedade. Percebemos pelas falas dos entrevistados que o Carnaval é uma festa de amor e paixão, pois, com todas as dificuldades, seus integrantes se doam para fazer a festa.

Mediante informações coletadas durante a pesquisa, notamos que o encontro do morro com a cidade em função das festas, já discutido em capítulos anteriores, ocorreu em Ponte Nova, no entanto, o fato demorou a acontecer, evidenciando que por muito tempo, apenas as pessoas das comunidades foram protagonistas dos desfiles. O protagonismo propiciado pelos desfiles permitiu que essa população invisibilizada fosse, vista e se sentisse parte do “todo”.

---

<sup>223</sup> A entrevista na íntegra se encontra em anexo.

As Escolas de Samba são representativas por ser uma das conquistas da luta cultural da população negra. Compreendemos que a população negra adquiriu muitas vitórias ao longo dos anos, apesar dos séculos de escravidão que estruturaram preconceitos na sociedade. Ao mencionar a conquista negra em manter sua cultura, em se fazer presente na Paisagem carnavalesca e de ocupar Territórios elitizados, tivemos o intuito de desfazer a visão estereotipada desse povo e contribuir para a sua valorização. Além disso, objetivamos demonstrar a função social da festa, pois, por meio delas, os grupos sociais adquirem voz e visibilidade. Também consideramos que por intermédio das festas a população que cotidianamente é menosprezada, torna-se aclamada, esses fatos proporcionam o reavivamento do sentimento de dignidade e a certeza de que possuem sua importância.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação teve como objeto de estudo o Carnaval em Ponte Nova- MG na primeira metade do século XX. Ponte Nova é um município mineiro que assim como tantos outros fez uso de mão-de-obra escravizada. Apesar de terem sido submetidos ao regime escravista, a população negra, em detrimento da resistência em manter suas heranças culturais, contribuiu para a cultura local, como por exemplo, nas festas de Carnaval.

Atualmente o Carnaval está especialmente relacionado às Escolas de Samba, ao definir como recorte temporal a primeira metade do século XX, buscamos compreender outras formas da festa carnavalesca, e as influências que essas engendraram na atual configuração dessa festividade.

A bibliografia utilizada sobre as diferentes festas de Momo nos auxiliaram a compreender as distintas características da festa, como sua associação com a elite ou com os pobres, que são em sua maioria negros, oriundos do processo da diáspora. Aliado ao material bibliográfico, utilizamos os jornais locais com o intuito de conseguir uma descrição mais particular do festejo.

A princípio questionávamos se encontraríamos menções à festa organizada pelos grupos populares moradores da periferia, e se a falta dessas informações iria simbolizar que a camada pobre não vivenciou o Carnaval em Ponte Nova. No entanto, entre uma nota e outra sobre a festa da elite nos clubes da cidade, descobrimos formas populares de divertimento, como o Zé- Pereira.

A vivência da festa carnavalesca, especialmente da população pobre no período estudado, demonstra esforço e conquista pelo Espaço, uma vez que, não tinham recursos para promover festas em clubes. A entrada aos salões era restrita, destinadas a sócios, então, a forma encontrada por essa população foi por meio da ocupação dos espaços públicos.

Confirmamos pelas pesquisas que a população pobre e negra forjou suas formas de viver o Carnaval, mas ao fazer o retrospecto da História do negro no Brasil desde a diáspora, percebemos que ela foi construída de lutas e conquistas. Mas ainda assim, diante dos preconceitos que ainda se fazem presentes contra essa população e pelo caráter de pesquisa dessa dissertação, precisávamos de evidências que comprovassem nossa teoria de que a população negra engendrou suas formas de viver a folia.

Os jornais foram ferramentas importantes, pois, além de informações da festa, revelaram os preconceitos de cunho racial e social, que nos auxiliaram a compreender a

sociedade local no período de estudo. Dessa forma, confirmamos a importância da festa produzida pela população com baixa renda como um ato de insubmissão.

A pesquisa teve o intuito de demonstrar a importância das festas em diferentes aspectos, assinalando que não está vinculada apenas a diversão. Apesar de considerarmos o entretenimento importante, desenvolvemos análises que demonstram que as festividades carnavalescas, possuíam, além dessa, diferentes funções.

As festas são importantes por trazerem alívio ao cotidiano, lembrando que, ao mesmo tempo em que é uma válvula de escape perante a rotina, ela também atua como um fator que a condiciona. Sem os momentos de extravasamento, as queixas e revoltas contra o sistema maçante e opressor ocorreriam com maior frequência.

Demonstramos que a festa de Carnaval por ser um feriado nacional, atinge praticamente toda a população, de forma direta ou indireta, já que, mesmo os que optam em não participar da festa, são “atingidos” e têm também sua rotina alterada.

A festa de Carnaval também se torna importante por fortalecer as relações sociais, pois muitas vezes são organizadas de forma comunitária, tornando-se produto de relações de cooperação, amizade e solidariedade que emergem ou se intensificam no tempo e espaço festivo.

O Carnaval, portanto, é produtor de Paisagens que nos revelam as características culturais dos sujeitos sociais que o promovem. A Paisagem carnavalesca possui aspectos tangíveis e intangíveis, como os sons, cores e cheiros. No trabalho abordamos a Paisagem formada pelo Carnaval popular, que tem como palco as ruas, como sonoridade os instrumentos de percussão e a entonação da síncopa, têm cores diversas, entre elas, a do corpo negro. Por meio das Paisagens das festas, os grupos sociais alcançam visibilidade. Porém, devemos destacar, embasados no conteúdo aqui apresentado, que as Paisagens podem revelar também a segregação.

Destacamos que o Carnaval ainda é promotor de disputas pelos Territórios. Nesses locais ficam impressos as características da população que o apossa. As festas nos espaços públicos demonstram a existência de disputas pelo Espaço, mesmo que essa disputa aconteça no campo simbólico, por meio de dizeres que menospreza, agrida ou ofenda determinada pessoa ou grupo.

A ocupação dos Espaços, especialmente àqueles de destaque na cidade, por um grupo marginalizado é algo que evidencia a força cultural de um determinado grupo social, assinalando também formas de poder sobre o Espaço, mesmo que seja temporário. Mostramos que a população dos bairros periféricos ao obter centralidade em função da festa sentia-se

finalmente vista. Quando os aplausos se direcionavam a esse povo considerado inferior, eles sentiam possuir valor. Por meio do Carnaval, a estima de quem era o ano inteiro invisível aos olhos da sociedade, se elevava.

Acreditamos ter cumprido nosso propósito, de mostrar o Carnaval com toda a alegria e paixão que ele desperta. E, além disso, de evidenciar o caráter de seriedade da festa, pois atrás das máscaras, temos a comunidade em cooperação construindo festas e se fortalecendo enquanto grupo, temos a periferia dizendo “olha para mim” e ganhando visibilidade e aplausos, temos os negros com seu ritmo e instrumentos que de “barulhentos” passam a ser uma sonoridade socialmente aceitável e ideal para a festa, temos às identidades e a ancestralidade sendo mantidas por meio de danças e cantos.

## **PARTE II**

## CAPÍTULO 5

### **O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL**

Atendendo o requisito para obtenção do título de Mestre do programa de pós-graduação “Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania” do Departamento de História da Universidade de Federal de Viçosa- UFV, como produto das pesquisas da dissertação desenvolvemos um livreto paradidático que objetiva ser instrumento para auxiliar o ensino de Geografia na etapa dos anos finais do ensino fundamental, especialmente em escolas de Ponte Nova- MG.

O livreto desenvolvido e intitulado *ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL* é uma proposta para ser inserida nas aulas de Geografia na etapa da Educação Básica. Por meio dele há possibilidade de apresentar os conceitos Paisagem, Espaço, Território e Territorialidade articulados com a festa de Carnaval.

Dentre os conteúdos presentes em *ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL* está a alteração da Territorialidade do Espaço, já que em determinado momento, durante o Carnaval de rua, as avenidas adquirem outro fim, são ocupadas por sujeitos que em outros períodos cotidianos são apenas passantes do espaço; há mudança do poder pelo Território, locais nobres da cidade que são geralmente ocupados por pessoas com melhores condições financeiras, tornam-se o Território popular, no decorrer das festas.

Também pode-se discutir a Paisagem efêmera da festa, produzida e mantida apenas no momento festivo, com demarcação de início e fim, formada pelas características físicas e acrescentadas à elas, os elementos invisíveis, como sons, cheiros característicos e as relações sociais estabelecidas no espaço festivo, como de amizade e solidariedade na preparação da festa.

Este livreto poderá também auxiliar na abordagem sobre população brasileira, especialmente no que tange às contribuições africanas decorrentes da diáspora, o processo de

miscigineção do Brasil e cultura popular que é o resultado das misturas de práticas dos diferentes povos que se estabeleceram no nosso país.

*ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL* possui conteúdos que o permite ser utilizado em diferentes momentos, tais como: período do Carnaval, Semana da Consciência Negra, 13 de maio e após ou durante a introdução dos conceitos Paisagem, Território, Territorialidade e Espaço, com o intuito de auxiliar na compreensão e fixação desses.

Sugerimos a utilização desse produto especialmente para auxiliar a construção dos saberes nas turmas do 7º ano, pois os alunos dessa faixa de escolaridade já tiveram um conhecimento prévio do que é a Geografia e já lhes foram apresentados no ano anterior, conceitos como Paisagem, Espaço Geográfico e Território. No 7º ano os alunos estão aprofundando o entendimento, sobretudo, do conceito de Território, sendo assim, é uma oportunidade de revisar os conceitos trabalhados no 6º ano e de consolidar as temáticas territoriais estabelecidas para a fase do ensino em que eles se encontram (7º ano).

Além disso, o livreto ao discutir o Carnaval, discorre sobre as contribuições africanas e de seus descendentes para a constituição dessa festa, o que pode ser relacionado ao processo de formação da população brasileira e da cultura estabelecida neste solo, temática desenvolvida com maior ênfase no 7º ano.

## **5.1-Abordagens de ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL**

A estrutura do livreto se inicia com a sua apresentação, evidenciando a proposta contida em seu interior e destacando que sua produção é um resultado das pesquisas desenvolvidas no âmbito do programa de pós-graduação Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, do departamento de História da Universidade federal de Viçosa.

Em sequência avançamos para os assuntos trabalhados no material, dando início à problematização do que é festa, pois o Carnaval além de ser uma das modalidades do festejar, é amplamente conhecido no Brasil. A partir da discussão de festa, elaboramos a associação do Carnaval com a Geografia, e mostramos como os conceitos geográficos podem ser compreendidos a partir dessa festividade.

Cabe destacar que optamos por elaborar um livreto com imagens associadas ao texto,

com o objetivo de chamar a atenção visual dos alunos para o material. Somado a isso, acreditamos que as imagens são uma estratégia para ajudá-los a compreender os próprios conceitos geográficos, como o de Paisagem, que apesar de não estar apenas relacionado ao visual, tem a visão como uma ferramenta de percepção.

Também realizamos, ao longo do material, alguns questionamentos para estimular o pensamento dos alunos em relação às temáticas, bem como para verificar por meio das respostas formuladas pelos estudantes se as discussões realizadas em sala estão sendo compreendidas. Essa informação é importante, pois a partir dela o professor pode alterar a metodologia aplicada, bem como avançar ou revisar o que foi discutido até o momento.

Segue a estrutura do livreto e uma síntese do que contêm em cada uma das partes:

## I- Apresentação

Em sua apresentação o livreto evidencia que está relacionado especialmente à Geografia, no entanto, pode ser trabalhado de forma interdisciplinar, por exemplo, em articulação com a História ou Arte. Nesse momento são expostos os conceitos centrais na abordagem, tais conceitos articulam a Geografia com a festa de Carnaval, sendo eles: Espaço, Território, Territorialidade e Paisagem.

Há ainda sugestões de momentos em que este material pode ser inserido às aulas, como no início do ano letivo, momento que começa a abordagem dos conceitos geográficos ou quando estes são revistos, Semana da Consciência Negra, durante as discussões dos aspectos Gerais da população brasileira, etc.

## II- Vamos falar de festa?

Objetivamos demonstrar aos alunos, por meio de fotografias que há uma multiplicidade de formas de festejar. Neste momento, estimulamos que os alunos reflitam o que é festa, bem como relembrem quais festas já participaram e quais elementos as compunham. Tal reflexão é importante, pois por meio dela é possível fazer a associação da festa com a diversão, que se constitui como uma das características principais dos festejos.

## III- Estudando Geografia por meio das festas

Realizamos a explicação do que é festa de acordo com autores como Rita Amaral e Roberto da Mata, que se empenharam a pensar sobre o assunto. Apresentamos que a festa possui como característica, além da alegria e diversão, o fato de ser realizada em conjunto.

O fato das festas serem vividas coletivamente é um mecanismo que possibilita a criação ou o fortalecimento das relações sociais. Além disso, possui a importância de funcionarem como um instrumento de fuga da rotina, uma “válvula de escape”. No entanto, cabe destacar que atua também como um condicionante da rotina, uma vez que permite “tomarmos fôlego” para voltarmos às atividades cotidianas.

É discutido que em virtude das festas, que são uma construção social, cria-se a possibilidade de pensar e entender a sociedade. Dessa forma, as festas são reveladoras de características sociais dos homens e mulheres de determinada época e espacialidade, podendo revelar: gostos culturais (exemplo: música e dança), preconceitos, segregação, informações das disputas pelo controle do Espaço, etc.

#### IV - Festas carnavalescas e Geografia

Após discussão sobre o que é festas nos recaímos neste item a pensar o que é Geografia e por qual motivo essa ciência se interessa pelas festas. Para tanto, abordamos o que é Espaço Geográfico, evidenciando seu caráter social e natural. Estimulamos a compreensão dessa categoria de análise por parte dos alunos, pois ela é entendida como o objeto de estudo da Geografia, palco das ações humanas, como as festas.

Apontamos que no Espaço Geográfico, em função das festas, serão formadas Paisagens, Territórios e Territorialidades característicos. Destacamos nesse item que além de desenvolver análises sobre um momento de vivência social, relacionado essencialmente ao divertimento, objetiva-se com o aprofundamento da temática realizar discussões referentes à cultura, Paisagem, controle do Espaço e fortalecimento dos grupos sociais.

A Geografia, que se interessa por todos os acontecimentos que se fazem presentes no Espaço Geográfico, não poderia deixar de compreender a importância das festas e de estudá-las, pois essas são resultado das ações humanas e reveladoras de características sociais.

## V - Conceitos Geográficos e Festas

Destacamos que a festa carnavalesca ocorre a um longo tempo e em diversas localidades, e revelam as características das sociedades que as desenvolveram. Mostramos que cada festa é única, mesmo as festas anuais como o Carnaval, nunca se repetem exatamente com as mesmas características de outrora. Além disso, demonstramos que as festividades são eventos especiais, pois não fazem parte da rotina, são eventos efêmeros.

Nesse item demonstramos que as festas são formadoras de Paisagens distintas do cotidiano, e buscamos estimular a discussão do que é essa categoria de análise na Geografia. Pretendemos que seja alcançada a compreensão da Paisagem que é formada por aspectos visuais e não visuais, uma vez que apresenta a subjetividade na sua construção.

Para melhor compreensão, apresentamos por meio de fotografias, exemplos de elementos presentes na Paisagem no tempo e espaço das festas, no entanto, cabe ao professor complementar a abordagem destacando os elementos invisíveis e subjetivos também constituidores das Paisagens.

Além de Paisagem, nesse item discutimos Espaço, Território e Territorialidade, destacamos que assim como as Paisagens formadas em função das festas, as categorias de análise Território e Territorialidade também possuem a característica da efemeridade. Apresentamos a conceituação desses termos dentro da disciplina geográfica e evidenciamos como as festas alteram as relações de poder dentro do Espaço, criando assim, Territórios que emergem e se findam de acordo com o tempo festivo, nos quais são expressas as características da sociedade que os formou, como formas de dançar, cantar, vestir e de se relacionar.

## VI - Escola de Samba e população negra

O item aborda a relação das Escolas de Samba com a população negra, para a realização de tal associação, devemos refletir sobre o passado, pois essa relação se engendra a partir da configuração populacional do Brasil.

A temática contida nesse item nos remete às discussões referentes à diáspora negra e suas consequências, no entanto, ao abordar a vinda forçada dos africanos para nosso país devemos ter a cautela de não reduzir esse deslocamento ao sofrimento da escravidão, ao invés

disso, podemos destacar as estratégias de resistência negra, que propagaram suas influências em nossa cultura, como no samba e conseqüentemente nas Escolas de Samba.

É importante inclusive para o fortalecimento da autoestima de alunos negros, que eles saibam que seus antepassados foram pessoas fortes, que lutaram não apenas para sobreviver, mas para viver de forma digna e manter seus costumes, sendo sujeitos ativos na construção da História e cultura do nosso país.

O samba possui a nomenclatura que remete a uma palavra de origem angolana (semba, a qual foi evidenciada no livreto), possui modos de dançar e sonoridade que foram transmitidos pela população de origem africana e representam a força da resistência negra em ter suas características culturais impressas nos espaços urbanos das cidades.

## VII- Carnaval em Ponte Nova

Mediante as pesquisas realizadas para o desenvolvimento dessa dissertação descobrimos que o Carnaval em Ponte Nova é um evento recorrente há muito tempo, tendo sido encontrado menções da sua realização no início do século XX (1906). Por meio das pesquisas percebemos que existiram distintas formas de praticar o Carnaval, podendo ser desigual inclusive de acordo com as classes sociais (elitizadas ou populares) que o praticavam.

Também destacamos que o município possuiu Escolas de Samba no percurso de sua festa carnavalesca, e que em Ponte Nova, assim como em outras localidades, ocorreu relação das Escolas com a população negra, exemplificado no livreto pela Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima. O bairro em que a Escola está inserida é oficialmente declarado pela Fundação Cultural Palmares como Comunidade Remanescente Quilombola.

## VIII Marcas do passado escravista de Ponte Nova

O município possui algumas marcas que remetem ao seu passado escravista, além da comunidade declarada remanescente quilombola, apresentam-se na Paisagem local outros elementos que se referem a esse período da História brasileira. Apresentamos no livreto algumas dessas marcas, evidenciando suas localizações e fotografias, para que os alunos

compreendam que a escravidão no Brasil não está distante das suas realidades, tendo sido praticada em seu município.

Discutir a escravidão é necessário, pois tomamos conhecimentos das problemáticas engendradas por esse sistema, e que geram ainda nos dias de hoje enfrentamentos que a população negra vivencia cotidianamente, tais como preconceitos raciais, dificuldades econômicas, obstáculos de acesso e continuidade nas etapas de escolarização, entre outros.

As construções que remetem ao período escravagista de Ponte Nova e que foram apresentadas aos alunos são:

-Cemitério dos escravos, localizado na zona rural do município (Próximo ao Distrito Rosário do Pontal. Construído de rochas gnaisse.

-Fazenda Vau- Açú foi moradia de Padre João do Monte Medeiros (Fundador de Ponte Nova), a qual empregou mão de obra escravizada.

- Fazenda Quebra-Canoas, está em uma zona rural, também fez uso de mão de obra escravizada. Hoje está em estado de degradação. Está localizada entre Ponte Nova e Barra Longa.

## IX – Questionário

Além de questões desenvolvidas ao longo do livreto, ao final elaboramos uma lista com mais algumas perguntas que fazem com que o aluno leia novamente o material e exerça sua capacidade crítica.

## X – Anotações

Reservamos um espaço para que o aluno realize suas anotações, podendo ser dúvidas, termos para serem lembrados, ou mesmo a elaboração das respostas das questões apresentadas no decorrer do material.

## XI - Sugestões ao Professor (a)

Destacamos que o livreto é uma proposta para ser incrementada às aulas especialmente de Geografia, não é um material obrigatório e nem tão pouco um guia. Dessa forma, o professor possui autonomia para usar o material nos momentos em que achar que ele será útil, bem como definir a sua metodologia de utilização e acrescentar conteúdos e abordagens ao instrumento educativo.

Sabemos que cada sala de aula possui uma realidade diferente, e que ninguém conhece melhor as particularidades dos processos de ensino e aprendizagem dos distintos educandos do que o próprio professor, sendo assim, somente ele é capaz de preparar os planos de aula para que o livreto seja inserido.

## XII - Fonte e Referências Bibliográficas

Elencamos as fontes e referências utilizadas na confecção do livreto “*ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL*”, as quais podem ser acessadas pelos professores e alunos caso haja interesse.

### **5.2- Temas vinculados ao livreto**

Busca-se no livreto abordar os seguintes temas:

- Formação da população brasileira, já que o Carnaval é resultado da interação cultural que se estabeleceu no Brasil;
- Território e Territorialidade, abordagem das relações de poder que se desenvolvem no Espaço Geográfico, usando as festas como exemplo.
- Paisagens, entendendo esse conceito sob a perspectiva cultural, ou seja, além dos aspectos físicos.
- As relações socioespaciais que se desenvolvem no contexto da festa, tais como: coesão social e fortalecimento de identidade.
- Cultura, as práticas sociais, comportamentos e costumes de determinada sociedade
- Carnaval, a trajetória da festa, como ele se desenvolveu de diferentes formas ao longo do tempo. É interessante mostrar suas distintas características;

Os temas mencionados acima são cabíveis de participarem do processo de ensino-aprendizagem, na medida em que, se fazem presentes no Conteúdo Básico Comum (CBC) para anos finais do ensino fundamental da disciplina Geografia. As temáticas estão de acordo com o proposto no documento, no Eixo Temático II- Sociodiversidade das Paisagens e suas Manifestações Espaço-Culturais, o qual possui entre seus conteúdos obrigatórios a natureza, cultura e sociodiversidade; e inserido no tema complementar “Identidades territoriais e preservação da memória de um povo: um estudo de caso” os seguintes conteúdos são sugeridos: Território e Territorialidade e Paisagem cultural<sup>224</sup>.

### 5.3- Público alvo

O livreto “*O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL*” pode ser trabalhado em diferentes etapas do ensino, desde o sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio.

Sua amplitude de utilização é explicada pelo fato de seu conteúdo ser dotado de conceitos fundamentais da Geografia, como Espaço Geográfico, Paisagem e Território/Territorialidade, os quais estão presentes na disciplina durante praticamente todo seu percurso escolar.

No ensino fundamental I, que termina no quinto ano, não recomendamos a utilização do livreto, pois os alunos ainda não possuem um professor específico de Geografia que possa aprofundar a temática, o contato dos alunos com essa ciência é introdutório nesse momento de escolaridade. Nessa fase é desenvolvida a familiarização com a Geografia, o que é muito importante para a construção do futuro aprofundamento, que somente ocorrerá no ensino fundamental II (6º ao 9º) e no ensino médio (1º ao 3º ano).

Apesar da possibilidade ampla de desenvolvimento, acreditamos que o melhor ano de escolaridade para que ele seja utilizado é o 7º do ensino fundamental II, pois nesse momento os alunos já tiveram um contato com os conceitos geográficos (6º ano), o que facilita a assimilação dos conceitos com a festa carnavalesca.

Cabe destacar, que o material pode ser ministrado em escolas de Ponte Nova, tanto da rede pública quanto da rede particular. No entanto, o livreto apesar de apresentar o Carnaval

---

<sup>224</sup> SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdos Básicos Comuns (CBC)** – Geografia ensinos fundamental e médio.

em Ponte Nova, não fica restrito a ser trabalhado apenas nesse município. Professores de outros locais podem fazer alterações e pensar o Carnaval em suas localidades, podendo ser inclusive um tema de pesquisa a ser realizada pelos alunos.

Frisamos que os professores possuem autonomia para o desenvolvimento do material, bem como para construir em conjunto com os alunos o conhecimento das maneiras que lhes forem mais benéficas. De acordo com o exposto, se por ventura, outro professor desejar utilizar esse material, ele tem liberdade para realizar mudanças e adaptações no mesmo, de forma que facilite o processo de aprendizagem dos seus alunos.

#### **5.4- Objetivo**

O intuito do livreto *O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL* é ser um material de apoio para ser usado especialmente nas aulas de Geografia.

O material que aborda vinculado à festa, conceitos geográficos e cultura é uma alternativa complementar para revisar ou introduzir as categorias de análises bases da Geografia, bem como tratar de um aspecto cultural brasileiro, a festa de Carnaval.

A análise disposta no livreto permite pensar a festa de Carnaval e seus usos do Espaço em escala nacional e local, para tanto, informamos sobre a festa em Ponte Nova. Tal fato, pensamos ser importante, pois os alunos tendem a se sentir mais próximos do conteúdo de estudo. Devemos com frequência demonstrar aos educandos que o seu espaço de vivência faz parte da disciplina geográfica.

Pensamos que os alunos em alguns momentos sentem dificuldade de compreender os assuntos e conceitos trabalhados nas disciplinas por não sentirem que se relacionam com o seu espaço de vivência, e por isso, acreditamos que o material paradidático possa ser uma estratégia de ensinar Geografia atraindo mais a atenção e interesse dos alunos.

Os livros didáticos por serem produzidos para usos em escolas de diferentes municípios, não mencionam as particularidades dos locais em que serão usados, dessa forma, o livreto pode ser uma alternativa para suprir o déficit de informações da localidade dos alunos.

Acreditamos que por trazer Ponte Nova vinculada ao ensino de Geografia, as discussões propostas em sala sejam mais participativas, de forma que os alunos fiquem mais

propícios a contarem suas experiências pessoais relacionadas às festas, e que isso contribua para associar as festas com os conceitos e temas trabalhados. Dessa forma, buscamos que o livreto auxilie na construção de um processo de ensino-aprendizagem participativo, em que os educandos não se sintam alheios aos conteúdos estudados.

Cabe destacar, que o livreto não se trata de uma cartilha para ser seguida com rigor, nem tão pouco, o consideramos como único material para ensinar Geografia. Objetivamos que o livreto instigue o professor a aprofundar os temas e a inserir também novas discussões a partir dele, levando em conta, as necessidades dos alunos.

Acreditamos que o conhecimento é construído em conjunto e não pode ser à parte da realidade dos alunos. Esperamos que o livreto ajude o educador, por ser mais um instrumento a ser inserido nas aulas, auxiliando nas suas explicações e exemplificações e também auxilie o educando, por trazer o ensino da Geografia mais perto do seu Espaço no mundo, fazendo-o se sentir parte da disciplina,

## **5.5- Metodologia e Justificativa**

Partindo do pressuposto de que o material possa ser utilizado em diferentes turmas e de escolas distintas, entendemos que os atores do processo educativo são diversos. Cada sala de aula apresenta suas particularidades, sendo assim, apresentamos o livreto como um material sem uma metodologia definida. A construção metodológica fica a critério do professor.

Acreditamos que o professor possui autonomia para definir seu uso. O material pode ser usado em etapas de ensino distintas e em momentos diversos do ano letivo, dessa maneira, o livreto pode ser trabalhado tanto em sequência, quanto de forma intercalada. Cabe ao professor, com seu conhecimento da dinâmica da sua sala de aula definir a forma como o material será mais bem aproveitado dentro de suas abordagens.

Ainda assim, realizamos algumas sugestões de momentos em que o livreto possa ser inserido no contexto das aulas de Geografia, tais como:

- Início do ano letivo, no momento de revisar ou apresentar alguns conceitos indispensáveis para a Geografia, como Espaço Geográfico (objeto de estudo), Paisagem e Território.
- Ao estudar sobre população brasileira. Esse tema é abordado de forma mais enfática no 7º ano, no decorrer do primeiro semestre. O professor ao ministrar as aulas pode fazer a relação

entre a diáspora negra e a miscigenação que ocorreu no Brasil, utilizando o livreto, sobretudo quando esse material aborda as contribuições africanas no samba.

- Em proximidade do dia 13 de maio, data que oficialmente coloca fim ao regime de escravidão no Brasil. O material feito possibilita discutir formas de resistência negra, como por exemplo, por meio das suas práticas culturais.

- Na Semana da Consciência Negra. Em consonância com o dia 20 de novembro a escola como espaço de saberes que se estendem aos escolares - espaço humanizador, deve ao falar da história do negro não reduzi-la aos sofrimentos, ao contrário disso, deve mostrar suas táticas de contestação. As práticas desenvolvidas no ambiente escolar devem destacar o corpo negro que se manifestava em oposição à opressão, por exemplo, por intervenção das danças e das músicas, tal fato, pode ser exemplificado por meio do samba, cuja abordagem se faz presente no material paradidático proposto.

- Semana do aniversário do município (30 de outubro), pode-se utilizar o livreto para apresentar uma manifestação cultural local que é o Carnaval, que conforme concluímos por intermédio das pesquisas, é uma festa tradicional do município, tendo sido encontrado relatos em jornais de tal festa em 1906.

Acreditamos que o livreto seja um mecanismo que possibilita a abordagem geográfica, tanto atrelada aos conceitos fundamentais da Geografia (que se fazem presentes em toda a estrutura de ensino dessa disciplina), como também relacionada à formação da população brasileira. Sugerimos que seja discutido em sala de aula sobre a diáspora negra para o Brasil e a formação da cultura brasileira com as influências negras.

Ao abordar sobre o processo de constituição populacional do Brasil, acreditamos ser possível colocar em prática a Lei 10.639/2003. Essa lei é um instrumento para se combater o racismo no âmbito das escolas, no entanto, acreditamos que vá além, pois uma vez debatido e pensado os preconceitos relacionados à população negra, a postura contra os preconceitos e as desmitificações que envolvem a cultura negra ultrapassam os muros das instituições escolares, gerando uma educação que possibilita a prática da cidadania. Sobre a Lei:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'<sup>225</sup>."

A Lei que entrou em vigor em janeiro de 2003 desempenha um importante papel "A Lei reposiciona o negro e as relações raciais na educação- transformando em denúncia e problematização o que é silenciado<sup>226</sup>", por meio dela emergem discussões sobre a inserção do negro na sociedade, preconceito racial e resistência negra. A Lei se configura como um importante instrumento para desfazer olhares estereotipados sobre a escravidão e a pensar como o racismo está estruturado na sociedade.

Apesar de a Lei mencionar que deve ser trabalhada especialmente nas áreas de Educação Artística, Literatura e História, ela pode e deve ser inserida em outras disciplinas, como a Geografia, que ao estudar os acontecimentos que se engendraram e engendram no Espaço Geográfico e a temática da população brasileira, deve almejar uma educação que promova e estimule a igualdade racial.

No entanto como apontado por Renato Emerson dos Santos "Existir a Lei não garante uma educação anti-racista. Isso é uma construção no campo das "práticas" curriculares concretas<sup>227</sup>", dessa forma, o professor deve atuar de forma a buscar uma educação atuante socialmente, o livreto *O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL*, pode ser mais um apoio para que essa educação anti-racista se desenvolva.

## 5.6- O livreto paradidático e o ensino

Como exposto, o material paradidático proposto possui uma relação mais estreita com a disciplina geográfica. Helena Copetti Callai<sup>228</sup> discute a importância da Geografia para que consigamos fazer a leitura do mundo, tal leitura vai além do viés cartográfico. Essa

<sup>225</sup> BRASIL. Decreto-Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Presidência Da República- Casa Civil- Subchefia Para Assuntos Jurídicos.

<sup>226</sup> SANTOS, Renato Emerson dos. *A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo uma Agenda de Pesquisa-Ação*. Revista Tamoios, vol.7, nº1, 2011, p.5.

<sup>227</sup> SANTOS, Renato Emerson dos. *Op. Cit.* 2011, p. 8.

<sup>228</sup> CALLAI, Helena Copetti. *Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005, p. 228.

interpretação compreende a vida construída cotidianamente, com os aspectos naturais e humanizados (sociais, políticos, econômicos e culturais).

A compreensão de mundo propiciada pela Geografia nos permite refletir sobre as Paisagens que possuem a importância de ser o resultado da vida em sociedade, por isso, o entendimento desse conceito é fundamental nos estudos geográficos e se faz presente por todo o percurso da Geografia Escolar.

Sobre a ciência geográfica “... se dedica a compreender a espacialidade dos fenômenos, elegendo como categoria principal de análise o espaço geográfico, produto histórico e social, além de outras também consideradas elementares, como lugar, território e paisagem<sup>229</sup>”, o livreto propõe o estudo da Paisagem e Território, mas também o entendimento do Espaço Geográfico aliado às festas, especialmente de Carnaval que é conhecido por toda (ou quase toda) população brasileira.

De acordo com Lana S. Cavalcanti<sup>230</sup> há preocupação por parte dos professores de Geografia em desenvolver métodos que despertem o interesse da turma, para tanto, uma estratégia utilizada é de aproximar os temas da disciplina ao cotidiano dos educandos. Considerar o saber dos alunos e suas representações é uma boa metodologia de ensino, sendo assim, “É preciso considerar os conhecimentos e a experiência que esses alunos trazem do seu cotidiano para serem confrontados com o saber geográfico mais sistematizado<sup>231</sup>”.

O livreto pode ser uma tática que auxilie o ensino, pois compreendemos haver importância no processo educacional, relacionar a realidade dos alunos aos temas trabalhados. Ao falar dos conceitos articulados a festas, algo os alunos já experimentaram, é uma estratégia de aproximação, uma tentativa de estimular o interesse pelo conteúdo geográfico. É importante inserir nas discussões abordagens de lugares próximos aos alunos, o livreto faz essa função, pois coloca Ponte Nova nas aulas “... dessa forma, o aluno não se sente distante das dinâmicas espaciais, e percebe que o ensino de Geografia se vincula a seu espaço de vivência<sup>232</sup>”.

Além disso, essa metodologia estimula o debate e a construção conjunta do conhecimento, já que os alunos com suas experiências contribuem com suas percepções de festa praticadas no Espaço Geográfico, destacando assim, o educando como um sujeito ativo na construção do conhecimento. O aluno não é visto como sujeito passivo, que apenas recebe

---

<sup>229</sup> CAVALCANTI, Lana de Souza. **A GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: AVANÇOS, CAMINHOS, ALTERNATIVAS**. Universidade Federal de Goiás. Anais Do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010, p 5.

<sup>230</sup> **Ibidem**. P. 2.

<sup>231</sup> CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e Práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa. 2002, p. 78.

<sup>232</sup> CAVALCANTI, Lana de Souza. **Op. Cit.** 2010, p. 6.

o conhecimento e sim como alguém que carrega vários saberes, o intuito é alcançar uma aprendizagem com a participação do educando.

A Geografia Escolar, como aponta Lana S. Cavalcanti têm inserido propostas de ensino-aprendizagem que tem buscado serem desenvolvidas de maneira crítica, criativa e questionadora<sup>233</sup>. Essa metodologia de ensino é importante por trazer um olhar que indaga, contesta e argumenta temáticas que muitas vezes nos são expostas com narrativas limitadas, como por exemplo, a trajetória da população negra, especialmente no período da escravidão.

A abordagem sobre a população negra deve ter o cuidado de não reduzir a história desse povo às mazelas advindas da escravidão. Não devemos deixar de abominar a escravidão, no entanto, reduzir a história do negro a esse cruel acontecimento que se fez presente por séculos é minimizar a trajetória da população negra.

Mais importante é mostrar as formas de resistência do povo negro, pois essa resistência representa muito mais o que é ser negro do que o sofrimento. Nilma L. Gomes<sup>234</sup> nos mostra que a população negra, mesmo no contexto da escravidão, criou táticas de se rebelar contra o sistema opressor e de manifestar sua resistência e busca pela liberdade. A autora apresenta o corpo negro como contestador, que expressava por meio das danças, cultos, penteados, capoeira, etc. sua insubmissão à realidade que forçadamente quiseram lhes impor.

É papel da escola não reduzir o corpo negro aos açoites, pois isso é dar glória para aqueles que os escravizaram, cabe à escola mostrar o negro contestador, que criou táticas de resistência. Para tanto, apresentamos no livreto um exemplo de resistência negra que é o samba, sendo representado por meio das Escolas de Samba, que inclusive se fizeram presente em Ponte Nova.

No ambiente escolar existem sujeitos diversos e todos eles devem se sentir acolhidos e aceitos. Apesar do nosso país se mostrar como uma democracia racial, na prática não é bem assim, esse discurso camufla o real tratamento dado à população negra<sup>235</sup>. Não devemos negar o preconceito racial, pois uma vez negado, ele não é combatido. Temos que assumir o problema, pois somente dessa forma, poderemos trabalhar em sua solução.

---

<sup>233</sup>CAVALCANTI, Lana de Souza. “GEOGRAFIA DO ALUNO” COMO REFERÊNCIA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO CONSTRUÍDO EM SALA DE AULA. In: O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 45.

<sup>234</sup>GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de educação, 2002. P. 42.

<sup>235</sup>NASCIMENTO, Antônia Eunice de Jesus. **Educação e Preconceito Racial no Brasil: Discriminação no Ambiente Escolar**. 5º E.P.E.A.L, disponível em < <https://docplayer.com.br/1043966-Educacao-e-preconceito-racial-no-brasil-discriminacao-no-ambiente-escolar.html>> acesso em 30 de julho de 2019. P. 3.

Os preconceitos estão tão enraizados no nosso país que algumas vezes utilizamos falas racistas sem percebê-las, é função também da escola fazer o questionamento de nossas expressões diárias que propagam o preconceito. A educação serve para nos auxiliar em nossa formação pessoal e a nos estimular a sermos pessoas críticas capazes de repensar nossos atos e corrigir nossas falhas.

“ A educação das relações étnico-raciais tem por alvo a formação de cidadãos, mulheres e homens empenhados em promover condições de igualdade no exercício de direitos sociais, políticos, econômicos, dos direitos de ser, viver, pensar próprios aos diferentes pertencimentos étnico-raciais e sociais. Em outras palavras, persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinamentos em que se efetive participação no espaço público<sup>236</sup>”.

Infelizmente o ambiente escolar não está alheio aos preconceitos, mas por ser um espaço de formação dos indivíduos deve combater as discriminações de qualquer circunstância. Quando dizemos que a educação é para todos, significa que todos têm que se sentir acolhidos pelo processo educativo, esse acolhimento não se faz possível quando um é inferiorizado. Nilma Lino Gomes coloca que a escola é formadora de saberes escolares, mas também sociais e culturais, dessa forma é espaço de compartilhamento de saberes matemáticos, geográficos, históricos, etc., mas também de valores e crenças<sup>237</sup>.

De acordo com a perspectiva de Nilma L. Gomes<sup>238</sup>, um dos caminhos para ampliar o estudo de questões raciais na escola, é por meio de um olhar que considere a educação como um processo de humanização, que inclua e incorpore os processos educativos não escolares. A escola e o processo educativo deve levar em consideração a bagagem cultural do aluno, uma vez que a cultura influencia no desempenho escolar dos educandos. A inserção dos valores e crenças dos alunos nas abordagens é uma forma de valorizá-los e de aproximá-los ao ambiente escolar, pois é importante que se sintam parte desse contexto.

Pensamos que uma das melhores formas de combater o preconceito e aumentar a estima dos alunos negros é por intermédio da valorização. Devemos reconhecer a importância dos africanos e de seus descendentes para a configuração do nosso país em diferentes campos.

---

<sup>236</sup> SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. **Aprender, Ensinar e Relações Étnico-Raciais no Brasil**. Educação, Porto Alegre, ano XXX, nº3 (63), 2007, p. 12 e13.

<sup>237</sup> GOMES, Nilma Lino. **Op. Cit.** 2002. P. 40.

<sup>238</sup> **Ibidem**, p. 40.

## **5.7- Conexões: dissertação e o livreto paradidático**

O livro relaciona-se com a dissertação apresentada, já que um dos assuntos abordados no material proposto é o Carnaval e a dissertação possui o mesmo tema como objeto de estudo. Conforme exposto, durante a apresentação e abordagens elaboradas no trabalho *TEMPO DE FOLIA: UM ESTUDO DO CARNAVAL EM PONTE NOVA- MG NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX*, realizamos um estudo do Carnaval em Ponte Nova MG durante a primeira metade do século XX, destacando a participação da população negra nessa modalidade de festa.

Dentre os conteúdos pesquisados e discutidos na pesquisa de dissertação e que também se encontram no livreto, está a alteração da Territorialidade do espaço público, já que em determinado momento, durante o Carnaval de rua, as avenidas adquirem outro fim, são ocupadas por sujeitos que em outros períodos cotidianos são apenas passantes do Espaço; a mudança do poder pelo Território, locais nobres da cidade que são geralmente ocupados por pessoas com melhores condições financeiras, tornam-se o Território popular no decorrer das festas; a Paisagem efêmera da festa, produzida no momento festivo, com demarcação de início e fim, formada pelas características físicas e acrescentadas à elas, os elementos invisíveis, como sons, cheiros característicos e as relações sociais estabelecidas no espaço festivo, como de amizade e solidariedade na preparação da festa.

Percebemos assim, a existência de conexões entre o livreto e o trabalho de pesquisa, pois, no livreto abordamos festas, conceitos geográficos Paisagem e Território/Territorialidade compreendidos de forma articulada com o Carnaval. Além disso, pelo livreto, levantamos um assunto muito tocado no desenvolvimento na dissertação, que é a participação da população negra na festa de Carnaval e a sua relação com as Escolas de Samba.

## **5.8- Além da universidade: a dissertação e a sociedade**

O Programa de pós-graduação Patrimônio Cultural Paisagens e Cidadania, apresenta como requisito para a obtenção do título de mestre, a elaboração de um produto que esteja vinculado ao trabalho de pesquisa desenvolvido durante o mestrado e que seja pensado para ser útil para a sociedade.

Dessa forma, optamos em elaborar um material paradidático para auxiliar as práticas educativas especialmente da disciplina Geografia, apesar de poder ser trabalhado de forma interdisciplinar vinculando a Geografia à outras disciplinas, por exemplo, História ou Arte.

É muito importante o papel de pesquisa desempenhado pelas Universidades, mas quando os resultados dessas pesquisas atingem diretamente a sociedade ele se torna ainda mais valoroso e útil. Pensando nisso, acreditamos que um material de apoio ao processo de ensino-aprendizagem seria significativo pela sua abrangência e por fazer parte de um momento tão decisivo na vida de qualquer pessoa, que é a vivência escolar.

As abordagens e sugestões de temáticas contidas no livreto podem contribuir para a construção de um processo de ensino crítico e participativo, pois, consideramos ser importante que os alunos participem ativamente do processo de aprendizagem, inserindo nas discussões suas experiências de vida. A temática, por envolver uma modalidade de festa, algo vivido por praticamente todos, aproxima os educandos da abordagem, permitindo que se sintam inseridos na discussão, dessa forma, mais a vontade para fazer os seus questionamentos e apresentarem suas experiências de vida, realizando a associação delas com o conteúdo construído em sala.

Partimos do pressuposto que o conhecimento deve ser discutido e multiplicado, então, a proposta do livreto é de ser multiplicadora de conhecimento, não apenas dos que foram apresentados no material, mas também daqueles que são construídos entre alunos e professores no momento de utilização do material.

Com o intuito de que o livreto fosse abrangente, criamos uma proposta flexível, que pode ser aplicada em diferentes escolas e com as devidas mudanças, também pode ser aplicada em diferentes municípios. Além disso, sugerimos o 7º ano como série a ser trabalhado, mas não é uma regra, pois a linguagem apresentada no material é simples, de fácil entendimento por parte dos alunos de diferentes etapas do ensino fundamental II ou ensino médio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme evidenciado na descrição que apresentamos sobre o livreto, trata-se de uma proposta que possui como pilar a pesquisa realizada no decorrer da produção dessa dissertação. A proposta do livreto é uma alternativa para além de trabalhar o objeto de estudo da Geografia, o Espaço Geográfico, também apresentar ou aprofundar outros conceitos que fazem parte da Geografia Escolar por todo seu percurso, que são a Paisagem e o Território, nesse último, também destacando a Territorialidade adquirida no Espaço.

É importante compreender o Espaço Geográfico, bem como Paisagem e Território, pois por meio deles podemos questionar as relações entre a sociedade e a natureza, elencando temas como apropriação do espaço, segregação espacial, culturas, preconceitos, formas de resistências, identidades, etc.

Além disso, acreditamos que o material será útil para auxiliar na construção em sala de assuntos que fazem parte do currículo escolar de Geografia, como população brasileira, trazendo um olhar que mostre os negros não na condição de sujeitos inferiorizados, mas atuantes na construção e desenvolvimento de sua cultura.

No livreto apresentamos o Carnaval em sua forma mais conhecida na atualidade, que são as Escolas de Samba, optamos por trazer essa nuance da festa carnavalesca, pois é atual, e pensamos que os alunos possuem maior conhecimento sobre ela. As Escolas de Samba também são manifestações carnavalescas de muita identificação com a população negra, essa população realizou um longo percurso até ter sua cultura musical reconhecida e ocupar a centralidade na festa de Carnaval.

Ressaltamos que a inserção do material aqui exposto, pode contribuir para que a Lei 10.639/2003 seja colocada em prática, e dessa forma, que se estabeleça uma educação em que os negros tenham notoriedade e sejam apresentados aos alunos como sujeitos atuantes na História do Brasil, bem como na localidade de estudo.

A realização de uma abordagem em escala local, também foi planejada com o intuito de que os educandos se sintam mais envolvidos pela temática e assim atuem de forma mais participativa no processo de ensino aprendizagem. Frisamos que consideramos os alunos agentes ativos no processo de construção do conhecimento, os saberes dos estudantes também devem ser inseridos nas aulas, o professor deve propiciar a mediação desses conhecimentos de forma a engrandecer o ensino e instigar a participação cada vez maior dos estudantes. O trabalho pode ser também considerado uma estratégia para que os alunos conheçam mais a cultura local e se sintam motivados a saber e fazer parte dela.

## **FONTES:**

### Jornais

A Alvorada. Ponte Nova, 23 de novembro de 1903, ano II, nº 66. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 25 de janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

A Notícia. Ponte Nova, 02 de fevereiro de 1919, ano I, nº 43. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 31 de agosto de 1919, ano II, nº 69. Disponível em Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 25 de janeiro de 1922, ano V, nº 43. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1922, ano IV, nº 4. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 08 de fevereiro de 1923, ano V, nº 44. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 08 de fevereiro de 1923, ano V, nº 44. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 02 de fevereiro de 1928, ano VI, nº 157. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 16 de fevereiro de 1928, ano VI, nº 167. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 13 de janeiro de 1929, ano VII, nº 97. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 10 de fevereiro de 1929, ano VII, nº 300. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Correio da Semana. Ponte Nova, 29 de dezembro de 1918, ano IV, nº 191. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 09 de fevereiro de 1919, ano IV, nº 197. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 10 de fevereiro de 1924, ano XIV, nº 155. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 24 de fevereiro de 1924, ano XIV, nº 157. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 02 de março de 1924, ano XIV, nº 158. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 15 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 200. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 22 de fevereiro de 1925, ano XV, nº 201. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Gazeta da Mata. Ponte Nova, 05 de fevereiro de 1930, ano I, nº 46. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 01 de março de 1953, ano II, nº 65. Disponível na Biblioteca Pública de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 07 de fevereiro de 1954, ano III, nº 106. Disponível na Biblioteca Pública de Ponte Nova.

Gazeta de Ponte Nova. Ponte Nova, 27 de fevereiro de 1938, ano XIII, nº 334. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

Jornal do Povo. Ponte Nova, 10 de março de 1946, ano XIII, nº765. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1947, ano XIV, nº814. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 11 de fevereiro de 1948, ano XV, nº859. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

\_\_\_\_\_. Ponte Nova, 19 de fevereiro de 1950, ano XVI, nº 964. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

O Piranga, Ponte Nova 22 de fevereiro de 1914, ano XII, nº 563. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

#### Documento

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdos Básicos Comuns (CBC)** – Geografia ensinos fundamental e médio.

#### Decreto/Lei

BRASIL. **Decreto-Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Presidência Da República- Casa Civil- Subchefia Para Assuntos Jurídicos**

Códigos de posturas municipais 1896- 1897. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

#### Sites

A história de Ponte Nova- Galeria de Fotos. Disponível em  
<<http://www.pontenet.com.br/pontenova/wp/022.jpg>>, acesso em 03 de julho de 2019.

**CENTRO CULTURAL CARTOLA. Dossiê das Matrizes do samba no Rio de Janeiro-partido-alto, samba de terreiro samba-enredo.** Supervisão e financiamento: IPHAN/MinC, Apoio: Fundação Cultural Palmares

Desvendando a Umbanda. Disponível em  
<<http://desvendandoaumbanda.blogspot.com/2008/08/glossrio.html>>, acesso em 11 de julho de 2019.

Galeria de Governadores- Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Disponível em  
<<https://www.mg.gov.br/governador/antonio-carlos-ribeiro-de-andrada>> acesso em 02 de julho de 2019.

#### Música

EMICIDA. **AmarElo.** Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em <  
<http://www.emicida.com.br/>> acesso em 09 de julho de 2019.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Martha. **Festas Religiosas no Rio de Janeiro: Perspectivas de controle e tolerância no século XIX**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, nº14, 1994, p. 183 – 203.

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a Memória das Cidades**. In: Revista da Faculdade de Letras- Geografia I série, Vol. XIV, Porto, 1998.

ALOCCA, Rodson de Andrade. **Análise do campo térmico na área urbana de Ponte Nova, Minas Gerais**. Universidade Federal do Espírito Santo. BIOCLIMA-UFV, 2018.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira – Significados do festejar no país que “não é sério”**. São Paulo: Editora da USP. 1998.

ARAUJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/ UFMG; Fapemig; FCC, 2008.

BATISTA, Cláudio Magalhães. **Carnaval e turismo em Caravelas- BA**. Ilhéus- Bahia, 2007.

BERQUE, Augustin. **Paisagem Marca, Paisagem Matriz: elementos da problemática para geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.) Paisagens, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1988.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades**. Espaço e Cultura, UERJ, número 23, p.7-18, Rio de Janeiro, Janeiro/ Junho de 2008.

BRASIL, Eric. **Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, Carnaval e Abolição (Rio de Janeiro, Década de 1880)**. Revista Afro- Ásia, 2014.

CABRAL, Luiz Otávio. **A paisagem enquanto fenômeno vivido**. Geosul, Florianópolis, v.5, jul./dez 2000.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional**. Tradução: Mauricio Santana Dias. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 23, 1994.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: AVANÇOS, CAMINHOS, ALTERNATIVAS**. Universidade Federal de Goiás. Anais Do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa. 2002.

\_\_\_\_\_. **“GEOGRAFIA DO ALUNO” COMO REFERÊNCIA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO CONSTRUÍDO EM SALA DE AULA.** In: O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. **Paisagem.** In: Enciclopédia Einaudi. V.8. Lisboa: Imprensa Nacional.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas.** In: CORREA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (org.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DIAS, Ana Luiza, Fernandes de Oliveira. **Terra, Trabalho, Parentela e Fé: Uma abordagem sobre o espaço social e a herança afro-descendente na comunidade rural de Nogueira, Ponte Nova, MG.** Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2007.

DUTRA, Anésio Pereira. **Ranchos: estilo e época. Contribuição ao estudo dos ranchos no carnaval carioca.** Pesquisa coordenada por Neusa Fernandes. Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Ciência e Cultura, INEPAC/ Coordenação Editorial, 1985.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações.** Tradução de L.F. Raposo Fontenelle. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

FARIA, Glauciane da Conceição dos Santos. **Tradição e Memória: Um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova- MG.** Faculdade de letras-Universidade Federal de Minas Gerais/ Belo Horizonte, 2017.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados.** Coleção Memória Carioca, volume 3, Rio de Janeiro, 2001, p.15.

FERREIRA, Luiz Felipe. **O lugar festivo- a festa como essência espaço-temporal do lugar.** UERJ- Rio de Janeiro, 2003.

FERRO, Xose Ramón Mariño. **O Entroido ou Os Praceres da Carne.** Primeira Edição: Sada, Corunha, 2000.

FIGUEIREDO, Vanessa Gayego Bello. **O Patrimônio e as Paisagens: novos conceitos para velhas concepções?** Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/88124/91004> > acesso em 25 de setembro de 2017.

FILHO, Hilário Figueiredo Pereira. **Glórias, conquistas, perdas e disputas: as muitas máscaras dos carnavais de rua em Belo Horizonte (1899-1936).** Departamento de História, UFMG, 2006.

FREIRE, Jonis. **A inserção dos africanos na Zona da Mata – Minas Gerais, século XIX.** Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano III, nº6, Dezembro/2010.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?.** Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de educação, 2002.

GUIMARÃES, Elione Silva. **Escravos e libertos da Zona da Mata Mineira: a luta pela liberdade aos primeiros anos do pós-emancipação (1870-1900).** Revista Científica da FAMINAS, vol.1, nº2, 2005

HALL, Stuart. **A identidade em questão** in: Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

\_\_\_\_\_ **A questão Multicultural** in: Da diáspora- identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

JÚNIOR, Edivaldo Góis; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Descontinuidades e continuidades no movimento higienista no Brasil do século XX.** Revista Bras. Cienc. Esporte, Campinas, 2003.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. **Natureza e participação social: uma nova estética para o desenho urbano.** In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1997.

MARCÍLIO, Carla Crevelanti. **Chiquinha Gonzaga e o Maxixe.** Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2009.

MARCONDES, Renato Leite. **Estrutura da posse de cativos no Paraná e em Minas Gerais (1872-1875).** XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu-MG. Setembro/ 2004.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MARTINS, Maria do Carmo Salazar; LIMA, Maurício Antônio de Castro; SILVA, Helenice Carvalho Cruz da. **População de Minas Gerais na segunda metade do séc. XIX: Novas Evidências.** X Seminário Sobre Economia Mineira. Diamantina, 2002.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A paisagem como fato cultural.** In: YÁZIGI, Eduardo (org.). Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, 2002.

MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues. **Paisagens Culturais do Povo Kalunga do Engenho II em Cavalcante, Goiás: Cotidiano E Festas.** Universidade Federal de Goiás, Instituto dos Estudos Socioambientais, 2013.

NASCIMENTO, Antônia Eunice de Jesus. **Educação e Preconceito Racial no Brasil: Discriminação no Ambiente Escolar**. 5º E.P.E.A.L, disponível em < <https://docplayer.com.br/1043966-Educacao-e-preconceito-racial-no-brasil-discriminacao-no-ambiente-escolar.html>> acesso em 30 de julho de 2019.

NEVES, Kellen Cristina Marçal de Castro. **Cinema: A modernidade e suas formas de entretenimento**. Fênix- Revista de História e Estudos Culturais, vol. 3, ano III, nº4. 2006.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História- A problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Houry, Projeto história -São Paulo, 1993.

ORTIZ, Renato. **Imagens do Brasil**. Revista Sociedade e Estado, volume 28, nº3, Setembro/Dezembro de 2013.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. 2ª edição, rev.- Campinas, S. P: Editora UNICAMP, 2004.

PEREIRA, Wagner Candian. **“Fraternidade Ubaense” e as Paisagens Sonoras de um Interior Mineiro: a Música e a Trajetória do Maestro João Ernesto (1873- 1914)**. UFV- Viçosa/ Minas Gerais, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos , Rio de Janeiro, vol.2, nº3, p. 3-15, 1989

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Editora Ática S.A., São Paulo. 1993.

RANGEL, Maitê dos Santos. **Entre Cordões e Batucadas: Festas de Momo, Urbanização e Ideias de Modernidade em Santo Antônio de Jesus (1930-1950)**. UNEB- Bahia, 2010.

RODRIGUES, João Jorge. **É preciso pensar o carnaval no âmbito da cidade**. In: LIMA, Paulo Costa (Coordenador). Seminários de Carnaval. Universidade Federal da Bahia, Salvador- Bahia, 1999.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 3ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: Construindo uma Agenda de Pesquisa-Ação. **Revista Tamoios, vol.7, nº1, 2011**.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. R. RA’EGA, Curitiba, n 7, Editora UFPR, 2003.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra- o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHEIKK, Luciano. **A História da Literatura em Ponte Nova**. Academia de Letras, Ciências e Artes de Ponte Nova-ALEPON, 1ª edição, 2013.

SILVA, Camila Pelinsari. **Estruturas fundiárias e agrárias em Ponte Nova: 1855-1888**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013.

SILVA, Petrolina Beatriz Gonçalves e. **Aprender, Ensinar e Relações Étnico-Raciais no Brasil**. Educação, Porto Alegre, ano XXX, nº3 (63), 2007.

SILVA, Thiago Rocha Ferreira da. **Eu quero é botar meu bloco na rua: A construção de uma cidadania da festa no carnaval de rua do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2013.

SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. **São Paulo e a política higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade**. Sociologias, Porto Alegre, ano 15, nº32, 2013.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas**. Rio de Janeiro: Editora fundação Getúlio Vargas, 1998.

VALVERDE, Rodrigo R.H.F.. **Por uma perspectiva geográfica dos espaços públicos: Repensando a espacialidade da dimensão social**. Revista Espaço e Cultura, UERJ, RJ, Nº 22, Jan/Dez de 2007.

VIDAL, Janice Estarlino. **O território do samba em Ponte Nova-MG: Marca da resistência de um passado escravocrata**. Universidade Federal de Viçosa- MG, 2016.

## ANEXO 1- Entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTAS 1	
Informações Gerais:	
Entrevistador (a): Janice Estarlino Vidal	
Nome entrevistado (a): Paulo César Gali	
Idade: 79	Endereço: Palmeiras
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando o sr. (sra) veio morar aqui no bairro?</li> </ul> <p>Moro desde que nasci</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual é a relação do senhor com as Escolas de Samba?</li> </ul> <p>Eu presidi a Escola de Samba do Bairro de Fátima, a Academia de Samba do Bairro de Fátima em 1976, 1977 e 1978, e depois continuei como carnavalesco até 1980, que foi quando acabou a fase de Escolas de Samba. Depois eu participei assim: dando uma ajuda, mas não assumi.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como era em relação aos recursos financeiros para a organização dos desfiles?</li> </ul> <p>Recursos de promoções e doações.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Havia ajuda da comunidade para a organização dos desfiles?</li> </ul> <p>Sim, a Escola de Samba do Bairro de Fátima era muito querida do povo, nós desfilávamos contando com uma torcida futebolística, coisa de louco. E eramos cobrados também: “Ah ano que vem vai ter?” “Ah eu quero sair”. Embora a gente não tinha muito recurso para fazer, a gente fazia, porque o povo queria</p> <p>A minha casa se tornava um verdadeiro barracão, minha mãe abria a porta. As costureiras iam para o quintal à fora, quando começa a chover entravam com as máquinas. Uma luta gloriosa e de amor também.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como surgiu o interesse do senhor pelo Carnaval?</li> </ul> <p>O surgimento foi uma coisa engraçada, eu resolvi de uma hora para outra. Eu participei da Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima em 1975 como integrante e fiquei muito entusiasmado com isso, de estar no meio do povão desfilando.</p>	

Aí falei para minha mãe que ia fazer uma Escola para mim, e trabalhei quase o ano inteiro e presidi a Escola de Samba Academia de Samba do Bairro de Fátima em 76, e tivemos a vitória com um enredo sobre a Bahia, foi um sucesso em Ponte Nova, estourou mesmo, a voz do povo que gritou: Campeã!

E eu fiquei com esse título de campeão até hoje, sem fazer valer a vaidade, porque tudo acaba, mas a gente lembra com saudade, uma coisa gostosa que deve ser lembrada, de todo carnaval eu sinto saudade. Eu vou vivendo de lembranças.

Guardo fotos, tenho letras de samba enredo da Escola do período de quatro anos. Guardo o troféu de campeã e também outros de 2º e 3º lugar.

- O senhor que é morador de Palmeiras tinha relação com a comunidade do bairro de Fátima?

Ah tinha amizade, muita...só que a maioria já se foi. Tinha uma baiana famosa, Maria Eugênia, essa aí era fanática.

- Porque o senhor optou por presidir Academia de Samba do bairro de Fátima e não uma Escola de Palmeiras?

Eu quis dar continuidade ao carnaval de lá, os sambistas do morro, temos que tirar o chapéu, iguais a eles difícil. E naquele tempo, a sociedade não gostava de participar muito, hoje o carnaval no caso do Rio de Janeiro chama-se luxo, mas naquele tempo e aqui em Ponte Nova não.

Mas quando eu assumi a Academia, outras pessoas de Palmeiras também se envolveram, quiseram participar, mas sem ala especial.

- O Sr. Considera importante a festa de Carnaval?

Muito, porque é uma festa popular que mobiliza todo o país e tem aceitação geral. Posso te contar uma coisa: Quando passava o carnaval, quarta feira de cinzas, eu ficava deprimido, porque os colegas, os amigos, cada um procurava seu canto, o que fazer. Fazer aquele Bloco, pensar na guerra, aquilo mantinha a gente unido...então quando acabava o Carnaval havia a dispersão.

É o amor a obra, ao acontecimento.

- Porque o senhor acha que não tem mais Escolas de Samba?

A política interferiu muito.

- Onde eram os locais de ensaio?

<p>Na rua. Naquele período não tinha muita dificuldade de ensaiar na rua, porque nem tinha trânsito, a comunidade do bairro de Fátima não tinha nem ônibus que atendesse. Era luta, Escola para sobreviver naquela época lutou.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor também participava do Carnaval de clubes?</li> </ul> <p>Gostava, decorei o Pontenovense por uns 6 anos ou mais, eu fui o decorador oficial do Ponte-novense.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual foi a festa de Carnaval que marcou o senhor?</li> </ul> <p>Foi em 76. Foi o ano que ganhei o Carnaval e o que motivou a seguir em frente. O sabor da vitória é muito gostoso.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor se recorda de outras Escolas de Samba desse período?</li> </ul> <p>Tinha a Unidos da Vila, da Vila Oliveira</p> <p>Tinha a da Vila Alvarenga...</p>

ROTEIRO DE ENTREVISTAS 2-
<p>Informações Gerais:</p>
<p>Entrevistador (a): Janice Estarlino Vidal</p>
<p>Nome entrevistado (a): Carlos Pinto da Paixão</p>
<p>Idade: 54 anos</p> <p>Endereço: Bairro Nossa Senhora de Fátima</p> <p>Tempo de residência no Bairro é: Vida toda, nascido e criado no Sapé.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor poderia me contar um pouco da história que você conhece do seu bairro?</li> </ul> <p>O bairro é o ponto principal da região do Sapé.</p> <p>- Poderia me explicar o que é o Sapé? Esse nome se refere apenas ao bairro de Fátima?</p> <p>O Sapé tem o bairro de Fátima como bairro mãe dessa Região aqui, tem o bairro de Fátima e depois o Palmeirense, porque o Bairro de Fátima abrangia tudo, em 79, após a enchente, aí foi criado o bairro São Pedro com o pessoal desabrigado, aí agregou, ficou bem agregado tudo, aí ligou. O Bairro de Fátima com o Palmeirense já era ligado, aí já começou a ligar a outra parte lá, que era ...depois veio o Novo Horizonte, que antigamente era pasto, e depois a Cidade Nova. O sapé na realidade abrange os os</p>

bairros todos, o sapé não tem fronteira não.

É...depois vieram as divisões para marco de mandato de prefeito, aí que foram criando outros bairros.

Sapé não é só o bairro de Fátima, o Bairro de Fátima é o bairro mãe.

- - Quando o senhor. veio morar aqui no bairro?

Nasci no Bairro.

- - Por que o senhor. veio morar aqui no bairro? (algum conhecido, família, parente, etc).

Nasceu no Bairro, os pais já eram moradores do Nossa Senhora de Fátima.

- - Como o senhor adquiriu a terra/lote? (doação, compra, herança, etc.)

O terreno é herança de família, os meus avós já moravam aqui no bairro, vieram no início da ocupação, quando nem era bairro nem nada, aqui tinha trilho, pasto...bem no início do bairro.

- Quais são os costumes, tradições que da comunidade que você conhece ou pratica?

A comunidade faz a festa de Nossa Senhora de Fátima.

- A população participa?

Participa, até evangélicos participam, vai na cozinha para fazer a comida, para fazer as coisas. Não participam da celebração, das novenas.

- O bairro também tem o Ganga Zumba, eles promovem alguma festividade? A comunidade participa?

Sim, no dia da Consciência Negra, a comunidade também participa. No Carnaval também a população participa, festas juninas.

-Aqui ainda têm Escolas de Samba?

Ela está inativa, a Academia do Samba do Bairro de Fátima. Antes tinha na década de 1950 duas escolas: tinha a Academia e a Vila Cruzeiro. Tinha uma na rua Coronel Emílio Martins e outra na Luiz Soares Sobrinho, antigamente era rua A e B, e cada uma tinha uma Escola, e tinham as rivalidades todas, como se fosse de outro bairro e as vezes elas desfilavam no bairro também.

- O senhor vivenciou o período dessas duas Escolas?

Não, quando eu peguei o Carnaval elas já tinham unido, mas Pedro vai enriquecer

muito sua pesquisa, porque ele sabe da época em que eles tinham que matar o cabrito, deixar de molho, limpar o couro, esticar, dar calor, acender o fogo para poder esticar, para afinar o instrumento.

- Na sua infância o senhor viveu o carnaval mais forte aqui?

Sim, aí saíamos lá na Caetano Marinho, inclusive no carnaval do centenário de Ponte Nova foi o Sapé que ganhou.

- Em que o Sr. (a) trabalha? Vigia e pintou automotivo

- Como é o dia-a-dia de quem vive aqui no Bairro?

Tranquilo, a comunidade é participativa nos eventos, se dá bem. Aqui graças a Deus, se você colocar um sonzinho na rua, a comunidade abraça, nem descer para a praça não vai, a maioria da comunidade fica por aqui mesmo.

- Aqui no bairro como as pessoas, normalmente, fazem para se divertir?

Festas e futebol.

- Congado não tem?

Tinha, quando dona Quininha era viva. Essas culturas de raiz já vão se perdendo, até quando dona Quininha era viva, já tinha dificuldade, tinha gente com preconceito e faltou um incentivo para a cultura manter, no Carnaval também não tinha um lugar para fazer as coisas acontecerem.

- Ponte Nova já teve um Carnaval grande?

Sim, vinha muita gente de fora, da mesma forma que hoje Ponte Nova tá saindo para ir para outros lugares, os outros antes que vinham para cá. Isso na década de 1980 ainda tinha esse movimento, Sette de Barros entrou em 1982 e ainda tinha Carnaval.

- Como era a questão financeira para a realização dos desfiles?

Em parte era verba pública, mas as pessoas também ajudavam, com a fantasia, a fazer...tinha os voluntariados, que ajudavam com fantasia, instrumento, a comunidade era participativa

- Quais são as diferenças do Carnaval vivenciado hoje para o Carnaval de antigamente?

Antigamente as pessoas gostavam mais, os desfiles que eram as atrações, as disputas. O

peçoal ia para brincar mesmo, hoje já perdeu um pouco daquele Carnaval raiz, com o som mecânico. Os meninos, na época quando acabava o carnaval ficavam batendo lata, batia lata com duas varas porque antigamente o tamborim era de duas varas, batia no tambor de vinte litros, fazendo o surdo, batia na lata de goiabada, que era mais ou menos parecido com o pandeiro e aí, eles iam batendo as latas, quando chegava a hora que estava na idade deles pegarem o instrumento mesmo para ensaiar, eles já estavam até sabendo bater e hoje os jovens estão desanimados, não é fácil hoje formar uma bateria.

• O Sr (a) se recorda de pessoas que influenciaram o Carnaval com Escolas de Samba no seu bairro?

Totinho (José Pinto da Paixão) Arlindo Golveia, que era benzedor aqui no bairro também e Rivalino, quando a Escola de Samba era na rua de baixo (Vila Cruzeiro) os instrumentos ficavam na casa dele.

• O Sr (a) considera importante o momento de festa? Por quê?

Sim, era muito porque tinha a ansiedade de como iria ficar, como que ia fazer, a ansiedade da disputa, de se sentir importante, porque a maioria era cortadores de cana entendeu?! Era pessoas cortadoras de cana, que lá embaixo, no centro, eles eram invisíveis, não eram enxergados como pessoas que trazia a economia, que gerava a renda dentro da cidade, eles eram invisíveis. Na hora do desfile, eles se sentiam alguém, se sentiam o rei, porque eram aplaudidos, jogavam confetes, ai eles se sentiam gente, e esse era o maior prêmio, maior até do que ganhar o carnaval, todo mundo falava de ganhar o carnaval, mas na realidade o maior prêmio era esse, ser sentido como pessoa, porque eram todos do bairro pobre e cortadores de cana... porque aí a pessoa fala: opa eu existo! Porque quando passam sozinhos não são enxergados, são discriminados, hoje já está melhor, mas naquela época o preconceito era pesado...até 80 ainda tinha essa coisa, porque tinha muita gente mais antiga que nos criaram com esse ar de inferioridade...tanto que aqui se uma loja era muito bonita, muitos aqui tinham receio de entrar na loja, não é que a loja proibia de entrar, mas se achavam pequeno para a loja, achava que a loja era para rico e não para pobre.

• Seu pai foi uma pessoa importante no carnaval da Vila Cruzeiro, você se recorda como era a relação dele com a Escola?

Ele era atuante no carnaval, organizava.

• Quem foi seu pai?

Era um morador do bairro, tinha uma oficina de lanternagem e pintura
--

ROTEIRO DE ENTREVISTAS 3-	
Informações Gerais:	
Entrevistador (a): Janice Estarlino Vidal	
Nome entrevistado (a): Rivalino Antônio da Silva	
Idade:93	Endereço: Bairro Nossa Senhora de Fátima
Tempo de residência no Bairro é: Vida toda, 93 anos.	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando o sr. (sra) veio morar aqui no bairro?</li> </ul> <p>Sou nascido e criado aqui no bairro...nascido e criado no Sapé, tinha quase casa nenhuma.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Senhor fazia parte do Carnaval?</li> </ul> <p>Sim, o Carnaval era muito animado.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor se recorda se havia Escola de Samba no bairro?</li> </ul> <p>Sim, tinha Escola de Samba no bairro, e quem tomava conta era eu.</p> <p>- Qual era a Escola?</p> <p>Vila Cruzeiro</p> <p>- Onde ela desfilava?</p> <p>Na cidade, lá na Avenida.</p> <p>-Quando o senhor saía com a Escola de Samba no Carnaval, tinha fantasia, carro alegórico?</p> <p>Tinha, o carro alegórico nos dois primeiros dias não ia não, mas no último dia ia, apresentava todo mundo de uniforme, fantasia.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A comunidade participava do desfile?</li> </ul> <p>Sim, era animado, o Carnaval aqui era animado.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Havia ensaios? Onde?</li> </ul>	

A gente ensaiava sim, aqui mesmo no bairro de Fátima, na rua de cima (Luiz Martins Soares Sobrinho).
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como era a relação do senhor com o Carnaval?</li> </ul> <p>Eu gostava, eu era o cabeça. Futebol e Carnaval era comigo mesmo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A família do senhor também se envolvia no carnaval? Não, só eu.</li> </ul>

ROTEIRO DE ENTREVISTAS 4-	
Informações Gerais:	
Entrevistador (a): Janice Estarlino Vidal	
Nome entrevistado (a): Olegário Lopes	
Idade: 69	Endereço: Bairro Centro
Tempo de residência no Bairro é: Aproximadamente 25 anos.	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando o senhor veio morar aqui no bairro?</li> </ul> <p>Nasci no Centro, passei um tempo fora, morei em Belo Horizonte e quando retornei, preferi morar no Centro mesmo.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor possui algum vínculo com o bairro e a comunidade?</li> </ul> <p>Sim, por ter nascido aqui, e também tinha o Jornal do Povo que era de família.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O seu bairro possui alguma festa tradicional?</li> </ul> <p>Atualmente tem a festa de São Sebastião, e antigamente tinha o desfile das Escolas.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor se recorda, até quando ocorreram os desfiles aqui na Avenida Caetano Marinho?</li> </ul> <p>Olha, até em 1981 eu tive um Bloco que se chamava Afoxé Filhos de Oyá que fomos campeões aqui na Avenida. Esse Bloco que a gente fazia com origem africana vindo do candomblé, afoxé quer dizer bloco. A gente usava esse tema ligado ao candomblé aos orixás.</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atualmente como é o Carnaval no seu bairro?</li> </ul> <p>Carnaval com Escolas de Samba e Blocos não tem mais, e o Carnaval agora também</p>	

não está mais na Avenida.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na sua infância e juventude, como era o Carnaval no seu bairro?</li> </ul> <p>Eu me recordo muito, eu fui Rei Momo por 13 anos... mas também fui destaque das Escolas, todo ano eu desfilava.</p>
<p>-O senhor desfilou em qual (s) escola?</p> <p>Todas. Desfilava em todas.... A da Vila Alvarenga, da Vila Oliveira, já desfilei pela Escola do Bairro de Fátima e também em Blocos como o Dondocas do Biér,</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor se considera uma pessoa importante do Carnaval de Ponte Nova?</li> </ul> <p>Eu considero que eu gosto de carnaval, mas não acho que sou importante.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando o senhor começou a desfilar?</li> </ul> <p>Eu mexo com carnaval desde 15 anos, já desfilei em Belo Horizonte também...</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seu interesse pelo Carnaval teve a influência de algum familiar?</li> </ul> <p>Meu pai mexia com Bloco antigamente. Meu pai foi um dos criadores do “Aí vem a Marinha”, mas não lembro a data, eu era criança...meu pai é João Lopes, tinha o apelido de João Grilo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor consegue me descrever como ficava a Avenida nos dias de Carnaval?</li> </ul> <p>As Escolas vinham com as alegorias bonitas, mas tinha organização também, que ajudava a enfeitar.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor considera importante o desfile de Carnaval?</li> </ul> <p>Eu acho, o Carnaval faz parte da cultura de uma cidade, faz parte do calendário... É comemorada no Brasil inteiro, é sucesso total.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sobre a elaboração do desfile, quem confeccionava as fantasias?</li> </ul> <p>As Escolas cada uma fazia suas fantasias, mas eu sempre fiz a minha roupa. As Escolas providenciavam os instrumentos e os carros também.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Havia recursos municipais destinados aos desfiles?</li> </ul> <p>O recurso da prefeitura era pouco, a comunidade que se virava fazendo eventos, essas coisas... Para ajudar. A Vila Alvarenga às vezes fazia rifas.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O senhor guarda lembranças da festa?</li> </ul> <p>Sim. Tenho fotos e tenho uma roupa de Rei Momo que eu fiz que eu não dou e não vendo...e a memória...Paixão Carnaval!</p>

## ANEXO 2- Jornais Pesquisados

Jornais Pesquisados de Ponte Nova (1903 a 1955)				
Jornal	Período	Nº de arquivos	Identificação	Observação
A Notícia	05/01/1919 a 28/09/1919	138	PREJR01	Não contém todas as edições
A Notícia	15/02/1920 a 03/03/1923	295	PREJR02	Não contém todas as edições
A Notícia	17/07/1927 a 30/06/1929	843	PREJR03	Não contém todas as edições
A Notícia	30/01//1929 a 14/08/1930	332	PREJR04	Não contém todas as edições
Correio da Semana	25/07/1920 a 05/05/1923	496	PREJR08	Não contém todas as edições
Correio da Semana	09/12/1917 a 09/05/1920	311	PREJR11	Não contém todas as edições
Correio da Semana	20/05/1923 a 25/07/1925	400	PREJR13	Não contém todas as edições
Gazeta da Mata	03/02/1929 a 25/12/1932	592	PREJR32	Não contém todas as edições
Gazeta de Ponte Nova	17/01/1932 a 11/12/1938	670	PREJR37	Não contém todas as edições
Jornal do Povo	21/11/1945 a 13/04/1947	446	PREJR41	Não contém todas as

				edições
Jornal do Povo	20/04/1947 a 11/07/1948	424	PREJR42	Não contém todas as edições
Jornal do Povo	01/08/1948 a 26/03/50	546	PREJR43	Não contém todas as edições
O Piranga	13/12/1903 a 26/12/1915	422	PREJR82	Não contém todas as edições
A Alvorada, A Notícia, A Reação, Correio da Semana, O Município e O Piranga	1905 a 1929	121	PREJR90	Não contém todas as edições
Gazeta da Mata <sup>239</sup>	1953	-	-	-
Gazeta da Mata	1954			
Gazeta da Mata	1955			

<sup>239</sup> Os jornais Gazeta da Mata dos anos 1953, 1954 e 1955 não estão catalogados. Estão disponíveis na Biblioteca Pública Municipal.

### ANEXO 3- Livreto Paradidático



JANICE ESTARLINO VIDAL

**ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA  
DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL**

Viçosa-MG  
2019

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa – Câmpus Viçosa**

V648e  
2019

Vidal, Janice Estarino, 1992-  
Espaço geográfico em festa : o ensino de geografia  
desenvolvido sob o olhar do carnaval / Janice Estarino Vidal  
-- Viçosa, MG, A. Autora, 2019.  
25 p. : il. color. ; 30 x 21 cm.

Produto desenvolvido a partir da dissertação de mestrado  
de mesma autora intitulada "Tempo de folia : um estudo do  
carnaval em Ponte Nova – MG na primeira metade do século  
XX".  
Bibliografia : p. 24-25.

1. Carnaval – Ponte Nova (MG) . 2. Cultura popular. 3.  
Geografia – Estudo e ensino I. Universidade Federal de  
Viçosa. Departamento de História. Programa de Pós-graduação  
em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania. II. Título.

CDD 22. ed. 394.25098151

Bibliotecária responsável  
Alice Regina Pinto Pires  
CRB6 2523

## SUMÁRIO

I - Apresentação.....	1
II - Vamos falar de festa?.....	3
III - Estudando Geografia por meio das festas.....	5
IV - Festas carnavalescas e Geografia.....	8
V - Conceitos Geográficos e Festas.....	9
VI - Escola de Samba e população negra.....	13
VII - Carnaval em Ponte Nova.....	14
VIII - Marcos do passado escravista de Ponte Nova.....	17
IX - Questionário.....	21
X - Anotações.....	22
XI - Sugestões ao Professor (a).....	23
XII - Fontes e Referências Bibliográficas.....	24

## Apresentação

Este material é uma proposta para ser inserida nas aulas de Geografia na etapa da Educação Básica. Por meio dele apresentamos os conceitos Paisagem, Espaço, Território e Territorialidade articulados com a festa de Carnaval.

Nesse sentido, este livreto, que é um material para os educandos, busca auxiliar na abordagem sobre a população brasileira, as contribuições africanas decorrentes da diáspora, o processo de miscigenação do Brasil e a cultura popular.

Dentre os conteúdos presentes em ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL está a alteração da territorialidade do espaço, já que em determinado momento, durante o Carnaval de rua, as avenidas adquirem outro fim - são ocupadas por sujeitos que, em outros períodos cotidianos, são apenas transeuntes naquele espaço. A mudança do poder pelo Território, espaços nobres da cidade que são geralmente ocupados por pessoas com melhores condições financeiras, configura um novo Território, agora popular, no

decorrer das festas. A paisagem efêmera da festa é produzida e mantida apenas no momento festivo, com demarcação de início e fim. Assim, é formada pelas características físicas e acrescentada de elementos invisíveis, como sons, cheiros característicos e as relações sociais estabelecidas no espaço festivo, como de amizade e solidariedade na preparação da festa.

Dessa forma, o ESPAÇO GEOGRÁFICO EM FESTA: O ENSINO DE GEOGRAFIA DESENVOLVIDO SOB O OLHAR DO CARNAVAL possui conteúdos que o permitem ser utilizado em diferentes momentos, tais como: período do Carnaval, Semana da Consciência Negra, 13 de maio. Para tanto, como já dissemos, serão introduzidos os conceitos Paisagem, Território, Territorialidade e Espaço, com o intuito de auxiliar na compreensão e fixação, etc.

Ressaltamos que esse livreto é um desdobramento da dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania, do Departamento de História da Universidade Federal de Viçosa.

**Janice Estarlino Vidal**

Licenciada e Bacharela em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania- Departamento de História/ UFV.  
JANICE ESTARLINO VIDAL

**Linha de Pesquisa:** Tempo e Espaço das Paisagens.  
**Orientadora:** Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

**Título da dissertação:**

TEMPO DE FOLIA: UM ESTUDO DO CARNAVAL EM PONTE  
NOVA- MG NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Material entregue ao programa de pós-graduação em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (Universidade Federal de Viçosa) como requisito avaliativo para obtenção do título de mestre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## Vamos falar sobre festa?

Podemos considerar que as festas são um momento de vivência social que está relacionado ao divertimento.

Há uma multiplicidade de formas de festejar, veja algumas a seguir:



Figura 1- Festa Junina  
Disponível em <https://rotadefestas.com.br/5-cidades-festas-juninas/>. Acesso em 28 de setembro de 2018.



Figura 2- Carnaval em Ponte Nova, 2011.  
Fonte: Arquivo Público Municipal



Figura 3- Desfile da Escola de Samba do Rio de Janeiro "Paraíso do Tuiuti", 2018.  
Fonte: <http://www.jornaldetuzilandia.com.br/txt.php?id=52131>. Acesso em 28 de setembro de 2018.



Figura 5- Carnaval de Recife, disponível em <https://www.pacoteturisnobrasil.com.br/pre-carnaval-em-recife-e-olinda-2017-programacao-de-blocos-e-casas-gratuitos.html>. Acesso em 28 de setembro de 2018.

**Pense e Responda:**

- 1- Em sua opinião, o que é uma festa?
- 2- Quais figuras representam as festas?
- 3- Você consegue identificar de quais regiões brasileiras são essas festas?
- 4- Alguma dessas figuras possui relação com seu município? Qual? Por qual motivo?

Figura 4- Carnaboi- Festa Típica do Amazonas, disponível em <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-festa-tipica-do-amazonas.html>. Acesso em 28 de setembro de 2018.

# Estudando Geografia por meio das festas

## Afinal, o que é festa?

Todos nós já participamos de uma festa, mas nem sempre refletimos sobre ela. Pensar festa é dar importância para: a alegria, o extraordinário, a comemoração, o divertimento e a sociedade.

Uma festa não pode ser caracterizada como tal se conter apenas uma pessoa; ela precisa de um grupo com intenções parecidas para acontecer. Além disso, uma festa sem alegria ou diversão é uma festa incompleta, que não atingiu sua meta. As festas podem ser consideradas acontecimentos que rompem com o comum, pois são momentos diferentes do dia-a-dia.

Durante uma festa, o indivíduo passa a ser dominado pelo coletivo<sup>1</sup>, ou seja, as suas características individuais desaparecem e dão lugar à identidade (características) do grupo onde, por exemplo,

são tocadas músicas que agradem ao grupo. Nela também são preparados alimentos que o grupo gosta, etc.

Pelo fato das festas serem vivenciadas em conjunto, elas fortalecem os laços sociais. Por terem características da sociedade, são importantes por revelarem informações de determinada população.

Logo, por serem eventos que não fazem parte do cotidiano, podem ser<sup>2</sup> definidas como um acontecimento incomum. Os eventos festivos são feitos pela e para a sociedade, e são marcados pela imprevisibilidade. Antes de serem vividas concretamente, as festas são esperadas, imaginadas e sobre elas criam-se expectativas de diversão, encontros e relaxamento perante a rotina estressante.

O divertimento presente nas festas não é algo sem importância; é considerado uma fuga da difícil rotina, ao mesmo tempo em que permite tomarmos fôlego para novamente voltarmos às tarefas e responsabilidades diárias.

Professor aprofunde a discussão sobre festas.

<sup>1</sup> AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira – Significados do festejar no país que “não é sério”**. São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 23-56.

<sup>2</sup> MATTÁ, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997p. 47.

### O que é Geografia? Por que a Geografia se interessa pelas festas?

A Geografia é considerada a ciência que estuda o Espaço Geográfico, ou seja, é o ramo do conhecimento que busca compreender a dinâmica do espaço produzido e transformado direta ou indiretamente pelo ser humano.

Dessa forma, podemos considerar que a Geografia estuda a sociedade e a natureza, com o foco sobre a maneira com que essas se relacionam (como o ser humano interfere no meio natural e como o meio natural influencia na formação das sociedades) e o consequente processo de organização do espaço terrestre.

Os objetivos desses estudos são: contribuir para a melhor maneira de explorar os recursos da natureza, usando-os de forma equilibrada e sustentável, bem como desenvolver melhores formas de ser, de compreender e melhorar as relações sociais<sup>3</sup>.

No decorrer deste material trataremos dos conceitos geográficos Paisagem, Território e Territorialidade, bem como abordaremos o objeto de estudo da Geografia: o Espaço Geográfico.

O Espaço Geográfico é onde todos os acontecimentos sociais e naturais (juntamente) ocorrem. Sendo assim, as festas acontecem no Espaço Geográfico. As festas, como o Carnaval, utilizam os elementos da sociedade e da natureza em conjunto para se concretizarem.

Logo, no Espaço Geográfico, em função das festas, serão formadas Paisagens, Territórios e Territorialidades, que irão permanecer temporariamente, apenas enquanto o festejo durar.



- Professor, aprofunde a discussão do que é a Geografia!
- Professor, estimule a reflexão da relação da Geografia com as Festas!

<sup>3</sup> PENA, Rodolfo Alves. O que é geografia? Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/>. Acesso em 28 de setembro de 2018.

A discussão sobre festas populares é uma estratégia para pensar temas importantes. Além de desenvolver análises sobre um momento de vivência social relacionado essencialmente ao divertimento, objetiva-se, com o aprofundamento da temática, realizar discussões referentes à cultura, à Paisagem, ao controle do espaço e ao fortalecimento dos grupos sociais.

A Geografia, que se interessa por todos os acontecimentos que se fazem presentes no Espaço Geográfico, não poderia deixar de compreender a importância das festas e de estudá-las.



Figura 6- Bloco do Mé / Carnaval de Ponte Nova. 1970/80.  
Fonte: Arquivo Público Municipal.



- Professor, peça para os alunos descreverem uma festa da qual já participaram, contando em qual parte do Espaço Geográfico ela aconteceu.

**Pense e Responda:**

- 1- Existe relação entre a figura ao lado com o conceito de Espaço Geográfico?
- 2- O que a figura ao lado está retratando?
- 3- Você consegue identificar o local retratado nessa fotografia?

## Festas carnavalescas e Geografia

O festejo carnavalesco possui, entre suas funções, a de provocar o riso<sup>4</sup>. O Carnaval ocorre há um longo tempo e em variadas localidades; sendo assim, possui diferentes fases, que apresentam características do tempo e da sociedade que o praticava ou ainda o pratica. Nesse sentido, o que todas as modulações carnavalescas têm em comum, é o fato de serem momentos de festejar.

As diferentes formas de vivenciar o Carnaval apresentam suas particularidades (elementos que as fazem únicas). Essas características são reveladoras de identidades e símbolos daqueles que festejam, como tipo de vestuário, de dança, de música, a

<sup>4</sup> ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Papemig. FCC, 2008, p. 26.

condição econômica dos participantes, enfim, todos os elementos que nos ajudam a compreender a sociedade.

Ao se falar sobre o Carnaval, pode ser que a primeira ideia que surja na mente seja a sua relação com as Escolas de Samba. No entanto, essa festa percorreu longos anos com distintas modulações. Cabe destacar algumas de suas nuances e denominações: Entrudo, Grande Carnaval, Ranchos Carnavalescos e Escolas de Samba. Algumas dessas festas de Carnaval eram celebradas pela elite, como o Grande Carnaval, vivido através de luxuosos bailes em clubes; outras são mais populares, como as Escolas de Samba, que permitem que toda a população participe, independente da sua situação econômica.



Figura 7- Poema escrito por A. Pinto Coelho, intitulado "Momo que chega..." anuncia o início do carnaval em Ponte Nova no ano de 1922. Fonte: Arquivo Público Municipal - Jornal "A Notícia", Ponte Nova - MG, ano IV, 23 de fevereiro de 1922, número 09, página 1. Identificação: PREJRO203.

# Conceitos Geográficos e Festas

## Paisagem

### Pense e responda:

- 1- O Poema *Momo que chega...* se refere a qual tipo de festa?
- 2- O poema retrata a festa em qual cidade?



Divida os alunos em grupos e proponha a realização de pesquisas sobre Entrudo, Grande Carnaval, Ranchos Carnavalescos e Escolas de Samba.

O momento festivo tem a capacidade de alterar as Paisagens, deixando-as completamente diferentes do tempo cotidiano. De maneira simples, compreendemos as Paisagens como tudo o que podemos observar, sentir, ouvir e perceber em uma porção do Espaço Geográfico. Dizemos que as festas proporcionam outra modulação às Paisagens, pois em sua duração há a intensificação das emoções, seja em sua preparação ou no seu ápice, que é o momento do festejar, de forma que o que cotidianamente é calmo se movimentam. Assim, temos vozes, cantos, contatos, afetos e ornamentações que se sobressaem, gerando uma nova configuração da Paisagem.

A Paisagem que se forma por meio das festas tem a característica de ser passageira, pois surge apenas em períodos específicos. Quando termina a festividade, tudo volta ao normal.

Para a Geografia, a Paisagem é um produto cultural resultado do meio ambiente sob a ação humana<sup>5</sup>, ou seja, a Paisagem pode ser compreendida como um produto das atividades humanas sobre o meio (mas que também é influenciada por ele). A Paisagem, para ser formada, precisa do meio natural e de ações humanas nesse ambiente.

Exemplo: para uma festa acontecer, são necessários elementos naturais, como o próprio solo, e também do ser humano, para ocupar, enfeitar e dar sonoridade para essa parte do Espaço, entre outras ações.

#### **Paisagem não é apenas o que vemos**

O conceito de Paisagem inclui outros elementos além dos aspectos visíveis. A Paisagem é formada por identidades, sons, sujeitos heterogêneos, modos de vida e de se relacionar com o

<sup>5</sup> SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. R. RA'EGA, Curitiba, n.7, 2003. Editora UFPR, p. 80

espaço, cheiros, etc. As festas, por exemplo, possuem seus sons característicos que, em alguns casos, como os batuques, são heranças dos povos africanos, cantos ou letras que expressam devoção (em caso de festas religiosas), sofrimento ou mesmo protesto (exemplo o samba ou funk, essencialmente em seus primórdios), danças específicas, cheiros das pessoas e dos alimentos, paladar característico (exemplo: festas de comidas ou bebidas típicas), que podem despertar sensações que remetem à infância. As festas são momento de confraternização com os amigos e familiares, o que fortalece os laços.



Figura 8: Preparação para o Carnaval, 1954.  
Fonte: Biblioteca Pública de Ponte Nova

*Apenas a Escola de Samba Vila Cruzeiro está se movimentando ativamente, havendo ensaios quase todas as noites. O grupo do Sapê, sob comando do infatigável Totinho, pretende fazer uma demonstração espetacular durante os três dias, descendo o morro com 30 tamborins, 10 surdos, 3 cuicas, 10 pandeiros e os demais instrumentos de barulho, além de contar com um corpo coreográfico escolhido "a dedo". O popular sambista Lucas é o encarregado dos ensaios da Escola de Samba Vila Cruzeiro.*

Figura 9- Carnaval em Ponte Nova. 1970/80  
Fonte: Arquivo Público Municipal

**Pense e Responda:**

1- A figura da página anterior destaca que além dos elementos visuais, outros elementos fizeram parte do desfile da Vila Cruzeiro, quais são eles? Eles usam qual sentido (audição, visão, paladar, tato ou olfato)?

2- A figura acima representa uma Paisagem? Cite os elementos visíveis presentes nela.

### Território e Territorialidade

De acordo com o autor Claude Raffestin, devemos entender que há relação entre Espaço, Território e Territorialidade. O Espaço é anterior ao Território; o Território é um Espaço que foi apropriado por alguém ou por um grupo<sup>6</sup>.

A territorialidade significa que um indivíduo, ou seu grupo, deixou suas características, suas marcas físicas e simbólicas sobre esse Espaço. Sendo assim, será por meio da territorialidade que o Espaço e, conseqüentemente, o Território formado terão suas identidades e aspectos culturais, com símbolos e valores que conectam os sujeitos e criam a sensação de pertencimento a um grupo.

A festa também altera as relações de poder sobre o Espaço, uma vez que este é apropriado pelos festeiros, os quais, no período cotidiano, não desenvolvem a mesma relação de posse por ele. Sendo assim, o que antes era apenas local de passagem, torna-se um

<sup>6</sup> RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993, p.143.

agora Espaço ocupado por determinado grupo, mesmo que seja por um período breve.

Assim, determinada população apossa-se e faz desse Espaço o seu Território, e, conseqüentemente, atribui a ele suas características, seu modo de festejar, seu corpo, seus movimentos e sua música. A constituição dos Territórios e sua Territorialidade, nunca são totalmente aprovadas, sempre há pessoas que se opõem a



Figuras 10, 11, 12, 13 e 14 pertencem ao acervo do programa de edição de texto e imagem Canva. Acesso em 26 de setembro de 2018.

eles, acarretando em disputas, mesmo que simbólicas, pelo controle do Espaço.

Dessa forma, quando um grupo ocupa uma rua para fazer uma festa, entendemos que eles constroem nesse Espaço o seu Território, no qual será desenvolvida a Territorialidade, que são as características do grupo ocupante, como, por exemplo, um tipo de música ou dança.

Relacionam-se com as categorias de análise Espaço, Território e Territorialidade as discussões sobre o espaço público, pois, em uma festa como o Carnaval, a rua é o local geralmente escolhido para a comemoração. Os espaços públicos<sup>7</sup>, como praças, avenidas e a região central da cidade, tornam-se o lugar de concretização das festas, tornam-se lugares de encontro da população, que coloca suas características nesses locais.

**Pense e Responda:**

- 1- Qual (s) das figuras representa uma Paisagem?
- 2- A Paisagem é composta apenas por elementos naturais?
- 3- O que são elementos culturais? Dê exemplo

<sup>7</sup> MATTA, Roberto da. **Op. Cit.**, 1997, p. 56.

## Escolas de Samba e população negra

Na atualidade, ao se pensar sobre o Carnaval, nossa memória busca os sons dos instrumentos musicais e o ritmo que dá origem ao samba. Esta festa com a musicalidade do samba é repleta de memórias e história, pois começou a ser construída há séculos atrás, quando os primeiros africanos chegaram ao solo brasileiro. O samba é resultado do passado, pois é possuidor de memórias que nem sempre são agradáveis, como a memória da escravidão.

Infelizmente, foi por meio do sistema escravista que esse ritmo musical nasceu no Brasil. É apontado pelo autor Muniz Sodré<sup>8</sup> que o termo “samba” é uma derivação da palavra “samba”, de origem angolana e usada para designar o “encontrão” entre umbigos. No Brasil, a tradição de danças em roda e com umbigadas derivam da influência dos bantos<sup>9</sup>, observada em Angola no século XIX. A

tradição de danças dos povos bantos se espalhou pelo Brasil: por onde o negro banto passou, se fizeram presentes as danças de roda. Logo, os batuques e o modo de dançar dos povos africanos foram trazidos para o Brasil no período escravista, e influenciaram a formação do samba.

Sendo assim, apesar do samba ter se criado em solo brasileiro e de receber influências dos europeus e povos indígenas, que já habitavam o Brasil, este ritmo está intimamente ligado ao povo do continente africano e seus descendentes.

Ao estabelecer em solo brasileiro seus costumes, e diante de uma sociedade preconceituosa, os negros tiveram que criar táticas para facilitar a sua aceitação. Caso contrário, suas tradições poderiam, devido às punições, cair no esquecimento. Dessa forma, com o tempo e com adaptações na música, os ritmos negros começaram a aparecer em festas populares de origem branca. Na segunda metade do século XIX já se encontrava, no Rio de Janeiro, músicas urbanas brasileiras, representada pela modinha: o maxixe, o lundu e o samba. O samba encontrou seu ápice nas Escolas de Samba, que surgiram no Rio de Janeiro por volta de 1920.

<sup>8</sup> SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 edição. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, p. 09- 35.  
<sup>9</sup> CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Dossiê das Matrizes do samba no Rio de Janeiro- partido-alto, samba de terreiro samba-enredo**. Supervisão e financiamento: IPHAN/ Minc, Apoio: Fundação Cultural Palmares. p. p.14.



por meio das notas divulgadas no jornal "A Alvorada", de 1906, as quais evidenciam a presença do Zé-Pereira<sup>12</sup>. O jornal do mesmo ano também apresenta, em contrapartida, uma manifestação carnavalesca privada - o Baile promovido pelo Clube Democrata<sup>13</sup> do município.

O Zé-Pereira é uma forma de festa carnavalesca que surgiu no final do século XIX<sup>14</sup>, e se espalhou por em diferentes partes do Brasil. Especialmente no seu início, Os Zé-Pereiras eram uma forma de Carnaval de rua composta, sobretudo, pela plebe: os foliões eram negros, brancos pobres, trabalhadores braçais, lavadeiras<sup>15</sup>. Uma das características dos Zé-Pereiras era a ridicularização das classes superiores através das fantasias. Sobre a sonoridade do festejo, essa era realizada por bumbos e tambores de lata.

Dessa forma, ainda em 1906 era perceptível em Ponte Nova diferentes modos de praticar o Carnaval, destinados a públicos distintos. A primeira informação (Zé-Pereiras) refere-se a um

Carnaval de rua, aberto ao grande público, ou seja, podendo ser festejada pela população financeiramente menos favorecida, enquanto a segunda refere-se a um clube que irá promover o Carnaval. O clube possui sócios, que são pessoas que pagam mensalidades para assim serem, ou seja, sua condição financeira permite destinar dinheiro para gastos, além dos considerados básicos.

Outra forma de manifestação de Carnaval de Ponte Nova são as Escolas de Samba, que surgiram no século XX. As Escolas de Samba possuem a característica de serem uma forma popular da festa, que permite ampla participação da população.

Como já apresentamos, o samba que se faz presente nessa manifestação recebeu influências dos africanos escravizados e de seus descendentes por meio da forma de dançar, do ritmo da música e dos instrumentos de percussão, como os tambores. Em Ponte Nova, essa forma de diversão seguiu a regra, tendo sido desenvolvida em bairros de população pobre e negra.

Uma das agremiações tradicionais do município, a escola de samba Academia de Samba do Bairro de Fátima, está localizada em

<sup>12</sup> Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>13</sup> Jornal A Alvorada, Ponte Nova, 25 de janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.

<sup>14</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Eos da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 46.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 47.

um bairro declarado oficialmente pela Fundação Cultural Palmares como comunidade remanescente quilombola.



Figura 16- Desfiles de Carnaval ao ritmo do Samba. 1970/80.  
Fonte: Arquivo Municipal

existem símbolos desse passado. Apesar do foco deste livreto ser uma marca imaterial, que é o samba, acreditamos ser importante mencionar algumas marcas físicas, construções relacionadas ao passado escravista, já que os aspectos imateriais estão relacionados aos materiais, e ambos se vinculam à diáspora negra (vinda forçada de africanos escravizados para o Brasil).

O passado escravista do município está vinculado especialmente com a atividade econômica da agricultura. Ainda hoje

## Marcas do Passado

### Escravista de Ponte Nova

- Cemitério dos escravos, localizado na zona rural do município (Próximo ao Distrito Rosário do Pontal). Construído de rochas gnaisse.

- Fazenda Vau-Açu, que foi moradia de Padre João do Monte Medeiros (Fundador de Ponte Nova), a qual empregou mão de obra escravizada<sup>16</sup>.

- Fazenda Quebra-Canoas, que está em uma zona rural, entre Ponte Nova e Barra Longa. Também fez uso de mão de obra escravizada<sup>17</sup>. Hoje está em estado de degradação.

O autor Renato L. Marcondes<sup>18</sup> nos revela, com base na lista de classificação de escravizados de Ponte Nova (1872- 1875), a

<sup>16</sup> RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. *Op.cit.*, 1993, p. 26.

<sup>17</sup> DIAS, Ava Luiza, Fernandes de Oliveira. *Terra, Trabalho, Parentela e Fé: Uma abordagem sobre o espaço social e a herança afro-descendente na comunidade rural de Nogueira, Ponte Nova, MG*. Departamento de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, p.38, 2007.

presença de 5.585 negros escravizados na localidade. Esses escravos pertenciam no total a 1.296 proprietários.

As informações nos levam a crer que, nos séculos em que a escravidão se fez presente, Ponte Nova tenha recebido muitos africanos destinados ao trabalho forçado na agricultura local.



Figura 17- Cemitério dos Escravos  
Fonte: [http://www.pontaladopatrimoniocultural.com.br/site/bensimculturados/detalhe\\_cau.php?id=688](http://www.pontaladopatrimoniocultural.com.br/site/bensimculturados/detalhe_cau.php?id=688).

<sup>18</sup> MARCONDES, Renato Leite. *Estrutura da posse de cativos no Paraná e em Minas Gerais (1872-1875)*. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu-MG, Setembro/2004, p16.

### Academia de Samba do bairro de Fátima

Uma das Escolas de Samba que fez parte do Carnaval do município por muitos anos foi a Academia de Samba, do Bairro de Fátima. Esta Escola está localizada no bairro Nossa Senhora de Fátima, que faz parte da periferia de Ponte Nova. Esse bairro é reconhecido oficialmente como remanescente quilombola.

A Escola foi fundada pela família Prateado, uma família negra que foi moradora do local. O início de suas atividades ocorreu por volta de 1950, momento em que existiam duas escolas de samba no bairro de Fátima: Vila Cruzeiro e Academia de Samba do Bairro de Fátima, mais tarde fundidas. A junção das duas escolas de samba ocorreu em meados de 1960 e manteve a nomenclatura Academia de Samba do Bairro de Fátima<sup>19</sup>.



Figura 18- Fazenda Vau-Açu  
Fonte: <<http://www.pontenova.mg.leg.br/historia/historia-cidade/historia-de-ponte-nova>, acesso em 07 de março de 2016).



Figura 19- Ruínas da Fazenda Quebra-Canoas.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2015.

<sup>19</sup> VIDAL, Janice Estarlino. "O Território Do Samba Em Ponte Nova MG: Marca Da Resistência De Um Passado Escravocrata". Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa- MG, p. 51, 2016.

Essa Escola desfilou por alguns anos no Carnaval, tendo saído como vitoriosa em 1976. Cabe ressaltar que, popularmente, a Escola também é conhecida como Escola do Sapé, em referência à vegetação de sapé, que era usada pelos moradores locais no início da formação do bairro para cobrir suas casas.

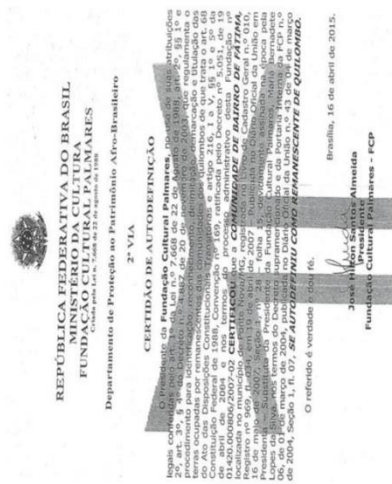


Figura 20- Certificado do Bairro de Fátima de Comunidade Remanescente Quilombola.  
Fonte: Arquivo Pessoal obtido através de um morador do bairro de Fátima.



Figura 21- Trecho do bairro de Fátima  
Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

**Pense e Responda:**

- 1- Você conhece o Bairro de Fátima?
- 2- Você sabia que ele é uma comunidade remanescente quilombola?
- 3- Você sabia da tradição carnavalesca do bairro?
- 4- O seu bairro possui escolas ou blocos carnavalescos?
- 5- Faça uma pesquisa sobre a participação da sua comunidade no Carnaval de Ponte Nova.

Além da Academia de Samba, veja algumas outras Escolas que fizeram parte do Carnaval ponte-novense:

Escolas de Samba de Ponte Nova	Bairro
<b>Escola de Samba</b>	<b>Vila Oliveira</b>
Unidos da Vila	Nossa Senhora de Fátima
Unidos do Sapé	Vila Alvarenga
Acadêmicos da Vila Alvarenga	1º de Maio
Escola e Blocos Caricatos Filhos de Obama	Novo Horizonte
Acadêmicos do Sapé	Triângulo
Independente do Triângulo	Triângulo
Império do Samba do Triângulo	Rasa
Unidos da Rasa	São Judas
Arrastão do São Judas	Tadeu
Unidos do Piranga	Santo Antônio
Unidos de Palmeiras	Palmeiras
Academia de Samba do Bairro de Fátima	Nossa Senhora de Fátima

**Pense e Responda:**

1- Você conhece alguma das escolas mencionadas? Compartilhe as informações com a turma.

## Questionário



- 1- Você se recorda de ter participado de alguma festa de Carnaval? Se sim, descreva a Paisagem dessa festa.
- 2- Defina o conceito Paisagem.
- 3- Defina o conceito Território.
- 4- Por qual motivo a Geografia se interessa pelo estudo das festas?
- 5- As festas têm a função apenas do divertimento? Explique.
- 6- Você considera as festas importantes para manter as relações sociais? Explique.
- 7- Por qual motivo o samba está vinculado à população negra?
- 8- Em Ponte Nova há relação do samba com a população negra? Explique.
- 9- Além das marcas do passado escravista apresentadas nesse livreto, você tem conhecimento de alguma outra?

- 10- Faça uma pesquisa e, posteriormente, um texto sobre a vinda forçada dos africanos para o nosso país. Mencione as contribuições desse povo para a cultura brasileira.
- 11- Em grupo, pesquise e elabore um texto sobre um país do continente africano.
- 12- Faça uma pesquisa com os seus familiares sobre o Carnaval em Ponte Nova, e, caso tenham fotos dessa festa, compartilhe em sala com a turma.
- 13- Você considera importante o estudo das festas na Geografia? Explique.
- 14- Durante as festas carnavalescas é formada uma territorialidade? Explique.
- 15- Como o objeto de estudo da Geografia "Espaço Geográfico" se relaciona com o estudo das festas?





## Sugestões aos Professores:



- A proposta do conteúdo do livroreto pode ser trabalhada em diferentes momentos do ano letivo, como, por exemplo, na semana da Consciência Negra, semana do aniversário do município ou logo após a problematização dos principais conceitos geográficos.
- O livroreto é um material de apoio, portanto, sintia-se a vontade para inserir novas discussões e para aprofundar as que estão presentes nesse material.
- É importante fazer uma problematização prévia do que é a Geografia e dos seus conceitos.
- Que tal realizar uma discussão sobre a Diáspora negra para o Brasil? Pode ajudar muito a compreensão dos alunos!
- Se possível, realize uma aula de campo com os alunos pelos locais apresentados neste material.
- Incentive e estimule a prática da pesquisa pelos alunos.

- Que tal fazer uma festinha de confraternização ao final desse conteúdo?! Certamente será um momento de descontração que ajudará na construção dos laços afetivos entre professor - aluno e aluno - aluno.
- Este material é interdisciplinar. Assim sendo, convida outras disciplinas a fazer parte dessa festa!

## Esperamos que o material ajude vocês na construção coletiva do saber!

- Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá



**FONTES:****Jornais**

- A ALVORADA. Ponte Nova, 25 de janeiro de 1906, ano II, nº 73. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.
- A NOTÍCIA. Ponte Nova, 23 de fevereiro de 1922, ano IV, nº 4. Disponível no Arquivo Público de Ponte Nova.
- GAZETA DA MATA. Ponte Nova, 07 de fevereiro de 1954, ano III, nº 106. Disponível na Biblioteca Pública de Ponte Nova.

**Sites**

- CENTRO CULTURAL CARTOLA. **Dossiê das Matrizes do samba no Rio de Janeiro- partido-alto, samba de terreiro samba-enredo.** Supervisão e financiamento: IPHAN/ MinC, Apoio: Fundação Cultural Palmares.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ALOCCA, Rodson de Andrade. **Análise do campo térmico na área urbana de Ponte Nova, Minas Gerais.** 2018. P. 178. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. BIOCCLIMA-UFV, 2018.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira – Significados do festejar no país que “não é sério”.** São Paulo: Editora da USP, 1998, p. 23-56.
- ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX.** São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/ UFMG; Fapemig: FCC, 2008.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DIAS, Ana Luiza, Fernandes de Oliveira. **Terra, Trabalho, Parentela e Fé: Uma abordagem sobre o espaço social e a herança afro-descendente na comunidade rural de Nogueira, Ponte Nova, MG.** 2007. P. 161. Dissertação de mestrado. Departamento de Economia Doméstica. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG, 2007.
- FARIA, Gláuciane da Conceição dos Santos. **Tradição e Memória: Um estudo antropológico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova- MG.** 2017. P. 686. Tese de doutorado. Faculdade

- de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MARCONDES, Renato Leite. **Estrutura da posse de cativos no Paraná e em Minas Gerais (1872-1875)**. XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Caxambu-MG, Setembro/2004.
- PENA, Rodolfo Alves. **O que é geografia?** Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/geografia/>. Acesso em 28 de setembro de 2018.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1993.
- RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. **Ponte Nova: 1770 a 1920; 150 anos de história**. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 1993.
- SCHIER, Raul Alfredo. **Trajatórias do conceito de paisagem na geografia**. Curitiba: Editora UFPR, 2003
- SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 edição, Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- VIDAL, Janice Estarfino. **O território do samba em Ponte Nova-MG: Marca da resistência de um passado escravocrata**. 2016. P. 74. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Viçosa- MG, 2016.



Carnaval em Ponte Nova. 1970/80  
Fonte: Arquivo Público Municipal

Universidade  
Federal de Viçosa  
Pós-Graduação em História, Geografia, Sociologia, Antropologia e Arqueologia  
**Patrimônio Cultural, Paisagem e  
Cidadania**

**UFV**  
Universidade Federal de Viçosa

